



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CAMPUS SUL – SEDE - MORRINHOS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM HISTÓRIA
LINHA 2: CULTURA, RELIGIÃO E SOCIEDADE

MARIA ALVES DA SILVA

**FÉ E TRADIÇÃO NO MOVIMENTO DOS CARREIROS DO DIVINO
PAI ETERNO: UMA ANÁLISE DA ROMARIA DOS CARROS DE BOIS
(2000-2024)**

MORRINHOS - GO

2025

MARIA ALVES DA SILVA

**FÉ E TRADIÇÃO NO MOVIMENTO DOS CARREIROS DO DIVINO
PAI ETERNO: UMA ANÁLISE DA ROMARIA DOS CARROS DE BOIS
(2000-2024)**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre em História, pelo Programa de Pós- Graduação em História, da Universidade Estadual de Goiás, Campus Sul, na cidade de Morrinhos, sob a orientação do Professor Dr. Daniel Precioso.

MORRINHOS - GO

2025

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UEG
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

A586f	Alves da Silva, Maria Fé e tradição no movimento dos carreiros do Divino Pai Eterno: uma análise da romaria dos carros de bois (2000-2004) / Maria Alves da Silva; orientador Daniel Precioso. -- Morrinhos, 2025. 108 p. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em História) -- Câmpus Sul - Sede: Morrinhos, Universidade Estadual de Goiás, 2025. 1. Devoção.. 2. Carreiros. 3. Motivações. 4. Memória. 5. Religiosidade. I. Precioso, Daniel, orient. II. Título.
-------	--

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Coordenação do Programa de Mestrado em História

ATA DA SESSÃO DE JULGAMENTO DA DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE

MARIA ALVES DA SILVA

Aos vinte e quatro dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte e cinco (24/06/2025), às quatorze horas (14h00min), na Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Sul – Sede Morrinhos, teve lugar a Sessão Pública de Julgamento da Dissertação de Mestrado de **Maria Alves da Silva**, intitulada “**Fé e tradição no movimento dos carreiros do Divino Pai Eterno: uma análise da romaria dos carros de bois (2000-2024)**”. A Banca Examinadora foi composta pelo **Prof. Dr. Daniel Precioso**, Orientador e Presidente da Banca, e pelos professores **Dr. Eduardo Gusmão de Quadros**, Membro Externo, e **Dr. André Luiz Caes**, Membro Interno. Os examinadores arguíram na ordem citada. A mestranda respondeu satisfatoriamente às questões apresentadas. Às 16h20min a Banca Examinadora passou ao julgamento, em Sessão Secreta, estabelecendo os seguintes resultados:

Prof. Dr. Daniel Precioso – Ass. _____

Aprovada (X) Reprovada ()



Documento assinado digitalmente
EDUARDO GUSMAO DE QUADROS
Data: 25/06/2025 10:33:10-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros – Ass. _____

Aprovada (X) Reprovada ()



Documento assinado digitalmente
ANDRE LUIZ CAES
Data: 25/06/2025 17:32:15-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. André Luiz Caes – Ass. _____

Aprovada (X) Reprovada ()

OBS: A acadêmica deverá realizar correções pontuais apontadas pela banca para protocolar a versão final na secretaria do Programa.

Presidente da Banca – Prof. Dr. Daniel Precioso – Ass. _____



Documento assinado digitalmente
DANIEL PRECIOSO
Data: 24/06/2025 19:22:44-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Resultado final: APROVADA (X) REPROVADA ()

Reaberta a Sessão Pública, o Presidente da Banca Examinadora proclamou o resultado e encerrou a Sessão, da qual foi lavrada a presente Ata, que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora, Mestranda examinada e pelo Coordenador do curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em História.



Documento assinado digitalmente
MARIA ALVES DA SILVA
Data: 24/06/2025 19:55:20-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Mestranda: _____

Coordenador: _____

Obs: A aluna deverá encaminhar, no prazo de até **60 dias**, a contar da data da Defesa Pública, os exemplares definitivos da Dissertação para arquivamento e devidos encaminhamentos e a documentação que constam na Resolução do Colegiado do PPGHIS/UEG n. 02/2020, de 17 de dezembro de 2020.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus por ter chegado até aqui, num momento em que minha genitora OLITA ALVES DA SILVA iniciou um tratamento de câncer de mama aos 87 anos vindo a falecer nesse período. Ao ver a força de minha mãe mesmo diante dos dias difíceis que passou, também me enchi de coragem para dar continuidade a esta pesquisa a qual pensei em interromper por diversas vezes para me dedicar inteiramente a ela.

O apoio dos colegas de curso, da família (irmãos e cunhadas) e dos professores de Seminário de Dissertação I e II, além do meu orientador professor Dr. Daniel Precioso, foi crucial para que eu me colocasse a caminho me embrenhando pela literatura e pela história dos carreiros do Divino Pai Eterno e assim, buscar subsídios para atender aos objetivos propostos no projeto de pesquisa.

Também agradeço ao meu esposo José Mário Pereira Lima pelas incontáveis vezes em que me animou para continuar olhando para frente. Toda sua dedicação e disponibilização dos recursos necessários para que eu me deslocasse para Morrinhos foram essenciais para a conclusão deste.

Gratidão aos meus filhos Brunno da Silva Matos, Paula Ludmilla da Silva Matos e Gildecir Rodrigues pelo incentivo constante para continuar seguindo em frente com otimismo.

E, claro não poderia deixar de agradecer a gestora do Colégio Estadual Alonso Lourenço de Oliveira, Luceli Zedes, coordenadoras Léria Vinhal, Aryanne e Rosana Garcia pela disponibilidade em me ajudar organizando os estudantes para que eu pudesse sair mais cedo (no matutino) ou chegar mais tarde (noturno) e assim poder assistir as aulas em Morrinhos.

Não caberia nesta página o nome de todos os meus alunos do 2º e 3º ano do Ensino Médio que por diversas vezes ficaram sem minha presença porque precisei me ausentar mais cedo, devido a distância entre Trindade e Morrinhos. Gratidão a cada um que foi inspiração em todo essa caminhada.

Primeiro domingo de julho

Nesse dia relembrado

Todo ano em Trindade

O Divino é celebrado.

O Divino abençoa

Na hora de Deus, amém.

Os romeiros vão embora

Pra voltar no que vem

(Maria Rodrigues Calado, 1972).

RESUMO

Este estudo investiga a romaria dos carreiros em Trindade-Go, movimento centenário que persistiu em sua existência mesmo com o advento da modernidade marcada por veículos e rodovias movimentadas. A devoção ao Divino Pai Eterno teve início no antigo arraial do Barro Preto com a descoberta do medalhão da Santíssima Trindade encontrado pelo casal de agricultores Constantino Xavier e Ana Rosa por volta de 1840. À luz da antropologia hermenêutica as motivações que levam os carreiros à Trindade foram analisadas como uma prática carregada de significados para estes grupos. Recorremos também a etnocenologia para compreender a simbologia presente no desfile de carros de bois e à retrotopia que oferece aos carreiros e participantes uma âncora no tempo reafirmando identidades e valores num movimento de resistência ao longo dos anos. A coleta de dados se deu por meio de observação participante, anotações no diário de campo e imagens coletadas. Este trabalho sintetizou que fé e tradição são os principais motivadores que levam os carreiros a continuarem participando da romaria anualmente.

Palavras-chave: Devoção. Carreiros. Motivações. Memória. Cultura. Religiosidade.

ABSTRACT

This study investigates the pilgrimage of the *carreiros* (ox cart drivers) in Trindade, Goiás—a century-old movement that has persisted despite the advent of modernity marked by motor vehicles and busy highways. The devotion to the Divine Eternal Father began in the old settlement of Barro Preto with the discovery of the medallion of the Holy Trinity, found by the farming couple Constantino Xavier and Ana Rosa around 1840. In light of hermeneutic anthropology, the motivations that lead the *carreiros* to Trindade were analyzed as a practice imbued with meaning for these groups. We also turned to ethnoscenology to understand the symbolism present in the ox cart parade, and to *retrotopia*, which offers *carreiros* and participants an anchor in time, reaffirming identities and values in a movement of resistance over the years. Data collection was carried out through participant observation, field diary notes, and collected images. This work concluded that faith and tradition are the main driving forces that lead the *carreiros* to continue participating in the pilgrimage annually.

Keywords: Devotion. *Carreiros*. Motivations. Memory. Culture. Religiosity.

LISTA DE SIGLAS

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico

FEGOCAR - Associação dos Carreiros e Federação Goiana dos Carreiros

ASCARGO - Associação dos Carreiros do Estado de Goiás

SECULT – Secretaria de Cultura de Trindade

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Réplica do medalhão do Barro Preto com a imagem da Santíssima Trindade.....	26
Figura 2: Trindade, pintura mural, igreja de Santa Maria Assunta, Armeno, Itália, séc. XV.....	27
Figura 3: Trindade, Guiard des Moulins, Bible historique, séc. XV.....	28
Figura 4: Santíssima Trindade, pintura mural, Masaccio, igreja de Santa Maria Novella Florença, Itália, 1428.....	29
Figura 5: Medalhão central de Glorificação dos Santos Franciscanos ou Glorificação de São Francisco.....	31
Figura 6: Capela com folhas de Buriti onde ficaria exposto o medalhão (1843).....	32
Figura 7: Igreja Matriz em alvenaria.....	34
Figura 8: Representação da localização da Igreja Matriz de Trindade.....	35
Figura 9: Igreja Matriz (1920) como ponto principal da cidade em razão de sua edificação.....	36
Figuras 10 e 11: Altar da Igreja Matriz.....	36
Figura 12: Mapa do Estado de Goiás – (1900) sem a identificação de Trindade como município.....	38
Figura 13: Mapa do Estado de Goiás (2024) com a localização do município de Trindade.....	39
Figura 14: Foto do novo Santuário (1983) (comumente chamado de Igreja Nova até o título de Santuário na década de 2000).....	40
Figura 15: Fieis na área externa do santuário Basílica em 1990.....	41
Figura 16: Sala de Milagres da Basílica do Divino Pai Eterno no início da década e 80.....	43
Figura 17: Bezerro de duas cabeças foi empalhado e deixado no local no início dos anos 1970.....	43
Figura 18: Entrada da nova Sala de Milagres no térreo da Basílica.....	44
Figura 19: Rol de entrada de onde se vislumbra a organização dos ex-votos.....	44
Figura 20: Objetos deixados pelas famílias com destaque para o quadro de Ada Cyra.....	45
Figura 21: Acidente com carro de boi durante transporte de carga.....	46
Figura 22: Acidente com carro de boi durante travessia de rio.....	47

Figura 23: Acidente em que o carro de boi tomba deixando uma pessoa sob a carga transportada.....	48
Figura 24: Bois atrelados às cangas para retirar o grande tronco de cima de um homem que se acidentou como o mesmo ao cortá-lo.....	
Figura 25: Trajeto percorrido pelos carreiros de Araçu até Trindade.....	48
Figura 26: Percurso dos carreiros de Damolândia a Trindade.....	63
Figura 27: Percurso realizado pelos carreiros de Inhumas a Trindade.....	64
Figura 28: Cordel feito em homenagem a Ada Cyra por padre Agnaldo Gonzaga...	66
Figura 29: Carreiro trajando camisa da romaria 2024.....	70
Figura 30: Padre interagindo com o público no percurso rumo ao carreiródromo Ada Cyra.....	71
Figura 31: Carreiros e suas comitivas.....	73
Figura 32: Principais cidades de afluência dos peregrinos carreiros à Trindade-GO – final do século XX.....	73
Figura 33: Carreiros chegando à Trindade, passando pelo Portal da Fé.....	78
Figura 34: Mapa de Trindade.....	79
Figura 35: Carreiros sendo abençoados assim que chegam à Trindade.....	79
Figura 36: Carreiro organizando os carros de bois na Avenida Manoel Monteiro....	80
Figura 37: Carreiros de Orizona a caminho de Trindade.....	82
Figura 38: Início do desfile na Praça da Matriz e no carreiródromo.....	84
Figura 39: Encenação da descoberta do medalhão da Santíssima Trindade e coreografia com a música “Sou romeiro que caminha” (2024).....	86
Figura 40: Apresentação de carros de bois no carreiródromo com destaque para a dimensão da tenda.....	87
Figura 41: Carreiro e cavaleiro interagindo com o público (2024).....	88
Figura 42: Carreiros durante o desfile.....	89
Figura 43: Carreiro de Damolândia declamando poema no Carreiródromo.....	91
Figura 44: Missa dos Carreiros (2024).....	92
Figura 45: Missa dos Carreiros.....	93
Figura 46: Mosaico 1 com imagens do filme Ada Cyra.....	94
Figura 47: Mosaico 2 com imagens do filme Ada Cyra.....	96
Figura 48: Desfile de 2011.....	97

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1 DO ARRAIAL DO BARRO PRETO À “CAPITAL DA FÉ”	23
1.1 Constantino Xavier e Ana Rosa: o começo da devoção.....	24
1.2 Santuário Matriz: o centro da devoção em um município em crescimento.....	32
1.3 Um novo santuário no alto de um morro: os primórdios do atual Santuário Basílica do Divino Pai Eterno.....	39
CAPÍTULO 2 CARREIROS DE TRINDADE NOS RELATOS MEMORIALÍSTICOS: FÉ E DEVOÇÃO.....	47
2.1 A romaria de Araçu-GO.....	61
2.2 Os carreiros de Damolândia.....	63
2.3 Os carreiros de Inhumas.....	65
2.4 Carreiródromo Ada Cyra: o centro da festa a partir do ano 2003.....	67
2.5 A acolhida dos carreiros e o desfile na atualidade.....	81
CAPÍTULO 3 A ROMARIA DO DIVINO PAI ETERNO EM 2024.....	76
3.1 Os caminhos percorridos pelos carreiros na cidade de Trindade.....	77
3.2 Missa dos carreiros no sábado que antecede a festa.....	93
3.3 Homenagens à memória de carreiros falecidos.....	96
3.4 Reflexões sobre as motivações dos carreiros em manter a romaria anualmente...	99
CONCLUSÃO	103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	108

INTRODUÇÃO

Trindade é um município goiano localizado a 18 km da capital Goiânia. Constitui-se de notável historicidade, de modo que é possível abordá-la sob vários enfoques e, nesta pesquisa, três deles constituem nosso objeto: o histórico, o religioso e o cultural. A história de Trindade se iniciou por volta de 1840 no antigo Arraial do Barro Preto quando era habitada em grande parte por fazendeiros. Segundo historiadores, a descoberta de um medalhão com a estampa da Santíssima Trindade coroando a Virgem Maria foi a força motriz para o surgimento da romaria do Divino Pai Eterno.

A história do município também foi construída juntamente com sua cultura, pois, conta com muitos elementos culturais como os carreiros, a própria festa de Trindade, o Grupo Desencanto de Teatro fundado a mais de 20 anos, as Igrejas Matriz e Basílica entre outros que são oficialmente pontos turísticos, justamente porque carregam histórias da cidade que hoje tem como uma de suas principais atividades econômicas o turismo religioso.

A delimitação deste estudo reside nas motivações que levam os carreiros a participarem anualmente da romaria em louvor ao Divino Pai Eterno, uma vez que história, religiosidade e cultura estão de alguma forma envoltos nos motivos que levam esses grupos a se deslocarem de suas cidades, pegarem a estrada por vários dias para chegarem a Trindade e participar da festa religiosa anual. O período de análise é entre 2000 e 2024 em razão das principais mudanças em relação à romaria dos carreiros terem ocorrido nestas duas décadas.

Para revisitar esta história foi necessária uma investigação em nível teórico e prático, o que fizemos para responder aos objetivos e à questão-problema deste estudo. Para o aporte teórico foi necessário recorrer aos trabalhos que investigam a história e vivências dos carreiros, a qual se iniciou em meados do século XIX depois que o casal de agricultores Constantino Xavier e na Rosa encontraram o medalhão de barro com a imagem da Santíssima Trindade. Eles beijaram a imagem, levaram-na para casa e a colocaram em um altar. Aos poucos, a notícia da descoberta foi se espalhando, iniciando-se assim uma devoção que é considerada hoje a maior da região Centro-Oeste (Jacób, 2000, p. 32).

O crescimento do número de pessoas nos terços realizados na casa de Constantino Xavier e Ana Rosa aos sábados motivou o interesse em encontrar um lugar maior para abrigar os fiéis que aos poucos chegavam, relatando graças e milagres. Para tanto, foi construída a primeira capelinha coberta com folhas de buriti a fim de expor o medalhão e acolher mais

pessoas a cada semana. O crescimento orgânico da devoção fez com que, ao longo dos anos, surgisse a necessidade de se construir um local maior que pudesse abrigar mais pessoas a cada ano e, assim, no início da década 1990 foi erguido um templo de alvenaria, atual Santuário Matriz (Reinato, 2009 p. 32).

O crescimento do arraial, que mais tarde se transformou no município de Trindade, se deu em meio ao catolicismo popular e o romanizado. Emiliano Unzer Macedo (2008) ressalta que a religiosidade popular¹ reúne crenças, práticas, rituais, narrativas e símbolos originários de outras fontes que não àquelas aceitas pelas lideranças religiosas, mas sendo por elas toleradas, até que seja reconhecida e oficializada. Na realidade, como procuraremos demonstrar, houve intercâmbio (circularidade cultural²) entre essas duas formas de catolicismo na festividade em questão.

Sob esta configuração popular, Constantino Xavier e Ana Rosa juntamente com os féis que acompanhavam as manifestações religiosas diante do medalhão de barro deu continuidade a esse fenômeno cultural, fruto da fé que esse povo carregava consigo. O desejo de tornar a medalha conhecida levou Constantino até Pirenópolis para encomendar do artista plástico Veiga Valle³ outro medalhão semelhante para substituir aquele encontrado e carcomido pelo tempo, possivelmente pelo longo período que passou em contato com a terra.

De acordo com Amir Salomão Jacób (2000), quando Constantino retornou para buscar o novo medalhão, não se sabe o motivo pelo qual Veiga Valle o entregou uma imagem de 30 cm esculpida em madeira no lugar de uma medalha⁴. Diante do valor da encomenda, Constantino deixou seu cavalo para pagar a dívida e voltou para Trindade a pé. Por onde passava para descansar nas fazendas, a imagem ia sendo conhecida e a notícia de que estava retornando

¹ Desde a época colonial – como afirmam os historiadores Laura de Mello e Souza, em *O Diabo e a Terra de Santa Cruz* (1986) e João José Reis, em *A morte é uma festa* (1991) – o catolicismo praticado no Brasil era o “catolicismo popular”, ou seja, se afastava do modelo tridentino (romano) e se ancorava no culto aos santos, em grandes festas e solenidades (regadas a comidas, bebidas e fogos de artifício) e a um tipo de religiosidade do *toma-lá-dá-cá*.

² Aqui fazemos referência ao historiador Carlo Ginzburg, que na apresentação do seu livro *O queijo e os Vermes* (1976), veicula a noção de “circularidade cultural”, a partir de considerações de Mikhail Bakhtin, o qual afirmava que na cultura das classes dominantes e na das classes subalternas existiu, na Europa pré-industrial, um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, assim como de cima para baixo. Ginzburg demonstra como havia intercâmbio entre a cultura dita popular e a erudita, o que pode ser observado em seus questionamentos sobre esse assunto: Até que ponto a primeira está subordinada a segunda? É possível falar de circularidade entre os dois níveis de cultura?

³ José Joaquim da Veiga Valle nasceu no Arraial da Meia Ponte (atual Pirenópolis-GO). Foi artista escultor e dourador em Goiás. Sua obra começou a ser estudada a partir da década de 1940, quando foram feitas catalogações e exposições, como a no Museu de Arte de São Paulo. Ele esculpia imagens em geral tendo como matéria-prima o cedro. Em sua trajetória de santeiro, o artista produziu santos diversos, conforme a devoção de cada pessoa que encomendava (Santos, 2016).

⁴ Embora grande parte da literatura que trata do surgimento da romaria do Divino Pai Eterno faça referência à Veiga Valle como o artista plástico que esculpiu a pequena imagem da Santíssima Trindade em substituição ao antigo medalhão, não se sabe ao certo se esta autoria é de fato dele, pois as características estilísticas da imagem hoje presentes no altar-mor do Santuário Matriz de Trindade se distanciam daquelas produzidas por Veiga Valle.

para casa com ela foi se espalhando entre os fazendeiros e os moradores do arraial, de modo que ao chegar ao Barro Preto foi recebido com festa e naquele momento, surgiu também o motivo da tradicional peregrinação ao Santuário, o desejo de conhecer e venerar a pequena imagem representando a Santíssima Trindade⁵.

Até que a devoção fosse reconhecida oficialmente pela Igreja Católica, o povo do arraial do Barro Preto enfrentou muitas dificuldades com a congregação dos padres redentoristas no processo de transformação da religiosidade popular para oficial⁶, conforme descrito pelos memorialistas selecionados para a presente pesquisa. Contudo, estes obstáculos não foram capazes de barrar o crescimento da devoção e hoje Trindade recebe mais de dois milhões de pessoas anualmente para prestar seu culto ao Divino Pai Eterno e agradecer por uma graça alcançada, muitas delas registradas nos ex-votos da Sala de Milagres do Santuário Basílica (Reinato, 2009).

Em meio a todo esse movimento, os carros de boi e os carreiros também fizeram parte da história do município. Nos primórdios da romaria do Divino Pai Eterno, estes carros eram considerados o meio de transporte mais adequado para acomodar grupos maiores de pessoas, incluindo mulheres, crianças e o conjunto de acessórios necessários naqueles deslocamentos como roupas, mantimentos entre outros.

Essa tradição que se iniciou juntamente com a história do município permanece até os dias atuais e vem crescendo a cada ano. Em Trindade esse crescimento se dá tanto entre os carreiros, quanto entre os demais peregrinos que chegam anualmente em veículos ou a pé. Estes últimos se deslocam de vários lugares do estado e alguns caminham por dias como os peregrinos de Brasília, Mato Grosso e Minas Gerais que, assim como os carreiros, passam dias nas estradas, mas a maior parte do movimento acontece pela Rodovia dos Romeiros (GO-060). O percurso da peregrinação inclui um total de 18 quilômetros⁷ de caminhada, a qual durante as 24 horas do dia fica repleta de diversos romeiros de lugares distintos e também da própria cidade de Trindade.

Embora sejam grupos distintos no que diz respeito à forma de deslocamento e organização, tanto os caminhantes quanto os carreiros são peregrinos. De acordo com Souza

⁵ Amir Salomão Jacob (2002), na apresentação do livro *A Santíssima Trindade do Barro Preto*, descreve que em suas observações junto aos fiéis que frequentam a romaria do Divino Pai Eterno, pode-se perceber a fé presente naquelas pessoas, sendo esta uma fé que traduz visível intimidade de amor entre o devoto que reza e a divindade que escuta, escondida na fragilidade de uma pequenina imagem.

⁶ Nesse movimento podemos entender a ideia de circularidade apontada por Carlo Ginzburg (1976).

⁷ O caminho entre Trindade e Goiânia é composto por vários elementos, como barracas de apoio aos romeiros, comércio temporários, além de contemplar grandes painéis que simbolizam as estações da Via-Sacra pintadas pelo artista Omar Souto na representação da Paixão de Cristo, trabalho que consolidou a Rodovia dos Romeiros como a maior galeria a céu aberto do mundo (Enoque; Almeida, 2021).

citado por Enoque e Almeida (2021) os peregrinos expressam valores e confiança nos espaços sagrados e tais práticas podem ser verificadas em seus comportamentos de origem física e simbólica. Segundo o autor, as dinâmicas vividas nos espaços de peregrinações apontam para manifestações de fé e devoção popular definidas em âmbito social e cultural, as quais apresentam dimensões da vida que estão para além do aspecto religioso (Enoque; Almeida, 2021).

Nessa perspectiva, tanto os carreiros, quanto os demais peregrinos dão continuidade à tradição religiosa iniciada pelos antepassados no final do século XIX, cujas práticas estão presentes na atualidade. Essas dinâmicas são evidenciadas nos grupos de carreiros, entre os quais existem várias histórias que na verdade se traduzem num movimento de resistência, pois as viagens duram dias debaixo de sol, vento e poeira, além de acontecerem com atenção redobrada para que os animais consigam seguir a viagem sem sofrimento.

Nesse sentido, o objetivo geral desta dissertação é realizar uma análise histórica do simbolismo dos carros de bois e dos carreiros a partir de descrições dos memorialistas e da autora, utilizando, para tanto, também registros fotográficos. Os objetivos específicos são investigar historicamente a romaria do Divino Pai Eterno e sua relação com a romaria dos carros de bois; descrever as cidades que têm grupos de carreiros; e identificar o simbolismo dos carros de bois e dos romeiros na romaria do Divino Pai Eterno.

O método utilizado nesta dissertação é o etnográfico, em razão de ser adequado para analisar e observar o fenômeno “de dentro e de perto” (Magnani, 2002) e, desse modo, entender como acontece o movimento dos carreiros em Trindade-GO durante a festa do Divino Pai Eterno, sua importância para os grupos e pessoas que acompanham esta tradição no percurso para a romaria e no dia do desfile no carreiródromo da cidade.

As anotações da observação participante foram realizadas em caderno de campo, sendo de falas ouvidas em campo que foram registradas, preservando ao máximo a oralidade original⁸. Além destas fontes, consultamos documentos e fotografias publicadas nas redes sociais do Santuário Basílica, Igreja Matriz e Prefeitura Municipal de Trindade, incluindo também os nossos registros fotográficos da festa de 2024. As fotos de arquivo pessoal e das redes sociais citadas anteriormente foram selecionadas em termos de relevância e qualidade, assim como as

⁸ Como aponta Magnani (2022), no processo de investigação é preciso levar em consideração o que é visto e experimentado, mas também o que não é explicitado, aquilo que é dado por suposto – isto é, de uma colocação geral, que supostamente se entende, vai se subtraindo questionamentos, até que tudo se torne explícito. E Braga (1998) esclarece que a linguagem é um ponto indispensável a se considerar, uma vez que apenas o autor da sentença pode oferecer a dimensão exata, o conteúdo e as razões de suas colocações, pois são as experiências que definem o conteúdo significativo da sentença.

anotações do caderno de campo, constituindo amplo material de dados.

De acordo com Braga (1988), a etnometodologia tem suas origens na fenomenologia, com marcas do interacionismo simbólico e da sociologia weberiana. Esse modelo valoriza a compreensão do social e o observador busca compreender aquilo que o sujeito já havia interpretado dentro do seu universo simbólico. É um estudo de significado da “vida diária”. Esta posição metodológica se opõe aos modelos tradicionais de tratar os problemas de ordem social (essência vista “de fora”), por meio da qual se cria a própria interação, como uma nova maneira de compreender a realidade, sabendo que a apreensão total de nenhuma delas acontecerá plenamente (Braga, 1988).

Por residir em Trindade desde a infância e ter conhecimento do movimento dos carreiros (chegada, acomodação, posicionamento para o desfile e partida no final da romaria), tive condições de me posicionar para observar os carreiros durante a romaria de 2024. Minha intenção também foi observar a dinâmica dos colaboradores da Secretaria do Turismo, Prefeitura Municipal, Associação dos Carreiros e dos Santuários Basílica e Matriz de Trindade, buscando me aproximar melhor das atividades realizada em prol dos carreiros, desde a organização do Carreiródromo Ada Cyra, perpassando pelos preparativos (*kits* entregues aos carreiros), interação dos religiosos com romeiros e carreiros no percurso de carros de bois (em frente a Igreja Matriz), além do público e organizadores do evento no Carreiródromo Ada Cyra durante o desfile.

As motivações que levam os carreiros até Trindade foram sendo esclarecidas ao longo das observações e, principalmente, no dia do desfile, quando houve a concentração de 450 carros de bois de vários municípios goianos: Inhumas, Turvânia, Mozarlândia, Caldas Novas, Mossamedes, Caturai, Nerópolis, Damolândia, Taquari, São Miguel do Passa Quatro, Vianópolis, Senador Canedo, Caldazinha, entre outros, com destaque de um carro de Taquari-MG. As observações deste movimento durante a festa de Trindade, juntamente com relatos vindos destas pessoas durante o período do desfile e despedida da cidade, foram fundamentais para compor o corpo de informações necessárias para a discussão apoiada na literatura consultada para esta pesquisa e assim corroborar nossos objetivos.

Também utilizamos em nossa análise a etnocenologia, pois o ápice da romaria dos carreiros acontece no desfile dos carros de bois, na quinta-feira que antecede ao encerramento da festa de Trindade. Pradier (2013) define a etnocenologia como o estudo de comportamentos humanos espetacularmente organizados no amplo universo das expressões humanas e que se diferenciam pelo caráter de ser “espetacular”. Utilizamos, assim, este método para compreender

como o desfile dos carros de bois se insere na hermenêutica dos símbolos carregados pelos carreiros numa perspectiva semiótica dos elementos visíveis da romaria.

A antropologia hermenêutica (ou simbólica) de Clifford Geertz defende que, para o sujeito apreender qualquer relação social ou significado atribuído por determinado grupo, é necessário que ele realize um estudo etnográfico que busque como resultado a descrição densa, uma vez que é por meio dela que se pode entender as teias de significados nas quais os sujeitos estão imersos. Geertz (1978) afirma que o ser humano é um animal amarrado a teias de significados tecidas por ele mesmo. Neste sentido, este antropólogo assume a cultura como sendo essas teias e a sua análise é entendida não com uma ciência experimental em busca de leis, mas como ciência interpretativa que procura significado.

Em “Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa”, Geertz (2008, p. 281) demonstra que “assim como a hermenêutica no campo teológico estuda os textos e leis sagradas, é possível fazer uma interpretação nova de textos e leis já estabelecidos em uma determinada cultura”. Isso porque ele mergulha nos elementos que fazem parte daquela cultura observada e analisada. A partir de uma briga de galos que para muitos não passa apenas do embate entre duas aves que são colocadas num “ranking” para lutar, Geertz consegue enxergar além, pois, ele conclui, que os galos apenas brigam, o que está por traz deles são os homens que de certa forma querem medir sua força e/ou *status* em meio ao evento.

Para ele, o que torna a briga de galos balinesa absorvente não é o evento em si, mas o significado que ela ganha a partir da migração da hierarquia, sendo psicologicamente uma representação esopiana do ideal, altamente narcisista da condição de macho, sendo que em termos de representação é uma interpretação profunda sentida dos próprios eus no contexto da vida cotidiana (Geertz, 2008).

Esta profunda experiência que o levou a perceber situações tão peculiares em Bali, pode ser encontrada, sentida na religião, que segundo ele é “qualquer objeto, ato, acontecimento, qualidade ou relação que serve como vínculo a uma concepção”, que é o significado do símbolo (Geertz, 2008 p. 67).

Nesse sentido, o cortejo de carreiros é um símbolo da festividade de Trindade, que veicula uma concepção, isto é, um significado/sentido compartilhado pelos participantes. Esse significado foi minha descrição feita através do método etnográfico que perseguimos neste trabalho. Desse modo, o cortejo de carros de boi expressa “formulações tangíveis de noções, abstrações da experiência, fixadas em formas perceptíveis” conforme expressão por Geertz (2008, p. 68).

Assim, este antropólogo também demonstra a dimensão cultural da análise religiosa a partir de um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporados em símbolos, ou seja, um sistema de concepções herdadas demonstradas em formas simbólicas que permitem aos homens se comunicarem, perpetuarem e desenvolverem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida.

Em Gali, Geertz somente conseguiu ter percepção da simbologia da briga de galos para aquela comunidade, quando ele e a esposa entraram no jogo após compartilharem com os balineses a fuga de uma batida policial durante uma destas rinhãs. “[...] isso me colocou em contato direto com uma combinação de explosão emocional, situação de guerra e drama filosófico de grande significação para a sociedade cuja natureza interna eu desejava entender [...]” (Geertz, 2008 p. 286).

Foi também a partir deste evento que eles foram aceitos como integrantes da comunidade balinesa. O fato de não terem apresentado seus papéis aos policiais logo de cara, mas terem fugido como todos os aldeões, os tornava co-aldeões integrando-se ao grupo observado. Nesse sentido, sentir-se parte, é a oportunidade de conhecer melhor um povo ou lugar.

Da mesma forma, o ritual/cerimônia pública (como é o cortejo de carros de boi em Trindade) “constrói uma estrutura simbólica na qual a realidade da sua filiação pode ser sentida” (Geertz, 2008 p. 212) pelos participantes e pelo antropólogo que consegue enxergar o significado cultural do evento “por cima dos ombros” dos seus protagonistas.

Esta estrutura simbólica é percebida em grande parte do cortejo e também no carreiródromo, palco central do desfile onde nossa análise lançou mão da espetacularidade, uma vez que além do cortejo dos carros de bois, acontecem diversas apresentações como a encenação da descoberta do medalhão da Santíssima Trindade trazendo à tona o início da devoção ao Divino Pai Eterno, desfile dos muladeiros e cavaleiros, além de *show* sertanejo que ocorre mais no final da tarde quando o desfile se encerra, pois, um grande público permanece no carreiródromo acomodado em barracas particulares montadas apenas no dia do evento.

Armindo Bião (1999), citado por Veloso (2008), diferencia três grupos de atividades cênicas passíveis de análise: os conjuntos das artes do espetáculo, os ritos espetaculares e, um terceiro, mais complexo, das formas cotidianas que são repetidas rotineiramente em um mesmo espaço. Veloso (2008) relata que é no campo desses três grupos que estão as noções de teatralidade e espetacularidade. Na teatralidade, a pessoa age e se comporta com uma consciência mais ou menos clara de organização para o olhar do outro. A espetacularidade, por

sua vez, se caracteriza pela consciência clara, reflexiva, do olhar do outro e do próprio olhar para apreciar a alteridade.

Para esta análise também lançamos mão da retrotopia, termo cunhado por Zygmunt Bauman (2017) para descrever uma tendência contemporânea de idealizar o passado como um refúgio diante das incertezas do futuro. A relação entre este termo e a romaria dos carros de bois se dá porque este movimento representa um retorno às origens, ao resgatar modos de vida e deslocamento de um tempo anterior à modernização. Por carregar um simbolismo religioso e cultural, a romaria dos carreiros evoca um passado em que a vida era mais comunitária, simples e em maior sintonia com a natureza.

Do ponto de vista da retrotopia, esta tradição pode ser percebida como uma manifestação do desejo coletivo de resgatar valores e costumes do passado, compreendidos como mais autênticos e estáveis, em contraposição a um mundo que se moderniza de maneira muito rápida em todos os sentidos. Neste entendimento, participar ou celebrar da romaria de carros de bois pode ser uma maneira de anunciar um anseio retrotópico, uma busca por segurança e identidade em um passado idealizado (Bauman, 2017).

Esta dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro abordamos a história do Arraial do Barro Preto, fazendo um percurso do seu desenvolvimento até a modernidade, momento em que Trindade é considerada a “Capital da Fé”, título conferido oficialmente em 25 de maio de 2023 com a sanção do governador Ronaldo Caiado da Lei 21.951/2023, publicada no suplemento do *Diário Oficial do Estado* (Secretaria de Comunicação – Governo de Goiás, 2023).

Também tratamos do mistério da Santíssima Trindade a partir de uma retomada histórica em que utilizamos também a iconografia para demonstrar que a representação das Três Pessoas não é recente, uma vez que foram descritas inicialmente com a figura de Deus Pai e Deus Filho com a presença do Espírito Santo sendo que a Virgem Maria passa a compor a trindade somente a partir do Concílio Vaticano I em 1870. A pessoa de Nossa Senhora junto à Trindade é encontrada no Brasil em outros lugares além de Trindade, como em Minas Gerais.

Este retorno ao passado ampliou nosso entendimento sobre a Santíssima Trindade e os significados que Ela tem para os devotos e carreiros que retornam anualmente para celebrar a festa anual em louvor ao Divino Pai Eterno, num movimento circular que não se encerra, pois, além de se compor por devotos que fazem isso há anos, também conta com outras pessoas que apenas visitam a cidade por ocasião da festa, ou se juntam àquelas que já seguem a tradição.

Neste capítulo situamos os Santuário Matriz e Basílica a partir de seu processo histórico e por meio desta historicidade, os carreiros do Divino Pai Eterno e a funcionalidade do carro de

bois na formação do Estado de Goiás como principal meio de transporte de pessoas e cargas, além de destacar sua presença nas antigas fazendas onde também eram muito úteis para vários tipos de transporte de cargas. Tais funcionalidades estão ilustradas também em alguns ex-votos que trazem os carreiros em situações corriqueiras na lida no campo.

No capítulo dois descrevemos os carreiros de Trindade nos relatos memorialísticos por meio do qual abordamos fé e devoção. Para tanto recorremos a relatos e descrições das primeiras viagens de carros de bois para Trindade com descrições de pousos, as dificuldades enfrentadas pelos carreiros não somente pelos desafios das estradas, mas também pela falta de apoio do poder público que permaneceu por muitos anos até que se chegasse ao reconhecimento que os carreiros têm hoje tanto em Trindade, quanto nas outras cidades por onde passam.

Também destacamos o carro de boi enquanto memória coletiva a partir do canto das rodas que evoca o passado mesmo num tempo moderno, em que os automóveis serpenteiam as cidades e rodovias, de modo que o canto das rodas também é símbolo que só pode ser entendido por aqueles que mergulham na experiência dos carros de bois com seus carreiros que constroem sua história.

Ainda no capítulo dois delimitamos carreiros de três municípios: Araçu, Damolândia e Inhumas. A opção por descrever estas comitivas em meio às demais que compõem a romaria dos carreiros, se justifica porque Damolândia é a comitiva mais antiga e também a que conta com um maior número de carros de bois (mais de 70). A mesma se junta aos dois municípios e formam um grande grupo vindos de uma mesma região.

Encerramos este capítulo falando sobre Ada Cyra uma menina que sonhava em ser carreira, mas teve sua vida ceifada num trágico acidente em seu primeiro desfile. Tal acidente sensibilizou o então governador da época que se comprometeu a ajudar a construir um lugar específico para o desfile surgindo assim o carreiródromo com o nome da menina. Além disso, descrevemos a acolhida dos carreiros em Trindade. Tal discussão abriu caminho para nossa análise da romaria de 2024, assunto do último capítulo.

No terceiro capítulo apresentamos os resultados da nossa pesquisa etnográfica a partir das observações feitas durante a festa de Trindade e particularmente no cortejo dos carreiros e carreiródromo Ada Cyra, principal palco do desfile. Para tanto, utilizamos a antropologia hermenêutica (ou simbólica) de Clifford Geertz que nos permitiu conhecer mais profundamente a movimentação dos carreiros, o significado da religião e dos símbolos para eles, afinal a romaria se iniciou a partir da devoção ao Divino Pai Eterno. Portanto, entre tantas motivações, a religiosa é a que prevalece.

Além de Geertz, recorreremos a Yi-Fu Tuan (1983) que trata de espaço e lugar na perspectiva da experiência que é rememorada e sentida pelos carreiros a cada ano, desde os pioneiros até os netos, bisnetos que estão dando segmento à romaria, num movimento circular que se dá pelo mito do eterno retorno defendido por Mircea Eliade.

A oportunidade de passar de observadora a “integrante” do movimento dos carreiros (assim como ensina Geertz) durante o período delimitado, permitiu conhecer os caminhos percorridos por eles na cidade de Trindade, ouvir relatos durante entrevistas concedidas a imprensa ou a expectadores do desfile, assistir a encenação que remete à descoberta do medalhão da Santíssima Trindade, a interação dos carreiros e cavaleiros com o público e assistir junto com os carreiros a missa dedicada a eles no sábado que antecede o encerramento da festa.

Estas experiências nos mostraram os motivos que levam esses grupos anualmente para Trindade sendo: curiosidade, cumprimento de promessa, tradição, reinserção de comitivas, participação no desfile, devoção e fé. Assim, a religião e tradição foram os principais elementos motivadores entre os carreiros.

Ainda trouxemos neste capítulo duas homenagens a carreiros falecidos. A primeira é a instituição do Dia Municipal do Carreiro em 21 de outubro. A segunda foi curta metragem produzida em homenagem a menina Ada Cyra a qual retomamos a descrição iniciada no capítulo anterior.

CAPÍTULO 1

DO ARRAIAL DO BARRO PRETO À “CAPITAL DA FÉ”

A Festa do Divino Pai Eterno, hoje conhecida mundialmente, teve seu início com a descoberta do medalhão da Santíssima Trindade, em 1840, pelo casal Constantino Xavier e Ana Rosa quando roçavam o pasto em sua propriedade. Antes de prosseguir com a história do referido casal é importante situar o município geográfica e historicamente.

O trabalho de José Reinato (2009), intitulado “Imaginário religioso nos ex-votos e nos vitrais da Basílica de Trindade-GO”, traz ampla abordagem dessa cronologia, assim como “A Santíssima Trindade do Barro Preto”, de Almir Salomão Jacób (2000). Este último autor descreve que a maior manifestação religiosa da região Centro-Oeste, a romaria de Trindade, teve seu início de forma insignificante em meados do século XIX em pleno sertão, entre gente pobre e esquecida pela classe política dominante. Enquanto fermentavam a mente de intelectuais as teorias positivistas de Augusto Comte e o manifesto comunista de Karl Marx, pensamentos pautados pelo racionalismo e pelo ideal de progresso oriundo do movimento iluminista, o povo dos rincões do Brasil – segundo Jacób (2000) – sobrevivia em meio à miséria material e espiritual, pois religiosamente também estava abandonado.

Reinato (2009) percorre o estabelecimento da Província de Goiás, que começou a se organizar logo depois de 1830, depois da crise provocada pela abdicação de dom Pedro I, quando alguns homens públicos de Goiás assumiram a administração provincial com a adoção da ideia de desenvolvimento. Para tanto, foram abertas escolas para homens e mulheres em várias localidades organizadas pelos destacamentos da Guarda Nacional, a fim de manter a ordem pública em quatro comarcas instaladas (Goiás, Santa Cruz, Cavalcante e Paranã), além da criação de novos municípios.

Na descrição dos três municípios do sul na província de Goiás existentes desde o século XVIII, Reinato (2009) explica que o território foi dividido em três partes, formando os municípios de Santa Cruz, Catalão e Bonfim (Silvânia). O primeiro foi criado em 1776⁹ e contava com um grande território que alcançava todo o sul de Goiás.

A oeste, sua divisa era o rio dos Bois; a sul e a leste, o rio Paranaíba; a nordeste fazia divisa com o município de Santa Luzia (Luziânia) e, ao norte, com o município de Meia Ponte. Em 1833 uma resolução provincial dividiu o distrito em dois, criando os municípios de Santa Cruz e Catalão. No mesmo ano, uma nova resolução criou o

⁹ Jacób (2000), em uma descrição mais abrangente, relata que, na medida em que os povoados goianos do século XVIII iam sendo formados, o sertão goiano passava por transformações importantes marcadas pela busca de ouro, que aflorava com a menor chuva e por capitanias vizinhas onde era possível ver imensas rochas com cenas da Paixão de Cristo supostamente gravadas de maneira sobrenatural – percepção derivada da devoção popular dos viajantes.

município de Bomfim, que incluía todo o território onde já existia o arraial das Campinas e onde alguns anos depois surgiria Trindade e, bem mais tarde, Santa Bárbara e Campestre (Reinato, 2009 p. 315).

A partir de 1833, o sudoeste goiano começou a ganhar sua identidade. Nesse sentido, além da constituição dos três municípios, Santa Cruz ficou sendo a sede da Comarca, a qual contou com juiz de direito nomeado e, com a criação da Assembleia Legislativa Provincial, passou a ter representação política na capital.

Durante a segunda metade do século XIX, o município de Santa Cruz foi sendo repartido, vindo a formar Morrinhos, Piracanjuba e Corumbaíba, além dos distritos de Caldas Novas, Orizona, Itumbiara e Pontalina, que posteriormente ganharam porte de municípios. Além disso, Catalão se dividiu também para formar a cidade de Ipameri. De Bomfim, em 1880, surgiu o distrito de Suçuapara, que depois de dezesseis anos se tornou o município de Bela Vista. Esse distrito tinha uma ampla área e integrava as pequenas localidades de Campinas e Barro Preto, atual cidade de Trindade (Reinato, 2009).

Nas descrições de Jacób (2000), constam informações mais detalhadas da proximidade entre Campinas e Barro Preto. Segundo o autor, distante aproximadamente 40 quilômetros de Campininha, seguindo pela estrada salineira, outro povoado prosperava: o de Goiabeiras, com importante faixa de terra muito produtiva e roteiro imprescindível para quem ia no século XIX para Vila Boa (atual Cidade de Goiás).

De acordo com Jacób (2000) entre um povoado e outro havia um córrego de água salobra, escura, que tinha às suas margens uma lama gosmenta e preta que não tinha atrativo nenhum e, por isso, era conhecido como córrego Barro Preto, que a exemplo dos demais veios d'água de Goiás conheceu o movimento de uma bateia e a expectativa de riqueza por parte de algum garimpeiro.

Foi nesse contexto que Constantino Xavier (um mineiro) e sua esposa Ana Rosa de Oliveira (vinda do arraial de Meia Ponte resolveram tentar a sorte na difícil realidade do campo. Segundo a descrição solene e romanceada de Jacób (2000, p. 49) sobre o casal:

A vida ali não prometia ser fácil: a mata para abrir, as constantes pragas que destruíam as lavouras, o minúsculo rebanho atacado por feras selvagens, além da constante ameaça de doenças que dizimavam o sertão. Como bom mineiro, Constantino era religioso e nesse ponto, vivamente apoiado por Ana que era uma mulher forte, corajosa, típica sertaneja, que tinha grande confiança na Providência Divina. Tão logo se estabeleceram, levantaram, com extrema veneração, um tosco cruzeiro diante da pobre choupana, como era o costume da época. Posteriormente, outras famílias vieram estabelecer-se na mesma região como as famílias de Valentim Romão e Luiz de Souza.

Não há um registro certo da época que Constantino mudou-se para o vale do Barro Preto. No periódico *Santuário de Trindade* (ano III, n. 65 de 01 de julho de 1924), consta que foi por volta de 1830, mas não há documentos que demonstrem isso. Jacob (2000) aponta que, em 15 de agosto de 1823, foi feito no Arraial de Meia Ponte a relação da Companhia de Ordenança pelo Capitão Jozé Ignácio Ferreira, na qual foram cadastrados os homens aptos a fazerem parte da referida Companhia. Constantino sem nenhuma qualificação, conhecido por ser morador do lugar e com 30 anos de idade fez parte dela. O documento original (Livro n. 68) é conservado no Arquivo Histórico Estadual de Goiás. O que se sabe é que na década de 1840 a família de Constantino Xavier e Ana Rosa já estava estabelecida em Barro Preto e tinha o mesmo respeito que os demais moradores (Jacob, 2000).

Pelas considerações anteriores, é possível compreender a presença de moradores (fazendeiros) em Barro Preto – entre os quais estavam Constantino Xavier e Ana Rosa – muito antes da década 1900, na qual o município foi criado e o seu nome alterado para Trindade⁹.

1.1 Constantino Xavier e Ana Rosa: o começo da devoção

Uma vez estabelecidos no Arraial do Barro Preto, o casal Constantino Xavier e Ana Rosa construíram sua história, assim como os demais da região, tendo por base o manejo com a terra para prover alimentos à sua família. E foi nesse movimento de volver a terra às margens do córrego Barro Preto que eles encontraram um medalhão de barro representando as três pessoas da Santíssima Trindade coroando a Virgem Maria.

⁹ “Em 1909 foi criado o Distrito do Barro Preto por meio da lei municipal n. 5, a qual alterava o nome para Trindade, incluindo no seu território o arraial do Ribeirão [...] Finalmente, a lei estadual n. 662, de 16 de julho de 1920, criou o município de Trindade, com território desmembrado de Campinas e a ele anexado o distrito de São Sebastião do Ribeirão. Sete anos depois, sua sede seria elevada à categoria de cidade por meio da lei estadual no 825, de 20 de junho de 1927” (Reinato, 2009 p. 317).

Figura 1: Réplica do medalhão do Barro Preto com a imagem da Santíssima Trindade



Fonte: <https://goiasdenorteesul.com.br/> Acesso em 20 de abril de 2024.

Ao se considerar o mistério da Santíssima Trindade e o sentimento do casal ao encontrar o medalhão com referência as Três Pessoas em questão, recorreremos à antropologia hermenêutica para desvendar o significado cultural e simbólico desse dogma central do cristianismo.

Para Geertz (2008), a religião proporciona um conjunto de referência no qual a experiência humana ganha sentido, as emoções são canalizadas e as ações são justificadas. Nesse contexto, os símbolos religiosos são essenciais uma vez que reúnem vários significados e evocam respostas emocionais profundas.

Geertz (2008) afirma que a religião não é meramente um conjunto de crenças abstratas, mas está inserida num sistema cultural de símbolos que atua para estabelecer humores e motivações poderosos, penetrantes e duradouros nos homens, assim como estabelecer concepções de uma ordem geral da existência. Nessa perspectiva é válido ampliar as reflexões sobre as primeiras menções do termo e para tanto nos apoiamos no estudo de Christiane Meier (2021). Segundo ela, a expressão Santíssima Trindade não aparece no Novo Testamento e levou em torno de cem anos para ser acrescida.

Segundo Oliveira (2010), na tradição católica, Deus Pai é representado como um ancião de barbas longas e brancas que segura o cetro ou globo terrestre. De um modo geral é identificado pela auréola triangular, que faz alusão às três pessoas da Santíssima Trindade. O Espírito Santo, Terceira Pessoa, passou a ser representada simbolicamente por uma pomba, por decisão do Concílio de Niceia (século V). Tal decisão tem como fundamento textos evangélicos, em particular o de São Marcos (1:10), que versa sobre o batismo de Cristo.

A partir do século X, surge uma nova iconografia conhecida por Trono da Misericórdia ou da Graça, na qual o Pai segura o Filho morto na cruz e o Espírito Santo precipita-se sobre o corpo para dar vida. A figura de uma pomba para representar o Espírito Santo é descrita por Louis Réau (1952), historiador da arte religiosa. Segundo ele, o nicho central das Três Pessoas da Santíssima Trindade é ocupado pela representação típica do mistério da Trindade, um Deus único em três Pessoas, cuja evocação provém do batismo de Jesus por João Batista, acontecimento narrado pelos quatro Evangelistas: “Quando foi batizado, Jesus saiu da água. Então os céus se abriram e ele viu o Espírito de Deus descer como uma pomba e vir sobre ele. E eis que uma voz do céu disse: “Este é o meu Filho amado” (Mateus 3:16-17).

Nesta configuração estão representados os componentes da Trindade: Jesus na forma de um jovem seminu carregando um grande crucifixo e Deus Pai personificado na figura de um homem maduro e barbudo; ambos sentados num trono de nuvens e querubins¹⁰.

Figura 2: Trindade, pintura mural, igreja de Santa Maria Assunta, Armeno, Itália, séc. XV



Fonte: Meier, 2021

Os três homens têm o mesmo rosto, mas o que está posicionado no meio carrega um halo de luz a sua volta, destacando-se de modo discreto dos outros, levando-se a supor ser a segunda pessoa, “o Verbo encarnado que habitou entre nós e cuja face é conhecida” (MEIER, 2021 p. 6). Na parte inferior, Abraão se apresenta duas vezes: a primeira, com sua esposa Sara preparando alimentos e, depois, servindo os convidados, um anfitrião zeloso.

Com o advento da Idade Média os artistas dedicaram-se a criar mais variantes da Santíssima Trindade, porém, surgiu a dúvida se deveriam enfatizar o uno ou o trino. Um

¹⁰ Não encontramos no texto de Réau (1952) esta iconografia e por isso citamos referência semelhante extraída de outra fonte.

manuscrito do século XV intitulado *Bible historique*, Guiard des Moulins traz a Trindade com Pai e Filho sentados lado a lado e o Espírito Santo em forma de pomba, ao centro (Figura 3).

Figura 3: Trindade, Guiard des Moulins, *Bible historique*, séc. XV



Fonte: Meier, 2021

Jesus, está à esquerda, com os braços cruzados segurando a cruz com as mãos chagadas à vista. Deus-Pai, por sua vez com a barba e cabelos brancos, segura a orbe terrestre na mão esquerda e, com a direita, aponta para o Deus-Espírito Santo. Ambos têm o olhar para a pomba posicionada entre eles, o que denota a comunhão das três pessoas (Meier, 2021).

Meier (2021, p. 7) afirma

Verificamos que a antropomorfia do Paráclito dar-se-á ainda no século XV. Trata-se de uma pintura parietal, na qual a novidade não é só a terceira pessoa ser igual às outras duas, mas também o fato de as três estarem sentadas à mesa. Para não deixar nenhuma dúvida de que se trata da Trindade Santa, cada um tem um livro aberto a sua frente, no qual se lê: *talis Pater, talis Filius, talis Spiritus Sancti* – tal Pai, tal Filho, tal Espírito Santo. Com a mão direita, indicam a Santíssima Trindade. Os três também apresentam nimbos cruciformes, denotando serem unos, conforme Jesus afirmara que quem O vê, vê o Pai – e, por consequência, o Espírito Santo.

Nota-se que nestas descrições iconográficas não havia a figura de Maria compondo a Santíssima Trindade, uma vez que ela só vem a se tornar objeto de dogma no Concílio Vaticano I em 1870. O estudo de Oliveira (2010) a partir da iconografia cristã também traz referência a esta composição, ainda sem a menção de Nossa Senhora.

Segundo Oliveira (2010) a tradição, Deus Pai é representado como um ancião de barbas longas e brancas que segura o cetro ou globo terrestre. De um modo geral é identificado pela auréola triangular, que faz alusão às três pessoas da Santíssima Trindade. O Espírito Santo, Terceira Pessoa, passou a ser representada simbolicamente por uma pomba, por decisão do

Concílio de Niceia (século V). Tal decisão tem como fundamento textos evangélicos, em particular o de São Marcos (1:10) que versa sobre o batismo de Cristo. A partir do século X, surge uma nova iconografia conhecida por Trono da Misericórdia ou da Graça, na qual o Pai segura o Filho morto na cruz (Figura 4).

Figura 4: Santíssima Trindade, pintura mural, Masaccio, igreja de Santa Maria Novella, Florença, Itália, 1428



Fonte: Meier, 2021

Nesta imagem Deus Pai está em pé e acima com olhos voltados para a frente, tendo em suas mãos uma cruz com Jesus pregado nela. Apesar do corpo forte do Filho, o Pai segura o crucifixo com facilidade, como se não pesasse. Na altura do colo do Pai, está o Espírito Santo em forma de pomba que se precipita sobre o Crucificado.

De acordo com Meier (2021) Maria é a única pessoa que olha para o observador e aponta para seu Filho. Contudo, não está chorando a morte. “Ela é a genitora marcada pela dor da perda, mas segura de que é a Mãe de Deus e que o Espírito Santo Lhe restaurará a vida. Ela nos convida a ter a mesma fé na Santíssima Trindade” (p. 11).

Sobre a figura de uma pomba para representar o Espírito Santo Louis Réau (1952), a descreve como nicho central das Três Pessoas da Santíssima Trindade o qual é ocupado pela

representação típica do mistério da Trindade, um Deus único em três Pessoas, cuja evocação provém do batismo de Jesus por João Batista, acontecimento narrado pelos quatro Evangelistas: “Quando foi batizado, Jesus saiu da água. Então os céus se abriram e ele viu o Espírito de Deus descer como uma pomba e vir sobre ele. E eis que uma voz do céu disse: “Este é o meu Filho amado” (Mateus 3:16-17).

Ao fazer esta descrição Réau (1952) ressalta que o dogma da Trindade é relativamente recente, não aparecendo no Antigo Testamento, embora mais tarde se acreditasse reconhecer uma prefiguração da Trindade nos três anjos recebidos à mesa de Abraão. É, segundo ele, uma construção estranha ao cristianismo primitivo, embora a Trindade tenha se manifestado no Batismo de Jesus e Ele tenha dito aos seus apóstolos (Mt. 28): “Ide, portanto, doutrinais todos os povos, batizai-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”.

A palavra Trindade aparece pela primeira vez em Tertuliano e a crença em Deus “único e trino” e foi estabelecida em 325, no concílio de Nicéia. É por isso que a Trindade, do ponto de vista dogmático, pode ser considerada a pedra angular do cristianismo e, do ponto de vista histórico, revelou-se um grande obstáculo (Réau, 1952).

Sobre a arquitetura religiosa e civil da Trindade, o autor citado aponta que a devoção se traduziu em plantas triangulares ou trilobadas que mereceriam um estudo especial sob o nome de Arquitetura Trinitária no qual a Santíssima Trindade está no centro de um grande triângulo no qual Deus Pai está sobre o mundo acolhendo nos braços a cruz que seu Filho Jesus está pregado.

Ela é também representada numa pintura de 1428 (Figura 4) que ilustra Maria apontando para o seu Filho, João com as mãos postas em oração e o Trono da Graça. A obra está dividida em três planos: ao alto o divino, ao centro as pessoas santas e abaixo os homens (Meier, 2021).

Muitas igrejas dedicadas à Trindade foram construídas seguindo o plano habitual das basílicas, mas às vezes surgiu a ideia de dar-lhes uma configuração especial. O culto à Trindade foi reforçado pela Ordem dos Trinitários, fundada em 1198 por São Juan de Mata para a redenção dos cativos no qual todas as igrejas da ordem foram consagradas à Santíssima Trindade.

No Brasil, a iconografia da Virgem coroada pela Santíssima Trindade é bem comum. Em Minas Gerais, há alguns exemplos, como a coroação do altar-mor da Igreja de São Francisco de Assis apresentado no trabalho de Carla Mary da Silva Oliveira (2006, p. 8):

[...] a Glorificação seria o ápice de um discurso visual que teve, ao longo da construção do Convento de Santo Antônio da Paraíba e de sua decoração interna, diferentes intérpretes. Por isso mesmo, a pintura mantém um diálogo interessante com outras imagens presentes na nave da igreja: ao representar a glória do santo italiano, da

Santíssima Trindade e da Virgem Maria junto a santos mártires da Ordem, repete o sentido de exemplo edificante das cenas da vida de Santo Antônio presentes no forro do altar-mor, mandado pintar entre 1753 e 1755 pelo Frei Manuel das Chagas, guardião do convento.

A glorificação de São Francisco é representada em quatro passagens em forma de medalhões os quais envolvem a cena principal, sendo que toda as representações ali presentes são carregadas de muita dramaticidade. De acordo com Oliveira (2006), os medalhões secundários contêm um desenho em formato de arco de pedra, trazendo em seu fecho uma cartela com um símbolo alegórico associado à cena por meio de vários temas: nascimento, predestinação, São Francisco pregando o evangelho, iluminação de suas palavras, ensinamentos e exumação de suas relíquias.

Na parte superior do medalhão central está a Santíssima Trindade e a Virgem Maria, carregando um estandarte com o emblema da ordem mendicante e um ramo florido de lírio, símbolo da pureza (Figura 5).

Figura 5: Medalhão central de Glorificação dos Santos Franciscanos ou Glorificação de São Francisco



Fonte: Oliveira (2006)

Pintura do forro da nave principal da igreja do Convento de Santo Antônio da Paraíba. Madeira policromada, autoria incerta, c. 1765.

A organização das Três Pessoas da Santíssima Trindade na pintura destacada se difere daquela estampada no medalhão encontrado pelo casal de agricultores no Arraial do Barro Preto. Nesta pintura, o número de anjos que ladeiam a Virgem Maria e amparam Deus Pai e Deus Filho é expressiva, com o detalhe que Maria Santíssima carrega um estandarte, diferente

daquela contemplativa e de mãos postas recebendo a benção das Três Pessoas, presente nas imagens expostas na matriz e no santuário da Basílica em Trindade.

A descoberta do medalhão no Arraial do Barro Preto modificou a rotina do vilarejo, com a reza do terço pelo casal Constantino Xavier e Ana Rosa em torno da pequena medalha. Logo a notícia se espalhou entre os vizinhos, que também passaram a rezar com o casal. “Com a descoberta, o casal reunia a gente humilde da região sempre aos sábados para rezar o terço e, em pouco tempo, a casa já não conseguia acolher tantas pessoas para a oração diante do medalhão” (Reinato, 2009, p. 317).

Em meados de 1848, com o crescimento da devoção, houve a necessidade de se construir um local para abrigar mais pessoas e, assim, foi levantada a primeira capelinha, muito rústica, coberta com folhas de buriti (Figura 6).

Figura 6: Capela com folhas de Buriti onde ficaria exposto o medalhão (1843)



Fonte: Boaventura, 2021.

Para a construção desta capelinha, Constantino Xavier contou com a ajuda de moradores da região. A mesma recebeu o nome de “Casa de oração” pelo casal Xavier, pois era nela que os terços eram rezados diante do medalhão de barro. Para Jacób (2000, p. 44): “a história relata peculiaridades e curiosidades que marcaram a participação dos fiéis no templo religioso de Trindade que, no início, tinha suas celebrações, numa singela capela coberta por palhas”.

Em razão do tempo de exposição e toques, o medalhão ficou desgastado e o reconhecimento das imagens em alto relevo tornou-se difícil. Além disso, Constantino foi informado que, por decisão da Igreja Católica, não se podia venerar imagens cujo tamanho fosse menor que um palmo e nem tampouco que tivesse imperfeições. Constantino, então, decidiu encarnar o medalhão para que atendesse aos padrões exigidos pela Igreja.

Wiggermann (1905), citado por Santos (2023), afirma que Constantino Xavier em concordância com Joaquim Vieira da Cunha e Antônio Vieira da Cunha Santos resolveu levar o medalhão para Pirenópolis a fim de que fosse encarnado. Nesta cidade, segundo uma tradição memorialística que a historiografia especializada contesta, ele se encontrou com o renomado artista Veiga Vale, o qual teria se comprometido a esculpir em madeira uma imagem maior representando a Santíssima Trindade.

Afirma ainda a tradição, que o medalhão teria sido deixado em Pirenópolis com Veiga Valle para que fosse restaurado e encarnado no mesmo ano da construção da nova capela, em 1866, mas o artista teria resolvido fazer uma nova imagem em madeira. A imagem erroneamente atribuída a Veiga Valle tem os elementos do medalhão: mostra a Santíssima Trindade coroando Nossa Senhora.

A historiadora Heliana Angotti Salgueiro, citada por Santos (2023, p. 129), é taxativa ao afirmar que

A autoria da imagem da Santíssima Trindade não deve ser atribuída a Veiga Valle. [...] independentemente da falta de documentação, é discutível considerá-la uma de suas primeiras obras e que se Veiga Valle, realmente, tivesse esculpido a imagem, esta não seria a que está sendo utilizada nos cultos religiosos [...] se Veiga Valle, fez a imagem de Trindade, a que se apresentou como dele, não se enquadra nas qualidades escultóricas que revela sua obra, independentemente das “restaurações” que possam ter alterado a traço que caracterize – aliás policromia é fundamental em qualquer trabalho de atribuição em imaginária, gênero anônimo e codificado.

Sob o olhar da antropologia hermenêutica, o mistério da Santíssima Trindade, pode ser analisado não como uma proposição teológica a ser logicamente decifrada, mas como um símbolo cultural denso, carregado de significados para os fiéis desde o dia em que a devoção se iniciou até os dias atuais.

Nesse sentido, de volta ao pequeno Arraial do Barro Preto com a nova imagem, Constantino e sua esposa continuaram se dedicando a devoção a Santíssima Trindade. Nesse sentido, Jacób (2000) descreve que em 1866 foi demolida a pequena casa de oração para construírem uma capela maior coberta de telhas. Manoel Pio, citado por Jacób, afirmava que foi também Constantino Xavier quem fez outra capela.

No entanto, esta nova capela também não foi suficiente para abrigar os fiéis, tendo sido necessário construir um novo templo que agora fosse capaz de abrigar um número maior de devotos. Assim, no início dos anos 1990 iniciaram-se as obras de uma igreja de alvenaria a qual permanece até a atualidade. Conforme descrições de Jacób (2000, p. 59), Constantino Xavier faleceu em 1854, mas Ana Rosa teve vida longa, vivendo muitos anos após a morte do seu marido, vindo a morrer octogenária.

Segundo informações do Santuário de Trindade de 1924, p. 1 (citado por Jacób), o casal constituiu família numerosa e ainda que tivessem morrido, seus filhos e netos estavam entre os moradores de Barro Preto, de modo que tanto os filhos quanto os netos sabiam contar a origem da romaria e conheciam a história do medalhão da Santíssima Trindade. Em 1900, segundo o livro de recenseamento arquivado na Paróquia de Trindade, naquele lugar ainda morava a viúva Belisária Maria Xavier, com 65 anos, uma das filhas de Constantino Xavier e Ana Rosa a qual nascera em 1835. E o livro de obituário aberto em dezembro de 1900 aponta que a família do referido casal ainda estava na localidade naquele período (Jacób, 2000).

A literatura memorialística e historiográfica não menciona explicitamente quem teria dado continuidade à romaria após o falecimento de Constantino Xavier, mas as descrições de Jacób – sustentadas nos documentos históricos por ele pesquisados –, inferem que a própria esposa do agricultor juntamente com seus filhos e os moradores do Barro Preto deram segmento à devoção que mais tarde veio a se oficializar pela igreja católica.

1.2 Santuário Matriz: o centro da devoção em um município em crescimento

A primeira igreja em alvenaria (Figura 7) foi construída em 1912 na praça central de Trindade (Jacób, 2000). A mesma é ladeada pela casa dos padres, residências, casas comerciais e o antigo cinema (atual Cine Teatro Associação Filhos do Pai Eterno – AFIP).

Figura 7: Igreja Matriz em alvenaria



Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/trindade/historico> (1978) - Acesso em 12 mar. 2024.

O terreno onde foi construída esta igreja foi doado por Constantino Xavier. Esta doação é mencionada por Marcia Alves Faleiro de Carvalho em sua dissertação de mestrado (2007) sobre a romaria do Divino Pai Eterno em Trindade de Goiás no período de 1970 a 2000.

Segundo a autora, ao sentir a necessidade de ampliar o espaço do templo devido ao fortalecimento da fé, “Constantino Xavier fez a doação de um terreno, nas imediações do córrego Cruz das Almas, descendo pelo córrego Barro Preto, local onde foi construído o atual Santuário Velho (Igreja Matriz)” (Carvalho, 2007 p. 17).

Jacób (2000, p. 86) também nos informa que:

[...] em 05 de setembro de 1850, o Patrimônio da Capela que era de légua e meia de comprimento e légua de largura foi doado ao Divino Padre Eterno, sendo doador o próprio casal Xavier [...] a escritura foi assinada por Dona Ana Rosa [...] esse terreno foi avaliado em 200\$000 (duzentos mil réis). O registro dessa doação deu-se em 06/08/1858, sendo pago uma taxa de 1\$160 (um mil, cento e sessenta réis). Recebeu a escritura o Vigário de Campinas, Pe. Azevedo do Nascimento.

Apesar de o terreno ter sido doado em 1850, foi somente no início da próxima década que se iniciou a construção da atual Igreja Matriz, agora com o vilarejo em processo de crescimento.

Um estudo realizado por Boaventura e Silva (2021) descreve como se deu o desenvolvimento do arraial com seu respectivo crescimento, que se refletiu também no aumento das comitivas de carros de boi e de romeiros que iam para Trindade anualmente para participar dos festejos anuais em louvor ao Divino Pai Eterno. O autor reproduz imagens da localização da nova Igreja Matriz, posteriormente à construção da praça (Figura 8).

Figura 8: Representação da localização da Igreja Matriz de Trindade



Fonte: Boaventura e Silva, 2021, p. 21

A figura acima ilustra a planta da nova igreja situada na praça da Matriz a qual ganhou posteriormente uma grande praça separada por uma rua. No início da década de 1980, esta rua foi isolada e a praça complementada, ligando-se à igreja (Figura 9).

Figura 9: Igreja Matriz (1920) como ponto principal da cidade em razão de sua edificação



Fonte: Boaventura e Silva, 2021

Como vemos na figura, a Igreja Matriz do Divino Pai Eterno encontra-se localizada na Praça do Santuário, no mesmo lugar em que Ana Rosa e Constantino Xavier colocaram o medalhão encontrado para que os fiéis interessados pudessem expressar sua fé diante dele.

Figuras 10 e 11: Altar da Igreja Matriz



Fonte: Imagem fornecida pelo professor Robson de seus arquivos pessoais

As figuras acima ilustram o altar da Igreja Matriz (sem data), cuja arquitetura permanece nos dias atuais mesmo com as restaurações pelas quais o prédio passou. Destaca-se a base das colunas, que por muitos anos recebeu cobertura de tinta óleo na cor marrom, mas, com a última restauração, a cor neutra (amarelo claro) voltou a ser utilizada.

A Igreja foi construída em local estratégico no centro da cidade e se observa a manutenção de seu estilo pelas décadas seguintes; nela, há a entrada principal e as duas torres em destaque” (Boaventura e Silva, 2021, p. 27-28). Em seu interior, vislumbra-se o assoalho de madeiras, o qual foi trocado por granitina, retornando posteriormente o assoalho, quando a igreja Matriz foi tombada pelo patrimônio histórico. A viga de sustentação das torres foi restaurada devido a ação de cupins. Grande parte dos reparos na Igreja não alterou sua estrutura básica, conforme observado nas figuras 11 e 12, restringindo-se as alterações à cor da tinta e aos arcos que sustentam as colunas suas colunas laterais.

Em 1958, teve início a primeira restauração, que foi administrada e supervisionada pelo padre Renato Ferreira, quando as janelas foram substituídas por vitrôs e o piso assoalho, por granitina. Além desses reparos houve a mudança da fachada. O local perdeu um pouco de suas características originais e foi reaberto em dezembro de 1960. Em face do tombamento como Patrimônio Histórico de Goiás em 13 de outubro do ano de 1980, ficou assegurado, constitucionalmente, que a igreja poderia ser ressarcida pelo Estado em razão de qualquer necessidade de alteração estrutural. Dessa forma, em 1984 foi realizada uma restauração a fim de ressaltar as características originais de 1912, mas também, evitar o desmoronamento notificado como ameaça de ocorrer nesse período (Reinato, 2021 p. 14).

Em 2010, ocorreram novas mudanças em decorrência da revitalização da cobertura desgastada pela ação de fenômenos naturais. Devido a goteiras com consequente infiltração nas paredes, chapas de zinco das duas torres, calhas e rufos precisaram ser trocados e, em abril de 2011, ela foi reaberta ao público.

Quanto ao calçamento, durante mais de um século as ruas que ladeavam a Igreja Matriz eram de paralelepípedo. Contudo, a gestão municipal de 2011 foi aos poucos as recobrando com manta asfáltica. Esta cobertura facilitou o trânsito de pedestres e automóveis dentro de Trindade e, se modernizou a rua, descaracterizou-a do ponto de vista histórico-patrimonial. Não obstante essa ressalva, as ruas ficaram planas, facilitando também a passagem dos carros de boi pelo centro da cidade.

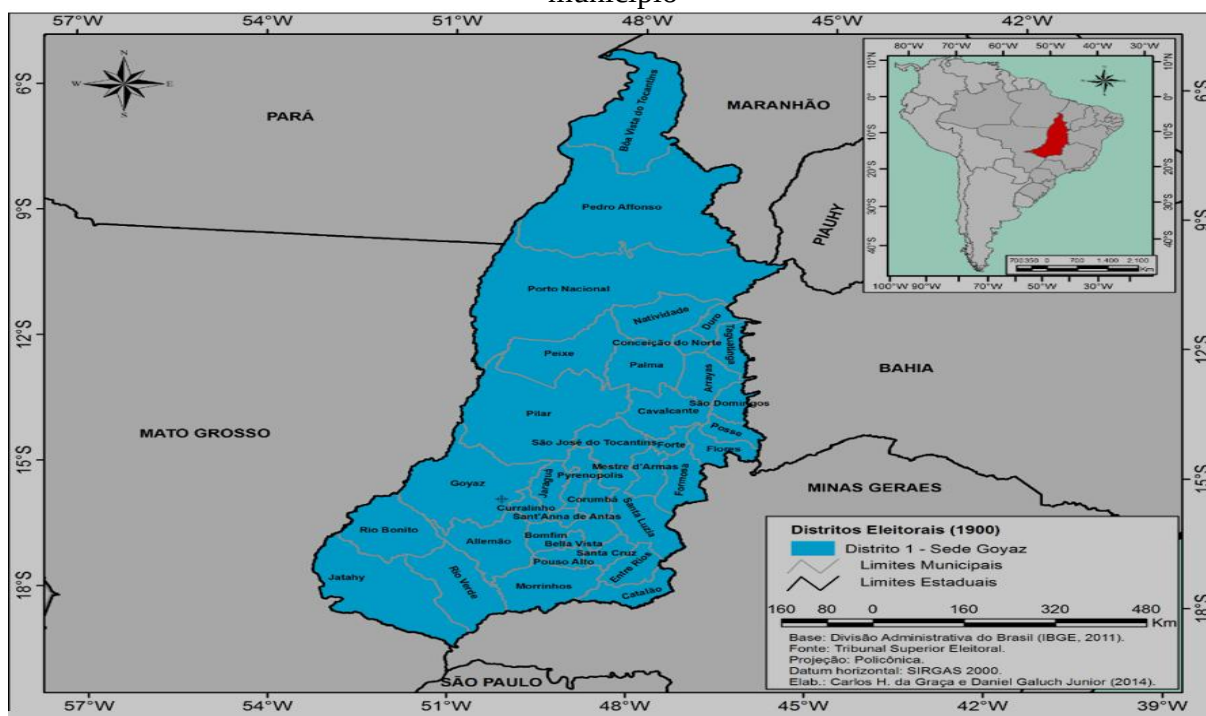
Acerca dos demais elementos externos Boaventura e Silva (2022 p. 15 e 16) citam:

[...] A calçada, ao nível da rua, possui calçamento de ladrilho hidráulico, assim como a praça onde se localiza a Matriz velha. De frente à porta principal, há uma escultura do padre Antônio Jorge e uma placa em referência ao padre Renato de Ferreira, o qual conduziu e supervisionou a primeira restauração. Ainda é possível observar os sinos e o relógio, os quais aludem ao trabalho dos missionários redentoristas de Baviera, Alemanha¹¹. A Igreja é formada pela nave, o corta vento, a ilustração de Jesus Cristo crucificado, a balaustrada, altares lateral esquerdo e direito, o altar-mor da capela-mor e o púlpito. Há duas torres na face exterior, com uma cúpula piramidal em que existe um cruzeiro (uma cruz latina de madeira).

¹¹ Festa do Divino Pai Eterno quando este movimento ainda estava em plena implantação, em consonância com o catolicismo popular da época.

A Igreja Matriz do Divino Pai Eterno é a mais antiga edificação do segmento ainda de pé em Trindade. Este templo se atrela ao crescimento exponencial do município, que devido à romaria e à sua posição estratégica no Estado de Goiás, contribuiu para o crescimento da cidade de Trindade (Figuras 12 e 13)¹².

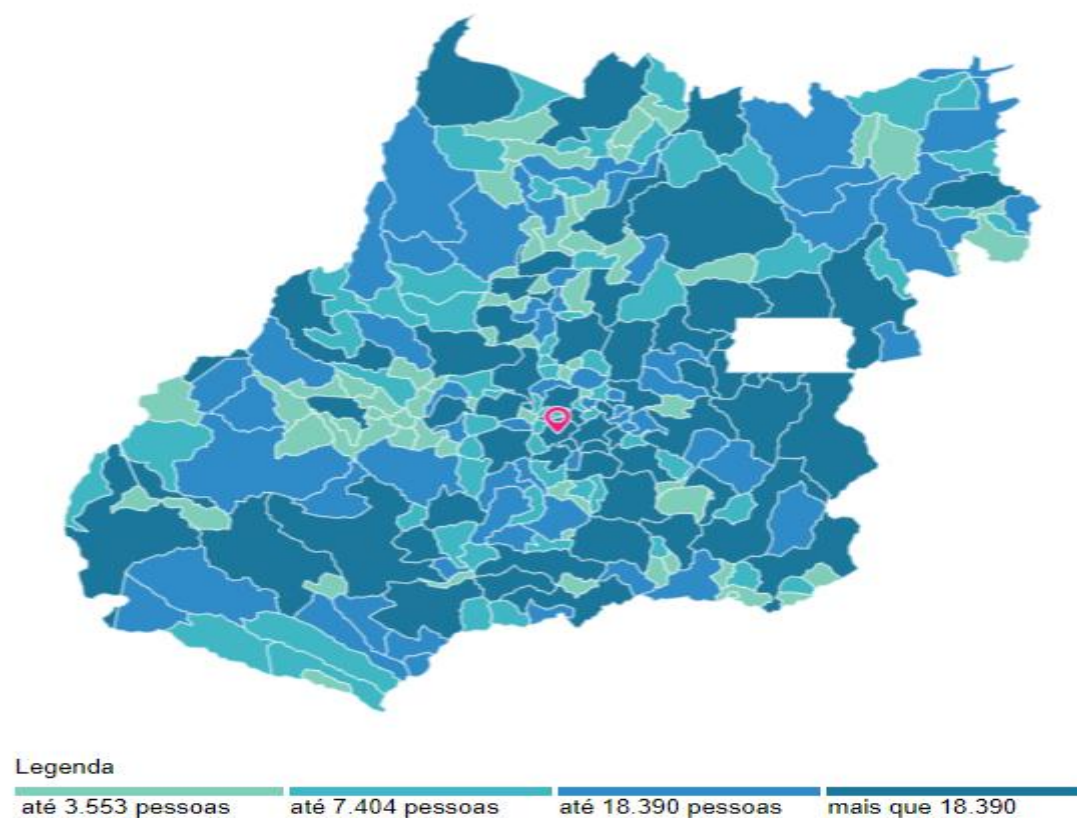
Figura 12: Mapa do Estado de Goiás – (1900) sem a identificação de Trindade como município



Fonte: <https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/621>. Acesso em 15 de abril de 2024

¹² O destaque para as imagens 15 e 16 se justifica pela importância de situar o município de Trindade como um lugar que até o início da década de 1900 ainda não tinha sido oficialmente reconhecido. Ademais, demonstra-se que o atual estado de Tocantins ainda não tinha sido criado, o que demonstra a ampla área percorrida pelos bandeirantes quando da exploração do Estado como um todo e de onde possivelmente já se deslocavam romeiros para Trindade.

Figura 13: Mapa do Estado de Goiás (2024) com a localização do município de Trindade



Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/trindade/panorama>. Acesso em 15 de abril de 2024.

Ainda que esteja sendo construída uma nova Basílica no alto de um morro cuja arquitetura é imponente, a igreja matriz continua sendo o ponto de encontro dos romeiros tanto na chegada, quanto na saída depois de cumprirem seu compromisso religioso.

Esta importância é vislumbrada nas descrições de Jacób e dos memorialistas em que a Matriz de Trindade é mencionada como referência, sendo também ela o ponto de partida das procissões que acontecem durante a festa, saindo de lá para o santuário novo. É lá também o início oficial do desfile dos carros de bois.

Retomando a descrição da Igreja Matriz, ressaltamos que ela se tornou o principal foco da Festa do Divino Pai Eterno até 1943, pois data deste ano o início da construção do Santuário do Divino Pai Eterno (hoje Basílica do Divino Pai Eterno), à época sob administração de D. Emanuel Gomes de Oliveira, o qual já vislumbrava a possibilidade de reunir os romeiros em um lugar maior (Boaventura; Silva, 2021).

1.3 Um novo santuário no alto de um morro: os primórdios do atual Santuário Basílica do Divino Pai Eterno

A devoção ao Pai Eterno atravessou os anos e passou a arrastar multidões para Trindade, que teve sua emancipação política em 1920. Segundo Reinato (2009), devido ao crescimento do número de pessoas que vinha anualmente para rezar diante da imagem e agradecer as graças recebidas, em 1943 o arcebispo de Goiânia, D. Emanuel Gomes, juntamente com os missionários redentoristas, lançou a pedra fundamental do novo santuário.

As primeiras celebrações neste novo santuário se iniciaram cerca de trinta anos depois (Figuras 14 e 15).

Figura 14: Foto do novo Santuário (1983) (comumente chamado de Igreja Nova até o título de Santuário na década de 2000)



Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/trindade/historico>
Acesso em 3 de abr. 2024.

Esta imagem representa a construção da atual basílica do Divino Pai Eterno de maneira ainda rústica. Nota-se que apenas as portas da lateral esquerda contavam com escadaria de acesso ao interior da igreja. Toda essa estrutura passou por mudanças importantes, de modo que o pé da cruz (formato do templo) recebeu escadas e posteriormente rampas de acesso.

Figura 15: Fieis na área externa do santuário Basílica em 1990



Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/trindade/historico>
Acesso em 3 de abr. 2024.

Nesta imagem podemos ver em detalhes a estrutura da antiga Igreja nova, ainda com os antigos janelões, que posteriormente foram substituídos por vitrais como veremos adiante. Detalhe para a única escadaria de acesso à igreja e para a ausência de vegetação e asfalto. Nota-se uma multidão em período de romaria.

Mesmo com a construção da nova igreja localizada no alto de um morro, hoje em visão estratégica da cidade de Trindade, o santuário Matriz por sua vez também passou por mudanças nesse período já que a estrutura do prédio ia dando sinais de desgastes com o passar dos anos.

Acerca disso, Corcínio Junior (2020) descreve de que forma estas mudanças foram ocorrendo. Segundo ele, desde a inauguração deste templo em 1912 até a atualidade a Igreja Matriz do Pai Eterno passou por muitas reformas, inclusive à época de sua pesquisa ocorreu a restauração da viga de sustentação das torres que, devido a ação de cupins, foram ficando danificadas com o decorrer dos anos.

Desde então, na Igreja Matriz passou pela mudança mais significativa que foi a remoção das paredes que ficavam em volta do presbitério, na parte interna. Em 2001 houve a remoção de quatorze pinturas da igreja (via sacra com figuras em tamanho grande) sob a justificativa de não fazerem parte da estrutura original da igreja, conforme constava na documentação do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Esta retirada de pinturas aponta para o desejo de manter a tradição, embora grande parte dos paroquianos ainda mencionem que “falta algo” na igreja.

Em meio a todo esse contexto de construção da Igreja Nova e restaurações da Igreja Matriz, a cidade foi se desenvolvendo e com ela toda a estrutura da festa anual em louvor ao Divino Pai Eterno¹³. Um exemplo a citar foi a substituição das antigas barracas de palha para tendas plásticas no início dos anos 2000, o que fez com que a organização estrutural ficasse mais bonita e segura, já que muitos foram os acidentes com as barracas de palha, tais como incêndios e deterioração rápida do material.

Outra alteração espacial considerável e que hoje tornou-se um ponto turístico da cidade é a Sala de Milagres do Santuário Novo de Trindade,¹⁴ onde também estão expostos ex-votos de carreiros. Esta sala ficava na Igreja Matriz e no final da década de 1970 foi transferida para a Basílica que inicialmente era rústica e sem muito planejamento, motivo pelo qual muitos desses materiais se deterioraram com o tempo (Figuras 16).

¹³ Em nosso estudo não nos dedicamos a relatar os conflitos que ocorreram entre os fiéis com posterior formação da Irmandade e os padres redentoristas, até que a romaria fosse reconhecida oficialmente pela Igreja, embora esta narrativa esteja presente em grande parte da obra de Salomão Jacób (2000) – em especial, *A Santíssima Trindade do Barro Preto*, na qual nos amparamos para abordar os carreiros – e ainda em outras publicações selecionadas que de modo sucinto relatam estes embates. Embora seja importante citar estes embates, consideramos importante trazer a história dos carreiros neste contexto, sem, contudo, desconsiderar que a passagem da religiosidade popular para o catolicismo oficial tenha tomado grande parte da história do Arraial do Barro Preto e que também situa a responsabilidade dos padres redentoristas pela organização da romaria em todos os aspectos.

¹⁴ A tradição dos ex-votos foi trazida às Américas pelos colonizadores. Estudos mostram que Hernan Cortez, o conquistador do México, encomendou a um ourives um ex-voto de ouro e esmeraldas em forma de escorpião em agradecimento por ter sobrevivido à picada deste inseto. A partir do século XVI, os ex-votos deixaram de ser exclusivos dos ricos e foram aparecendo cada mais em imagens populares. No Brasil, eles aparecem a partir do sec. XVII, podendo ser um quadro com pinturas que descrevem os santos e os milagres ou sua forma mais conhecida de esculturas de madeira representando partes do corpo humano, justamente aquelas que receberam o milagre da cura. São em geral confeccionados por artesãos autodidatas que trabalham por encomenda perto de santuários e lugares de peregrinação (Galeria Pontes, 2023).

Figura 16: Sala de Milagres da Basílica do Divino Pai Eterno no início da década e 80



Fonte: Borges, 2012, p. 18

Em seu início a sala de milagres do Santuário Basílica ainda não era organizada da forma como é atualmente. As fotografias deixadas pelos devotos eram afixadas numa parede e com o tempo iam sendo substituídas por outras para que assim fosse possível expor os milagres e experiências relatados em cada fotografia. Além destas imagens a sala também abrigava objetos de cera (cabeças, pernas e braços), de madeira e argila, aparelhos ortopédicos, além de peças antigas como máquinas de escrever, violão, roupas, entre outros, tudo com menção deixada pelo devoto que as depositou. Uma representação interessante é o bezerro de duas cabeças (Figura 17), deixado na sala de milagres no início dos anos 1970 e exposto hoje no setor de objetos antigos.

Figura 17: Bezerro de duas cabeças foi empalhado e deixado no local no início dos anos 1970



Fonte: Borges, 2014 p. 18

Não há no museu da Basílica menção sobre os bezerros citados. Certo é que chamam atenção pelo fato de terem nascido nessa condição. Nota-se ao lado deles outros objetos que certamente representam graças alcançadas, como maquetes, bicicleta, instrumentos utilizados na lida do campo, entre outros.

Em meados da década de 1990 iniciou-se a construção de uma nova Sala dos Milagres no térreo da Igreja, a qual abarca quase toda sua nave central (no subsolo do Santuário). A ideia foi preservar a memória dos agraciados pelo Divino Pai Eterno sob a forma de objetos de cera, madeira e fotografias (Figuras 18 e 19).

Figura 18: Entrada da nova Sala de Milagres no térreo da Basílica



Fonte: <https://www.fenocoracaodobrasil.com.br/index.php/atrativos/sala-dos-milagres>

A nova sala dos milagres foi construída no final de década de 1990 e conta com uma estrutura moderna. Logo na entrada é possível visualizar os painéis de fotografias com proteção de vidro para mantê-las por mais tempo livre de iluminação e de contato humano.

Figura 19: Rol de entrada de onde se vislumbra a organização dos ex-votos



Fonte: <https://www.fenocoracaodobrasil.com.br/index.php/atrativos/sala-dos-milagres>

Esta foto ilustra o lado esquerdo da sala, cuja entrada é aos pés da escadaria da porta direita do santuário. Nota-se a organização dos ex-votos com seus respectivos relatos. Esses quadros são afixados cronologicamente e neles é possível observar vários milagres recebidos desde os tempos mais antigos da romaria.

Figura 20: Objetos deixados pelas famílias com destaque para o quadro de Ada Cyra¹⁵



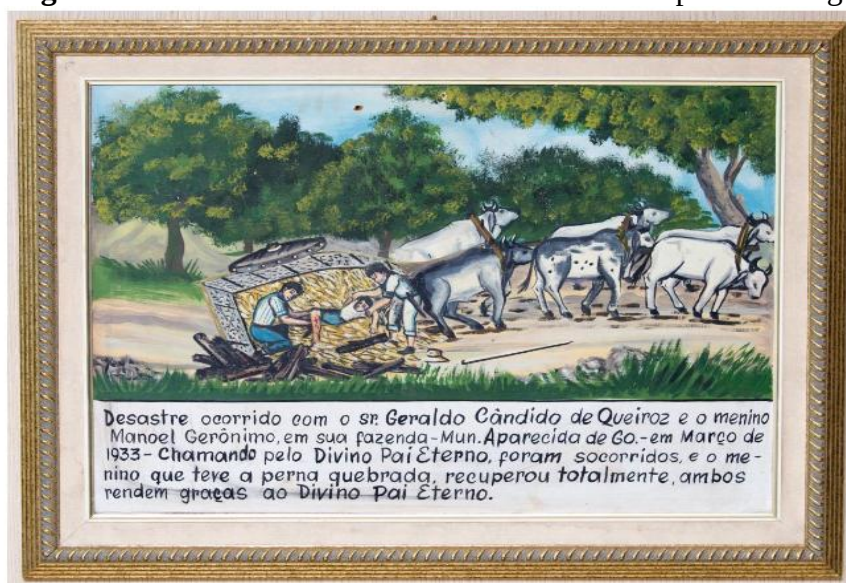
Fonte: <https://www.fenocoracaodobrasil.com.br/index.php/atrativos/sala-dos-milagres>

Nesta galeria estão objetos e roupas de pessoas que, de certa forma, prestaram seus serviços à sociedade. Destaque para os pertences do cantor Leandro, que faleceu em decorrência de um câncer e os de Ada Cyra (roupas e foto) deixados por seus familiares. O que chama atenção nesta sala é a variedade de ex-votos e objetos deixados por pessoas de todo o Brasil. Conta também com roupas do padre Pelágio Sauter e paramentação utilizada por ele para celebrar missas, além de ex-votos de carreiros.

Magno Francisco de Jesus Santos em seu trabalho ““Milagre do Divino Pai Eterno”: as pinturas votivas de carreiros na sala das promessas do Santuário de Trindade – Goiás (2017)” também destaca a presença de ex-votos de romeiros entre os quadros ou fotografias (Figuras 21 e 22). As que se seguem são de acidentes com carro de boi.

¹⁵ Ada Cyra foi uma jovem romeira que ainda criança realizava o sonho de participar do primeiro desfile de carros de boi, mas teve sua vida ceifada quando um dos bois se assustou com os fogos (hoje não mais permitido nesse evento) e a derrubou para baixo das rodas do carro vindo a feri-la gravemente. Sobre este fato esta dissertação tem um tópico específico no capítulo três.

Figura 21: Acidente com carro de boi durante transporte de carga



Fonte: Santos, 2017.

Nesta figura ex-votiva nota-se um acidente ocorrido em 1933 com carro de boi na lida diária da fazenda, em que um menino teve a perna quebrada, mas não se feriu gravemente, vindo a se recuperar, motivo pelo qual seu pai agradeceu o Divino Pai Eterno.

Quadros (2017) em seu artigo “Milagres do Pai Eterno: visões do sobrenatural em três ex-votos do santuário de Trindade (Go)” destaca esta imagem juntamente com as demais selecionadas e traz reflexões sobre a figura ao mencionar que é comum neste tipo de imagem aparecer a representação de um santo ou mão para indicar a mão de Deus (como em todos os vitrais da Basílica). Conforme o autor, nesta imagem o sobrenatural ficou invisível na cena privilegiando o desastre, o que demonstra Deus operando no cotidiano, no labor diário do transporte de alimentos colhidos.

Destaque também para o valor do carro de bois como meio do transporte utilizado por pessoas que tinham *status* à época, “ainda que atualmente ele seja considerado rústico” (QUADROS, 2017 p. 230).

Além de se destacarem pela presença nas romarias de carros de boi, este meio de transporte foi utilizado largamente para outras funções. Ramos (1984), citado por Barbosa (2014) ao observar a vida social do sertanejo goiano no século XIX, menciona que as características do território do estado podiam ser comprovadas pelas marcas profundas deixadas pela roda ferrada dos pesados carros de bois.

Barbosa reforça que no início do século XX com o desenvolvimento do transporte ferroviário e rodoviário em Goiás, mesmo com o avanço das comunicações “apenas na parte

sul e central do Estado de Goiás, a funcionalidade dos carros de bois resistiu, por muito tempo, no contexto rural goiano” (Barbosa, 2014 p. 62).

Os carros de bois desempenharam grande utilidade no trabalho interno das fazendas, puxando milho, mandioca, lenha, feijão em rama ou cereais em saca ou ainda para realizar mudanças, além do transporte de outros animais de médio e pequeno porte, como suínos e galináceos conforme destacado por Barbosa (2014). Nesse movimento, também ocorriam acidentes como demonstrado nos ex-votos citados e no seguinte.

Figura 22: Acidente com carro de boi durante travessia de rio



Fonte: Santos, 2017.

Esta figura ex-votiva, é uma pintura em óleo sobre tela do artista Octo Marques, da Cidade de Goiás, datado de 1942, na travessia Meia Ponte, em Santo Antônio dos Grimpas, atual Hidrolândia, do fazendeiro Antônio Teles: quando sua boiada atravessava a vau, houve um acidente em que os bois rodariam em uma grande enchente provocada por uma cabeça d'água inesperada. Como vemos no ex-voto, eles teriam sido salvos graças à intervenção do Divino Pai Eterno quando o fazendeiro, de chapéu na mão, implorou uma graça naquele difícil momento.

Figura 23: Acidente em que o carro de boi tomba deixando uma pessoa sob a carga transportada



Fonte: Santos, 2017.

Esta figura representa outra tela do artista Octo Marques. Trata-se de um milagre ocorrido na Fazenda Retiro, da cidade de Curralinho, hoje Itaberaí em 1937, quando o fazendeiro Joaquim Alves de Castro teve um acidente com carro de boi em sua lida no campo, em que, em uma subida, a junta de bois da frente não sustentou o peso da carrada de milho e o carro empinou com uma pessoa dentro; o que seria fatal não fosse a intervenção do Divino Pai Eterno na salvação de todos.

Figura 24: Bois atrelados às cangas para retirar o grande tronco de cima de um homem que se acidentou como o mesmo ao cortá-lo



Fonte: Santos, 2017.

Esta figura representa uma pintura sobre tela, datada de 1940, na Fazenda Sociedade, de propriedade de Osvaldo M. Coelho, que retrata uma cena também rural, de uma boiada

arrastando toras de madeira retiradas de matas derrubadas, quando houve um acidente e um trabalhador ficou prensado pelas toras, certamente o proprietário. Ao se considerar os ex-votos listados anteriormente, certamente o fazendeiro encomendou a tela para representar a graça recebida.

Esta breve exposição de ex-votos mostra como os bois também estão presentes nestas representações imagéticas e demonstra que a tradição de carros de bois produzia acidentes, os quais retroalimentam os ex-votos do santuário, que, por sua vez, tem como epicentro de sua data comemorativa os cortejos de carros de bois.

Atualmente, este evento é considerado o maior da Região Centro-Oeste e o segundo do Brasil, o qual ocorre anualmente no final de junho e início de julho, durante dez dias, mobilizando os habitantes de Trindade, das cidades vizinhas e de outras regiões alcançando até mesmo pessoas de outros países.

Todo esse movimento que acontece em Trindade reforça aquilo que o sociólogo Zygmunt Bauman (2017) afirma em seu conceito de retrotopia, por meio do qual se pode perceber que não se trata simplesmente de uma nostalgia do passado, mas sim uma busca por identidade e significado em um passado percebido como mais estável e autêntico, em contraste com as incertezas e a fluidez do mundo moderno.

Nesse entendimento, o movimento dos carreiros não se trata apenas de uma volta literal ao passado, mas de uma ressignificação e reativação de elementos tradicionais para enfrentar os desafios da modernidade diante do esquecimento de elementos considerados tradicionais, que aos poucos se esvaem na sociedade cada vez mais conectada a outros interesses.

A própria história da devoção, ligada ao encontro do medalhão e aos primeiros milagres atribuídos ao Divino Pai Eterno, estabelece uma narrativa de origem poderosa e fundadora. Essa narrativa sob a perspectiva de Bauman (2017) remete a um tempo percebido como mais simples e conectado com o sagrado, oferecendo um senso de continuidade e pertencimento para os devotos atuais. A repetição e a celebração dessa história mantêm viva essa conexão com um passado idealizado.

Uma vez descrito esse contexto histórico passamos a seguir para os carreiros, objeto deste estudo e que acompanhou também o desenvolvimento de Trindade ao longo de seus 104 anos de emancipação política.

CAPÍTULO 2

CARREIROS DE TRINDADE NOS RELATOS MEMORIALÍSTICOS: FÉ E DEVOÇÃO

As viagens de carros de boi durante a romaria de Trindade ensejam muita preparação em razão das características e resistência tanto dos animais, quanto dos carreiros. É um trabalho prévio que envolve desde a feitura do carro até o adestramento do animal, pois não há uma escolha aleatória dos bois. Estes animais também são treinados ao longo do ano em relação a posição na junta, para que não se rebelem durante a viagem.

De acordo com o Dossiê Descritivo do IPHAN (2015)¹⁶ o carro de boi é um veículo artesanal constituído por duas rodas, um eixo e uma mesa, feitos de madeira. Este conjunto unido entre si, por meio de peças menores é atrelado à junta de canga de bois, sendo este um meio de transporte muito utilizado no meio rural no passado. É um meio de transporte tracionado pela força animal – juntas de bois treinados a percorrer longas distâncias guiados por um candeeiro e um carreiro levando e trazendo tanto mercadorias quanto pessoas, sal e querosene e outras cargas de diferentes tipos (Dossiê Descritivo, 2015).

Bernardino José de Souza publicou em 1958 uma obra sobre o ciclo do carro de bois no Brasil. O autor traz ampla abordagem e dentre elas está a origem deste meio de transporte. Segundo ele, existe uma relação íntima com a invenção da roda e o surgimento do carro com a domesticação dos animais. Ao citar Vital de La Blache, Souza (1958) relata que as aplicações da roda se desenvolveram devido o emprego da tração animal, sendo que a domesticação dos animais foi outra importante iniciativa do nosso antepassado neolítico.

Foi um fato mais ou menos paralelo ao trabalho da terra; agricultura e pastorícia surgiram quando o homem compreendeu que não devia confiar tão só nos recursos da pesca, da caça e da colheita dos frutos espontâneos natureza para a sua nutrição e manutenção [...] O boi e o cavalo foram, provavelmente, os primeiros animais utilizados na tração dos veículos. Quanto aos bovinos, é assente, entre os estudiosos, que lhes cabe a primazia no tempo, aparecendo já como animais de tiro nas gravuras rupestres da idade do bronze: é o que também consta das mitologias germânicas e referem as tradições mais antigas dos povos da antiguidade oriental e clássica (Souza, 1958 p. 48-49).

¹⁶ Este Dossiê foi produzido pelo Instituto do Patrimônio Histórico – IPHAN após reconhecer a romaria dos carros de bois como carga simbólica da história do povo goiano. Este órgão recebeu a solicitação de registro da romaria em 2012, feito pela Paróquia de Trindade e pela Associação dos Carreiros e Federação Goiana dos Carreiros (FEGOCAR) à Superintendência de Goiânia-GO. Em 2014, iniciou-se a pesquisa que fundamenta o dossiê da candidatura por uma empresa contratada pela superintendência goiana. O mesmo é composto por depoimentos coletados, pesquisa sobre a história do bem imaterial, além de documentário e registro fotográfico. Como resultado, a tradição foi inscrita no Livro de Registros e ganhou uma certidão. Os bens de natureza imaterial são inscritos em um dos quatro livros de Registros: dos Saberes, de Celebrações, de Formas de Expressão e de Lugares. Segundo o IPHAN, a romaria de Trindade foi registrada no Livro de Celebrações (Alves, 2016).

É, portanto, um agente importante no desenvolvimento das primeiras civilizações. É válido mencionar que o touro é uma figura entre os signos do Zodíaco, que o seu culto foi realizado em meio a cerimônias entre assírios e egípcios, “em que as árias da Índia o consideravam o primeiro animal criado pelas divindades” (Souza, 1958 p. 49).

Desde o início de sua domesticação, os bois tiveram várias utilidades: para os sacrifícios, a charrua, a alimentação (leite e carne), cargas sobre o dorso, para a tração dos carros. Era o animal preferido para os trabalhos agrícolas, devido suas qualidades de resistência, de paciência, de docilidade, de mansidão. Assim, podemos observar que o carro de boi já servia os homens desde a antiguidade. É o caso de Creta e Grécia.

Acerca disso Souza (1958 p. 54) descreve que

Ao raiar das primeiras civilizações já rodava e gemia o carro de bois do Mediterrâneo ao Pacífico: utilizaram-no, desde os primeiros dias, chineses e egípcios, assírios e babilônios, hebreus e filisteus, fenícios e hititas, iranianos e hindus. Recordando neste ou naquele povo o emprego do carro de bois, como veículo de transporte, eficaz instrumento de trabalho de que se valeu o homem na conquista da terra [...] o que já se sabe a respeito, pelos testemunhos do passado, monumentos e documentos escritos, revelam a importância milenária de um dos mais úteis objetos que a inteligência humana inventou nos albores da história e que tem sido, permanentemente, utilizado até os dias que correm.

A presença de carros de bois foi registrada em diferentes lugares como China, Palestina, Suméria, Fenícia, Líbano, Irã, Índia, Alemanha, Grécia, Roma, Portugal e, segundo Souza (1958 p. 97): “O domínio geográfico do carro de bois moderno de rodas radiadas e eixo fixo ao estrado, é muito mais amplo: abrange, além dos países em que ainda se encontra o “carro cantador”, outras terras que já o aboliram nos seus transportes.”

No Brasil, o carro de bois foi o primeiro meio de transporte. Foi trazido pelos portugueses que há vários séculos o utilizaram nos transportes em Lusitânia. Surgiu, portanto, no início da colonização para transportar materiais de construção e produtos da terra, o pau-brasil, madeiras, cana-de-açúcar, representando papel importante na sua função de único meio de transportes pesados por terra, ligando os estabelecimentos humanos, isolados ou agrupados. Foi utilizado também na construção de vilas e cidades, estabelecimentos dos primeiros domínios rurais, na exploração das riquezas florestais, no labor das primeiras culturas.

Corcínio Júnior (2022) assinala que o carro de boi se transformou em meio de transporte, disseminado nos sertões do Planalto Central brasileiro como herança ibérica, símbolo de certo momento da história goiana, passando a ser visto em idos dos anos 1980 e 1990 como elemento tradutor de atraso a ser superado, um signo de religiosidade e da jornada empreendida pelos

indivíduos. Escritores memorialistas relatam o uso do carro de boi como meio de transporte para Trindade no período da romaria no Divino Pai Eterno.

Um destes relatos é o de Licardino de Oliveira Ney¹⁷ que relembra sua viagem em 1895 quando a igreja ainda era de pequenas proporções.

De São Francisco das Chagas viemos até Carmo do Paranaíba; depois Carmo da Bagagem Osmand Carmen; em seguida passamos em Três Ranchos, Catalão, Entre Rios (atualmente Ipameri) Santa Cruz e logo depois Bela Vista. O nosso último pouso foi no lendário das barrancas do Meia Ponte. Ali havia uma ponte rústica de madeira que mais tarde seria conhecida como Ponde do Vergílio. No dia 29 de julho de 1895 passamos pela Campininha e fomos a seis quilômetros à frente na fazenda do meu tio Francisco Alves. Era véspera da romaria do Barro Preto (Trindade atualmente). Meu tio já estava com carros de bois pronto para a festa. A romaria do Barro Preto, já famosa naqueles tempos, só tinha três tipos de condução: a pé, a cavalo e a carro de bois. Só fazendeiro tinha meio de possuir este último (Oliveira Ney, 1865 p. 12) (Citado por Oliveira, 2021 p. 49).

Nota-se no relato de Licardino o papel do carro de boi no transporte de pessoas e objetos para a romaria do Divino Pai Eterno em um tempo em que Goiás ainda estava sendo povoado e esse meio de transporte, além de ser um dos três tipos de condução, também era o mais apropriado para percorrer as estradas da região, caracteristicamente de terra.

Outro ponto a destacar é que a prática de se fazer pouso nas fazendas é fundamental para a garantia das viagens de carro de boi, pois consiste no momento de descanso dos animais e dos carreiros. Em suas andanças pelo arraial do Barro Preto, Licardino também teceu comentários sobre o medalhão encontrado pelo casal Constantino Xavier e Ana Rosa, afirmando que ninguém sabe ao certo a origem dele – postura que denota certo ceticismo histórico acerca do mito de fundação da romaria atrelado ao casal¹⁸.

No entanto, ele já reconhecia a importância que o mesmo representava para o povo do arraial e para outros que chegavam das redondezas para conhecer a história de fé que era construída em torno do medalhão. Estes devotos chegavam todos os anos a pé ou de carros de bois (Santos, 1978).

Sônia Ferreira (2000) é outra memorialista goiana, que conversou com D. Neném, uma romeira do Divino Pai Eterno. Em suas memórias da festa de Trindade, D. Neném, comparando o evento de antes com aquele da época da entrevista, afirmou que para chegar à Trindade os

¹⁷ Licardino (advogado) juntamente com Honestino Guimarães (farmacêutico), ambos de Bela Vista-GO, tiveram muita relevância para o comércio na Campininha das Flores (atual Campinas) durante a formação de cidade.

¹⁸ Em *O mito do eterno retorno*, Mircea Eliade (1992) relata que o homem religioso sempre teve dificuldade em compreender a história (o que de fato aconteceu) e a capacidade de se voltar para mitos de origem (discursos que tratam da origem que ocorreram no sagrado e não no tempo histórico profano).

carreiros iam parando nas fazendas para descansar os animais e alimentar as pessoas que faziam parte das comitivas.

Ferreira (2000) pontua ainda que não se sabe ao certo quando esse movimento feito com carros de boi para Trindade começou. Em sua pesquisa a autora identificou que, por volta dos anos 1930, já havia vários pontos de partida de carreiros, sendo que os primeiros registros foram os de Damolândia, iniciado em 1933,¹⁹ considerada hoje a maior representação de carros de bois do estado de Goiás.

De acordo com Bento Fleury (2020), o carro de boi tornou-se tradição na Romaria do Divino Pai Eterno e resgata legítimas tradições, já que o aparecimento do automóvel nas estradas goianas somente se deu em 1918. Mas sua chegada não causou a descontinuidade das viagens do carro de boi nas ruas de Trindade num período em que já era evidente a transformação impulsionada pelo progresso.

Fleury (2020) destaca que esse meio de transporte era o que atendia as necessidades dos residentes em Goiás no século XIX:

Com uma população mais centrada na zona rural, as poucas cidades constituíam-se de pequenos aglomerados, tendo supremacia apenas Vila Boa, Pirenópolis, Santa Cruz e Traíras, as outras ficavam isoladas no alto sertão, atingidas apenas pelos rústicos transportes da época, dentre estes, o carro de boi que foi utilizado em larga escala como transporte de mercadorias da zona rural para mercado da Cidade de Goiás (então único da Província) onde eram comercializadas e destinadas ao abastecimento da antiga Capital (Fleury, 2020 s/p)

Nesse cenário, irmanados pelo espírito cristão, os carreiros têm se colocado a caminho para Trindade no período que antecede a festa, mantendo acesa a chama da fé e da tradição, mesmo diante de intempéries e dificuldades enfrentadas por onde passam no caminho para Trindade.

Não somente a chama da fé e a tradição levam os carreiros à Trindade anualmente, mas também a cultura que vai se constituindo ao longo dos anos a partir de cada viagem pelo chão de Goiás rumo à Trindade. Como observou Geertz (2008), cultura não é um simples conjunto de costumes ou instituições, pois integra um complexo sistema de símbolos e significados compartilhados. Assim, à luz da antropologia hermenêutica, é possível explorar as múltiplas camadas de significados entrelaçadas nos atos, objetos e interações que compõem a romaria.

Ainda segundo Bento Fleury (2020, s/p):

¹⁹ Os carreiros de Damolândia, como é conhecido o grupo de peregrinos, é constituído por aproximadamente 40 carros de bois que partem em romaria oito dias antes do domingo da Festa (1º domingo de julho), permanecendo três dias na estrada até chegar ao Santuário de Trindade (Aquino, 2007).

Os velhos caminhos que cruzaram Goiás em tempos diferentes eram estradas, carreiras e tropeiras que seguiam ainda as marchas dos bandeirantes que, antes, tinham atravessado o grande sertão do oeste em busca de riquezas e de prestígio junto à Coroa de Portugal. Na região goiana marcada pela história da agricultura e da pecuária, tem-se registros antigos de caminhos e rotas que serviram de busca de gado e de lugares ideais para a agricultura, evidenciando a riqueza do chão, nas imediações de Bonfim de Goiás, então enorme julgado que compreendia toda essa região.

As primeiras estradas foram também delineadas por viajantes que seguiam rotas antigas pelas quais foram marcando limites entre as vilas e povoados perdidos no alto sertão. Esses viajantes e pesquisadores contribuíram para o processo histórico do estado, pois delinearão a fauna e flora local, além de outras curiosidades que são hoje peças fundamentais aos pesquisadores de nossas origens e de nossos autênticos costumes.

A expansão do estado de Goiás, acrescida a transferência da capital para Goiânia, fomentou ao mesmo tempo a evolução dos meios de transporte, o que também não causou o fim das viagens de carro de boi para a festa de Trindade. Por outro lado, tanto os memorialistas, quanto os próprios carreiros vislumbraram as transformações que ocorreram na romaria e nas rodovias que antes não eram tão movimentadas, sendo este atualmente um fator limitante para os caminhantes que acompanham os carros de boi em direção a festa do Divino Pai Eterno anualmente.²⁰

Ao revisitar o passado de um estado em processo de expansão em que o carro de bois era o principal meio de transporte, Barbosa (2014) argumenta que a construção de rodovias e a ampliação dos trilhos de ferro, acrescidos do avanço da fronteira agrícola e da mercantilização da produção agrária requeriam meios de transportes mais ágeis e eficientes para reduzir o tempo de tráfego das mercadorias entre os lugares e o custo da circulação.

Desse modo, em razão da evolução técnica do caminhão e das estradas precárias, o transporte à tração animal foi sendo substituído pelos veículos motorizados nos percursos de longa distância.

[...] De fato, estruturado com rodas ferradas em gume muito cortante, os carros de bois causavam grandes estragos e destruía as já precárias rodovias. Por esse motivo, empresários do ramo pressionavam as autoridades goianas para que criassem Decretos que proibissem o trânsito daquele tradicional meio de transporte nas principais vias expressas do território goiano. Após muitas exigências por parte daqueles manifestantes [comerciantes, fazendeiros, mascates entre outros] que optaram pelos veículos motorizados para condução de produtos e pessoas – dentro e fora do Estado de Goiás – um Decreto Federal foi discutido e aprovado na Assembleia Legislativa goiana [...] o então Governador do Estado de Goiás, Eugênio Jardim, fez o pronunciamento do Decreto no dia 13 de Maio de 1922, que subvenciona os estados que construírem e conservarem estradas, impondo a exclusão dos chamados carros de bois que por elas não poderiam mais transitar (Corcínio Junior, 2020, p. 18).

²⁰ A pesquisa de Corcínio Junior (2020) também se centrou nos ex-votos deixados no museu da Basílica do Divino Pai Eterno por meio dos quais ele também identificou carros de bois e comitivas.

Este Decreto, no entanto, não desmotivou os carreiros de continuarem suas viagens anuais para Trindade para celebrarem a tradição de agradecer ao Divino Pai Eterno. Em conformidade com a antropologia hermenêutica, a superação das dificuldades em detrimento do desejo de ir a Trindade anualmente se dá pelos vários significados que esse movimento carrega, tais como a peregrinação em si, a longa jornada a pé ou nos carros de bois até Trindade, que é um ato ritual carregado de significado.

Neste sentido, o cansaço físico, a superação dos obstáculos, os compartilhamentos da jornada com outros romeiros compõem um estado de espírito de devoção e sacrifício. A partir da noção de *retrotopia* – proposta por Zygmunt Bauman (2017) –, a romaria consolida a identidade coletiva dos romeiros, unindo-os em torno de uma história compartilhada e de uma devoção comum. Ao repetirem anualmente essa tradição, ocorre uma reafirmação de pertencimento a um grupo cujos valores e crenças são específicos, contrastando-se com a fluidez e a individualização da vida moderna.

Corcínio Junior (2020) assinala que exemplos dessa transformação no modo de ver o carro de boi e seu papel no cotidiano são recorrentes ao se comparar imagens e narrativas presentes, como registros fotográficos, textos jornalísticos e, finalmente, nos ex-votos deixados no Santuário do Divino Pai Eterno, conforme descritos nos trabalhos de Santos (2017) e Reinato (2009).

Conforme citado por Oliveira (2021), nas festas de preparação para receber os carreiros há uma polissemia de sentidos, memórias, tradições, solidariedade, famílias, festas, fé, religiosidades e dimensões técnicas.

Jorge Graça Veloso (2008), em “Gemido da tradição: o carro de boi e o espetáculo da fé no louvor ao Divino Pai Eterno em Trindade, no estado de Goiás”, retrata o desfile de carros de bois como o momento de preservação da tradição, que se estende e arrasta multidões por anos na cidade de Trindade.

Veloso destaca em seu artigo a representatividade dos carros de bois na festa de Trindade. Menciona que no dia do encerramento dos festejos (do desfile de carros de bois) são centenas de carreiros de vários lugares do estado que se juntam para formar o maior evento de carros de boi do Brasil. Muitos deles percorrem até cem quilômetros para chegar a Trindade. O desfile tem à frente um carro alegórico com a imagem do Divino Pai Eterno, seguido pelos carreiros rumo ao Carreiródromo Municipal Ada Cyra, onde acontece o desfile oficial para um grande número de expectadores que vivenciam experiências distintas.

Neste sentido, é válido adentrar o universo representativo, do espaço e da experiência deste movimento para que possamos compreender posteriormente os motivos que levam estas pessoas à Trindade todos os anos, mesmo diante das adversidades que encontram neste percurso.

Em outras palavras, não é possível haver romaria se não houver memória e tradição, pois ambos são elementos de continuidade, como o cantar da roda do carro de boi que para muitos já é um “aviso”²¹ de que grupos de carreiros estão adentrando a cidade. Ou ainda a presença da própria festa, com as ruas de Trindade – como também as rodovias que cruzam a cidade – tomadas pelas pessoas no período da romaria. Veloso (2008) evidencia os espaços de experiência da romaria:

[...] O “canto” do carro além de ser parte intrínseca da disciplina dos bois, é também uma importante âncora simbólica de um passado algures: o canto do carro de bois é a representação de uma época distinta, é a rememoração do *ethos* rural e o vulcanizador de memórias afetivas múltiplas, constantemente evocadas pelos romeiros para se referir a seu passado e, não raro aos pais, avós e outros antepassados responsáveis por lhes transmitir a tradição da romaria. Ademais, viu-se que as muitas formas de comunicação existentes entre homem/boi são categorias importantes dentro do carrear desde o treinamento, ou mesmo desde a escolha da madeira para a feitura do carro. Neste sentido, o cantar dos carros também se apreende de forma múltipla (Veloso, 2008 p. 239).

Assim, as experiências vividas e as memórias que são retomadas a partir do cantar das rodas do carro de bois são para os carreiros espaços de experiências passadas que se tornam presentes e, ao mesmo tempo, se tornarão elementos de memórias no futuro.

O cantar dos carros de bois pode ser entendido como um elemento tangível da *retrotopia* em Trindade. Para muitos moradores e romeiros, o som faz lembrar um tempo no qual a vida era entendida de forma mais simples, com vínculos comunitários mais intensos e uma comunhão mais direta com a natureza. Esse som se torna, desse modo, um símbolo de identidade cultural goiana e trindadense, ao estabelecer uma ligação com as gerações passadas.

Num mundo em que tudo se torna mais urbanizado e tecnológico, a conservação da tradição dos carros de bois e seu “cantar” pode significar uma forma de resistência simbólica à uniformização cultural e à velocidade da vida moderna. A lentidão dos carros de bois e seu som característico são um contraste com o ritmo apressado do presente, ao oferecer uma pausa e uma reflexão acerca de outros modos de vida.

²¹ O cantar da roda do carro de bois é presenciado pela autora desta dissertação desde a mais tenra idade. O som das rodas de maneira sincronizada é o prenúncio de que eles vão adentrar a cidade e com toda sua imponência, trazer a oportunidade de rememorar a tradição.

Trata-se do “tempo da tradição (ou de memória)”, o *in illo tempore* (naquele tempo) de *O Mito do Eterno Retorno*, de Mircea Eliade (1985) – ou seja, o carro de boi é o elemento simbólico de retorno ao tempo da origem da romaria. Neste sentido, a romaria anula o tempo presente (histórico) para retornar ao tempo dos antepassados, dos devotos goianos que desbravaram os sertões para render culto ao medalhão da Trindade.

Segundo Oliveira (2021), aprendemos com o tempo, reunindo novas experiências. Portanto, também as experiências já adquiridas podem modificar-se com o tempo e é o que acontece com o movimento dos carreiros ao longo de todos esses anos.

Oliveira²² (2021), em estudo semelhante, demonstra que o

(...) canto dos carros de bois é constituído de uma polissêmica significação no que se refere a memórias, sendo capaz de criar ambiências que, por sua vez, refletem na construção de lugares de memória. Nota-se, também, a forma pela qual o cantar do carro se tornou, para o senhor Queiroz, um lugar de memória, de modo que as muitas materialidades por ele citadas – a vara, o facão, a bainha, a lata de anzol – vulcanizam uma identidade devaneante do sujeito, emanando, através destes “objetos”, sentimentos de pertença ao ambiente rural e parentesco. Ainda acerca do cantar do carro como “lugar de memória”, para compreender essa mensuração de maneira mais didática é necessário, antes de tudo, trazer alguns conceitos debatidos na música, a saber, o que se configura como ambiente acústico e ambiências acústicas. O que se chama de ondas acústicas é responsável por preencher os ambientes, tocar a corporeidade e envolver as sensibilidades dos ouvintes. Estas ondas acústicas compõem os ambientes acústicos: ao trafegar por uma estrada, em romaria, emanando seu som característico, os carros de bois estão também criando um ambiente acústico e de memória.

Nota-se que o autor faz várias referências ao espaço de experiência e entre eles destaca-se o som das memórias por meio das quais ele demonstra que o som da roda do carro de bois faz um retorno ao tempo, principalmente para os moradores de Trindade. Estas memórias estão presentes no relato de um dos carreiros entrevistados por ele em sua pesquisa. Para este carreiro, o cantar do carro se tornou, um lugar de memória, como as várias materialidades que ele cita como a vara, o facão, a bainha, a lata de anzol”. Trata-se, portanto, de representação simbólica que denota repetição do ato religioso fundador do culto, da cerimônia religiosa em questão.

Meirelane Xavier (2012) trata deste assunto ao analisar a romaria dos carreiros a partir de uma análise científico-histórica, na qual considera que o deslocamento dos carreiros de suas origens para Trindade é um exemplo da reconstrução da memória viva da religiosidade. O despreendimento das normas de cada família ao sair de suas regiões e o encontro com outras

²² Este autor centrou sua pesquisa de doutorado nas experiências de carreiros, relatando desde a feitura do meio de transporte até as viagens realizadas pelos carreiros. O título de sua tese é “*O carro de boi é a minha vida*”: técnicas e expressões culturais entre carapinas e carreiros no interior de Goiás.

famílias de lugares diferentes, o contato com a natureza, as paradas e os pousos, constituem momentos especiais de relembrar e reconstruir uma realidade passada a partir do presente (Xavier, 2012).

Na romaria dos carreiros de Trindade, observa-se, assim, o desejo dos participantes de preservar hábitos mais antigos e básicos na estrutura do grupo dos carreiros. As informações colhidas na observação participante – analisadas no terceiro capítulo – comprovam e esclarecem o que caracteriza o sentido da romaria, apesar dos diferentes motivos explicitados: chegar ao santuário, cumprir promessas e/ou fazer algum pedido

Para além do desejo de repetição do ato fundador da romaria (Eliade, 1985), na romaria atual o cantar do carro de boi – e o próprio carro em si – carrega significados simbólicos mais profundos no imaginário religioso dos carreiros. O cantar do carro constituiu-se enquanto lugar de idealização do passado rural (Bauman, 2017) e, dessa forma, apresenta-se como um elemento simbólico (Geertz, 2008) da cultura goiana, tradicionalmente agrária – o que é evidenciado pela própria ambiência acústica que ele evoca.

Outro estudo que nos auxilia nesta análise é o de Deusa Boaventura e Idaibes Silva (2021) já mencionado anteriormente. As autoras investigaram as manifestações e elementos culturais do município e, entre eles, a romaria dos carros de bois. Nesta abordagem, as autoras destacam que:

A fé marca a relação do romeiro de carro de boi, considerando o ato como espaço de vivência intensa dessa relação de fé, em grande número de pedidos e agradecimentos ao Pai Eterno. Partilha da mesma memória histórica, mostrando que existe uma identidade social considerada fundamental para que não se deixe perder o sentido da tradição e da fé. Nesse sentido, o processo de tradição à passagem do tempo e as experiências acumuladas formam o que chamamos de memória social. Estas memórias, embora tenham o reflexo da modernidade, permitem que a história antiga se repita com os mesmos atos de devoção, tornando uma tradição que vai passando de geração em geração e, assim, é preservada até os dias atuais (Boaventura; Silva, 2021 p. 19).

Para o homem religioso, a vivência de sua fé não se dá no plano da história profana, mas da estória (mito) sagrada – que, para ele é real, posto que dotado de significação religiosa; ao passo que a história (entendida como o que acontece no mundo real, todos os dias), é algo temido, indesejado e apenas aturado com o auxílio do fervor religioso.

Também em Boaventura e Silva, nota-se de que modo as experiências marcam a história destes grupos e, de certo modo, pode-se afirmar que são elas que sustentam suas ações e os movem para que planejem a cada ano uma nova jornada.

O relato de um carreiro na tese de Oliveira (2021) nos direciona para esta compreensão. Segundo este carreiro, é uma emoção muito grande fazer cumprir seu sonho em fabricar o

próprio carro de bois. Para ele, primeiramente é preciso agradecer a Deus por dar a oportunidade de fazer viagens. Portanto, nas vivências dos carreiros é possível encontrar vários motivos que os levam à Trindade, e que estão para além da viagem em si, conforme se pode ver em outro relato na tese de Oliveira (2021, p. 78) “O Pai Eterno... O carro (de boi) é a concretização dum sonho, que o Pai Eterno me trouxe à vida pra que eu pudesse cumprir meu sonho. E agora é só alegria, e manter a tradição todo ano, que isso aí é uma promessa que a minha mãe mesmo fez”.

Segundo esse relato, o romeiro nasceu muito doente e sua mãe fez a promessa, com o Pai Eterno, vindo o mesmo a ficar curado [...] “graças à Deus sou perfeito, e aí a gente tem que seguir porque promessa é promessa, não é certo?” (Oliveira, 2021 p. 78).

Outro motivo que pode levar os carreiros a Trindade anualmente é o desejo de dar continuidade à participação neste evento. Mircea Eliade (1992), no seu estudo sobre o mito do eterno retorno, dá vários exemplos para demonstrar o porquê do retorno das pessoas a um determinado lugar. Uma dessas menções é dos povos ditos “primitivos”, cujos rituais têm seu modelo mítico, mas os atos humanos, sejam eles quais forem, adquirem tal eficiência, a ponto de repetir, com toda a exatidão, um ato praticado no começo dos tempos por um deus, um herói ou um ancestral (Eliade, 1992).

Outro exemplo dado por ele é o sábado judeu-cristão também chamado de *imitatio dei*. Segundo ele, o descanso sabatino reproduz o gesto primordial do Senhor, pois foi no sétimo dia da Criação que Deus descansou depois de ter encerrado o processo de criação. A mensagem do Salvador é, antes de tudo, um exemplo que exige imitação. Outro destaque é a missa de lava-pés, na qual Jesus lavou os pés de seus discípulos e os exorta a repetir o ato com seus amigos. No sentido expresso por Eliade, a romaria de Trindade é um *fato religioso* que a cada ano se repete e que os participantes ao fazê-lo, podem vivenciar o evento original. A manutenção dos carros de boi, mesmo com a chegada dos automóveis, é um elemento a comprovar este retorno – simbolicamente – ao original, à tradição.

Como se vê, os motivos subjacentes às romarias de carreiros à Trindade são diversos e reúnem gratidão, tradição, fé, resiliência, força, vontade, cultura, promessa, graça, memória, enfim... um misto de subjetividades e, principalmente, símbolos que são fortemente revividos a cada ano.

Entre os trabalhos selecionados para compreender o início da romaria destacamos o de Tulio Fernando Mendanha Silva (2021), o qual se ateve a técnicas e expressões culturais de carapinas e carreiros no interior de Goiás. Sua ampla abordagem permite compreender o papel deste meio de transporte e de seus condutores no início da formação do Estado e do antigo Barro Preto (hoje Trindade).

Segundo Silva (2021), é quase impossível saber em que data exata esse movimento começou, pois desde os primórdios do culto à Santíssima Trindade – ainda sob os olhares de Constantino Xavier e Ana Rosa – tornou-se comum pessoas chegarem ao vilarejo em carros de bois.

Jacób (2000) menciona em sua obra que os carros de bois partiam de todo o interior goiano. Eles transportavam alimentos, de modo que “ao lado de cada carro de bois as mulheres cozinhavam em “mariquinhas”, tripés de ferro, montados sobre braseiros” (JACÓB, 2000, p. 92-93).

Esta funcionalidade do carro de bois é citada em grande parte da literatura que trata (mencionado anteriormente por Borges 2014) tema e até a atualidade é possível constatar que mesmo tendo automóveis que acompanham as viagens destes carreiros para oferecer suporte, é no próprio carro de bois que toda a bagagem é transportada.

Há, portanto, uma relação muito forte entre a festa de Trindade e este meio de transporte, de modo que Oliveira (2021) utiliza o termo fraternidade univitelina, uma vez que hoje o carro de bois se tornou uma das principais atrações da romaria.

A romaria do Divino Pai Eterno está em consonância com o trafegar dos carros por motivos, dos quais, vale a pena destacar. Em primeiro lugar, é preciso entender que, para os carreiros, o carro de bois é uma “casa móvel”, expressão muito utilizada pelos mesmos. O carro é o lugar onde todos os utensílios práticos, a serem usados no trajeto da romaria, ficam armazenados: barracas, fogões improvisados, panelas, materiais de limpeza, roupas de cama, mesa e banho, enfim, todos os objetos básicos utilizados no dia a dia. Obviamente, dentro do carro também vão os alimentos a serem consumidos durante os dias do trajeto como arroz, feijão, verduras, carne de lata e frutas até os preparados com antecedência – quitandas, paçocas, bolos e outros prontos para o consumo, sem cozer. Em geral, estes últimos alimentos são feitos em grande quantidade pois, para “seguir o trecho”, é necessário se alimentar bem (OLIVEIRA, 2021 p. 68).

O transporte de tudo o que é utilizado pelos carreiros durante o trajeto e também na romaria, desfile na última semana da festa e demais necessidades viabiliza muito os processos, pois as paradas nas fazendas para descanso são obrigatórias e o acesso a esses materiais fica mais fácil, já que a cada pouso é necessário preparar a alimentação para a comitiva, além de banhos e higienização.²³

²³ Outros fatores a destacar em relação a proximidade da romaria com o carro de bois são as doações que também são transportadas junto aos demais objetos como: alimentos a serem doados às instituições de caridade ligadas aos missionários redentoristas, além de cimento e materiais de construção para a manutenção ou construção de templos e capelas – o que também é uma possível explicação para o envolvimento dos carros com a romaria de Trindade-GO (Oliveira, 2021).

Assim, o carro de bois além de ser um instrumento que permite ultrapassar a materialidade, é também uma oportunidade de evocar a memória coletiva a partir da percepção de novos horizontes ontológicos que são acionados pelos romeiros, carreiros e peregrinos quando na romaria do Divino Pai Eterno.

No entanto, esta tradição não foi em toda a sua história uma prática vista com bons olhos por parte das administrações municipais e do próprio estado, pois, em 1920 (década em que Trindade se emancipou), a circulação de carros de bois foi restringida sob a justificativa de que eram danosos às estradas.

Tal restrição não foi capaz de impedir os carreiros de continuarem suas viagens à Trindade pois, mesmo sujeitos a infrações impostas à época, deixar de ir à romaria seria uma transgressão da ordem simbólica do sagrado, pois assim sendo estariam desprezando a tradicional romaria.

O trabalho de Maria Socorro de Deus (2000) descreve que durante a gestão municipal de Trindade de 1983 a 1988 ocorreram muitos atritos entre carreiros e o prefeito, pois os carros de bois foram proibidos de circular em vias públicas da cidade sob a mesma justificativa de que os mesmos danificavam o asfalto.

De acordo com a autora supracitada, tal episódio foi a força motriz para a oficialização do movimento, uma vez que o poder público em acordo com a Congregação dos Missionários Redentoristas, teve a ideia de criar um lugar para o desfile. Tal estratégia visou minimizar uma crise entre a prefeitura e fieis do Divino Pai Eterno, além de tornar visível os carreiros.

A partir deste acordo os carros de bois foram reintegrados ao desfile com um protagonismo maior, agora visto por um amplo público, reforçado pelas narrativas midiáticas como elemento de um passado que tradicionalmente está associado à ruralidade goiana. Tal ação movimentou os municípios de onde se originam os carreiros a contribuírem com incentivos financeiros e logísticos.

A discussão envolvendo a dinâmica dos carreiros ao longo dos anos requer outro olhar para o entorno do movimento, ou seja, o que ocorre antes de chegarem a Trindade, além dos preparativos para a viagem. Assim, destacamos três romarias, entre as demais, que chegam à Trindade todos os anos: Araçu, Damolândia e Inhumas. Estas foram selecionadas porque são aquelas que mais encontramos estudos as envolvendo. Além disso, Damolândia é a comitiva mais antiga, contando hoje com 75 carros de bois.

2.1 A romaria de Araçu-GO

Deus (2000) esclarece que, durante este evento, é possível observar algumas características do carrear que também estão presentes na festa do Divino Pai Eterno. Entre os romeiros há consenso e afinidade com os desfiles e romarias, o que nos leva a compreender que, para eles, o carrear é uma tradição valorizada. Não apenas a cultura religiosa popular valoriza a romaria, mas também os poderes religiosos e políticos, pois o evento ganhou maior envergadura quando a Igreja católica e a administração política de várias cidades tornaram-se as principais incentivadoras e patrocinadoras.

A descrição de romaria de Araçu, a partir da pesquisa de Oliveira (2021), revela que junto com o carro de bois estão outras práticas e/ou iniciativas como cavalgadas e desfile de muladeiros que ocorrem não somente naquele município, mas também em Trindade, tanto no período da romaria quanto fora dela. Nos eventos de Araçu, “cristalizam-se ações que de alguma maneira parecem acionar um tempo passado que por vezes surge romantizado devido as lembranças marcadas por nostalgias e saudosismos” (Oliveira, 2001, p. 73).

Divina Luciane Fedrigo, em pesquisa recente (2024), também menciona a romaria de Araçu, que se iniciou quando Juarez Vieira organizou o primeiro encontro de carreiros para prestar uma homenagem ao seu pai João Vieira de Souza. O senhor Juarez faz parte de uma família de linhagem tradicional de carreiros. A inserção dos desfiles de carreiros e cavaleiros na programação cultural da cidade foi elemento propulsor para ajudá-lo em sua campanha para prefeito à época. No entanto, em 2011 ele veio a falecer vítima de acidente de moto quando ainda era prefeito. Seu pai faleceu em 2022 com 95 anos de idade.

Fedrigo (2024) descreve que, enquanto prefeito, Juarez foi grande incentivador do movimento agregando carreiros das cidades vizinhas, motivo que levou Araçu a ser considerado o maior encontro de carreiros do estado de Goiás e também um dos maiores grupos de comitivas que participam da festa do Divino Pai Eterno em Trindade.

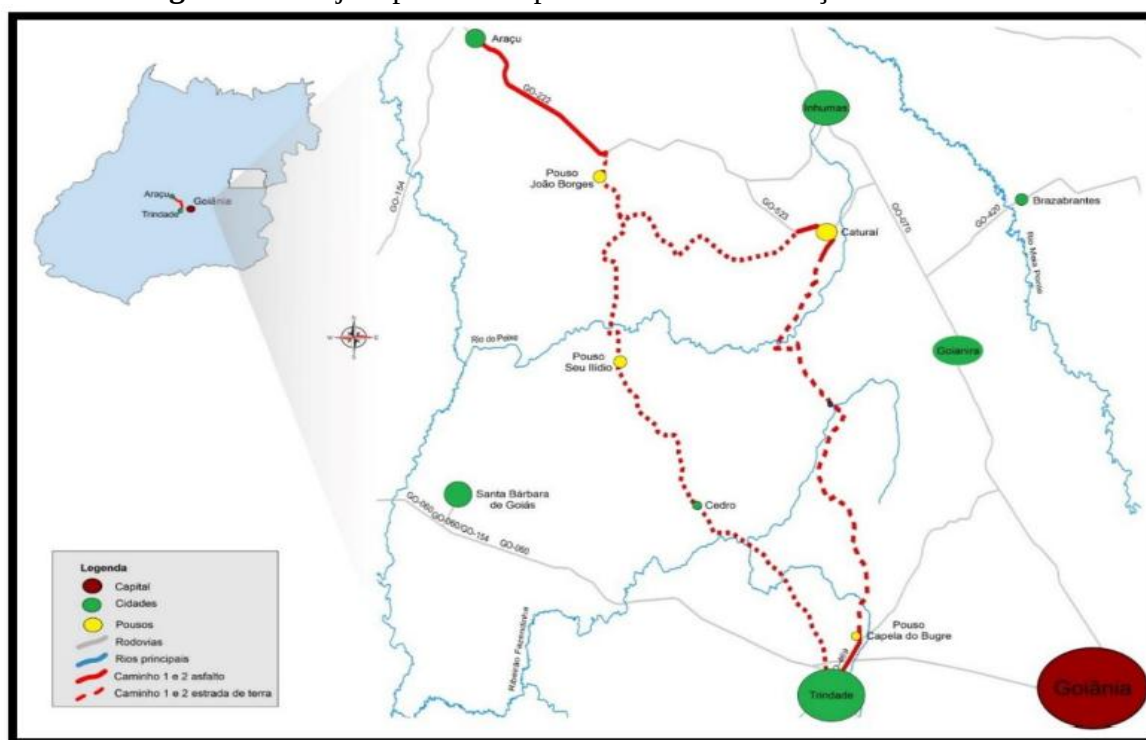
Quando se deslocam deste município rumo a Trindade, esses carreiros fazem quatro pousos conforme relatado por Fedrigo (2024 p. 49-50).

[...] Nesse percurso existem dois caminhos. O mais antigo só é percorrido por carreiros que não são acompanhados por automóveis, pois é uma estrada que passa pelo rio do Peixe cortada apenas por carros de boi, ela é estreita. Esse caminho diminui o percurso em quase um dia eliminando um pouso, que seria dentro da cidade de Caturai [...] os carreiros seguem a GO-222 pelo asfalto e antes de chegar no Centro Integrado viram à direita, seguindo para a fazenda do Dr. João Borges, fazendeiro já falecido, mas sempre acolhedor dos carreiros. Realizam ali o primeiro pouso e, no dia seguinte, seguem até a cidade de Caturai, onde fazem o segundo pouso, de manhã seguem para a Capela do Bugre, onde realizam o terceiro pouso, assim como também

fazem os carreiros de Inhumas. Ao sair do Bugre, seguem até uma chácara próxima a Trindade, onde dormem e no outro dia participam do desfile de carros de boi.

Destaca-se que este grupo, ao contrário dos de outras cidades, como Caldas Novas e Mossâmedes, por exemplo, que chegam no domingo ou segunda e têm condições de descansar por um período maior, chegam quase no final da romaria, já que no dia seguinte participam do desfile e, no sábado, da missa dos carreiros, sendo no domingo o encerramento da grande festa. Fedrigo fez o percurso dos carreiros de Araçu até Trindade (Figura 25) para que assim possamos compreender um desses movimentos, já que são muitas as cidades que participam da romaria do Divino Pai Eterno em carros de bois anualmente.

Figura 25: Trajeto percorrido pelos carreiros de Araçu até Trindade



Fonte: Fedrigo, 2024.

Nota-se que Araçu é hoje destaque em relação a manifestações culturais e conta com famílias que guardam a tradição do carrear, o que torna esse saber um símbolo da tradição na modernidade.

Outro município que também participa de maneira expressiva em Trindade é Damolândia,²⁴ cujo movimento se iniciou em 1920, quando o fundador da cidade foi de carro de boi para a antiga Barro Preto.

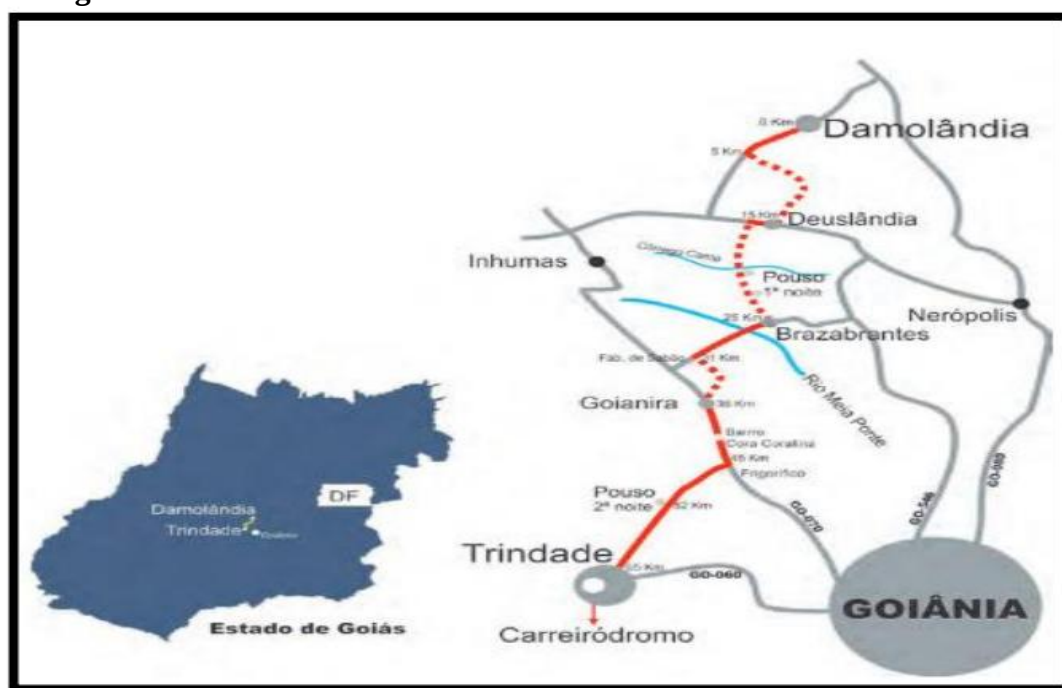
2.2 Os carreiros de Damolândia

Depois do primeiro carro de bois de Damolândia em Trindade, a notícia se espalhou fazendo com que o número de carreiros crescesse a cada ano, de modo que em 1992 aconteceu a primeira missa em ação de graça aos romeiros do Pai Eterno em Trindade, quando se reuniram várias autoridades eclesásticas do município com os carreiros.

Atualmente, antes de partirem para a romaria, acontece em Damolândia o festival dos carreiros que tem duração de três dias. O evento é marcado por celebrações, *shows* e encontro dos carreiros. Antes da saída oficial é servido um almoço para os mesmos, entrega da camisa com a logomarca do evento, algo comum nesses desfiles e, assim, partem rumo a Trindade. Em 2023, de acordo com Fedrigo (2024), participaram 80 carros de bois de Damolândia.

O percurso destes grupos foi registrado pelo IPHAN em 2019 (Figura 26).

Figura 26: Percurso dos carreiros de Damolândia a Trindade



Fonte: IPHAN (2019)

²⁴ Entre as diversas comitivas que participam da romaria do Pai Eterno nos atemos a detalhar o percurso de Araçu, Damolândia e Inhumas em razão de se situarem na mesma região e também por serem aquelas que mais têm trabalhos publicados.

Segundo Lima (2015), Damolândia é um dos municípios mais tradicionais na romaria de carros de bois de Trindade, sendo que o mesmo conta com o título de cidade dos carreiros desde 1992. A cidade tem sido objeto de estudo de vários pesquisadores os quais coletam ali uma gama de informações oriundas da tradição dos carreiros. Entre eles está Ney Clara Lima, antropóloga que em 2014 realizou uma investigação a partir dos dias de preparativos da saída oficial das comitivas para Trindade. Sua pesquisa foi fonte de registro para o documento do IPHAN sobre o carro de boi como patrimônio imaterial.

Na tese de Túlio Mendanha Oliveira (2021) também encontramos referência a Damolândia e o relato de um carreiro entrevistado por ele vem enriquecer nossa pesquisa, pois, descreve os motivos de continuar com a tradição. O carreiro citado tem uma boiada de animais mais velhos, mas muito saudáveis, os quais já tinham ido a Trindade mais de cinco vezes. Em entrevista Divino Soleira diz a Oliveira (2019 p. 45)

É, isso aí no começo era tudo do meu pai, eu era criança ainda e ia com ele, aí depois passou, eu fiquei jovem, aí nós ainda foi junto um tempo, aí a primeira vez que eu fui, foi só eu e os meus irmãos, nós foi seis pessoa; eu, meus três irmãos e mais três pessoa com nós. E nós foi só homem, não foi mulher também não, isso foi em 82, aí depois pra cá, todo ano eu tô firme e forte. Aí eu morava no município de Petrolina, mudei pra aqui, então o dia a dia, nunca... faia, algum ano a gente faia porque de uns tempo pra cá, eu não tinha boiada assim, de uns tempo pra cá que a situação melhorou, a gente tem a boiada mas direto eu ia com os outro, ajudando mansar, ajudando tudo, agora de uns tempo pra cá, agora vai eu e o meu filho, é o Rafael.

Nota-se no relato um homem experiente com a lida do carrear cuja atividade se inicia quando era criança, seguindo a tradição do pai. Percebe-se sua satisfação em poder seguir com a tradição, já que agora tem sua própria boiada para participar da romaria.

Ao citar os carreiros de Damolândia Fedrigo (2024) destaca a pessoa do senhor José do Salu que além de carrear, também tem a habilidade para confeccionar peças do carro de boi sendo conhecido na cidade como aquele que faz reparos nos carros de bois que estragam.

Além de Araçu e Damolândia, trazemos também os carreiros de Inhumas por comporem a mesma região e também serem representativos na romaria do Divino Pai Eterno. Recorremos ainda a Fedrigo (2024), Oliveira (2021) e Maria Aparecida de Castro (2011). Esta última vem somar-se aos dois primeiros nas descrições dos carreiros de Inhumas.

2.3 Os carreiros de Inhumas

Fedrigo (2024) esclarece que em Inhumas existe uma dualidade entre o espaço rural e o urbano, uma vez que o desenvolvimento industrial, comercial teve crescimento, mas a economia ainda tem a base na agricultura e pecuária. Durante sua pesquisa a autora pôde

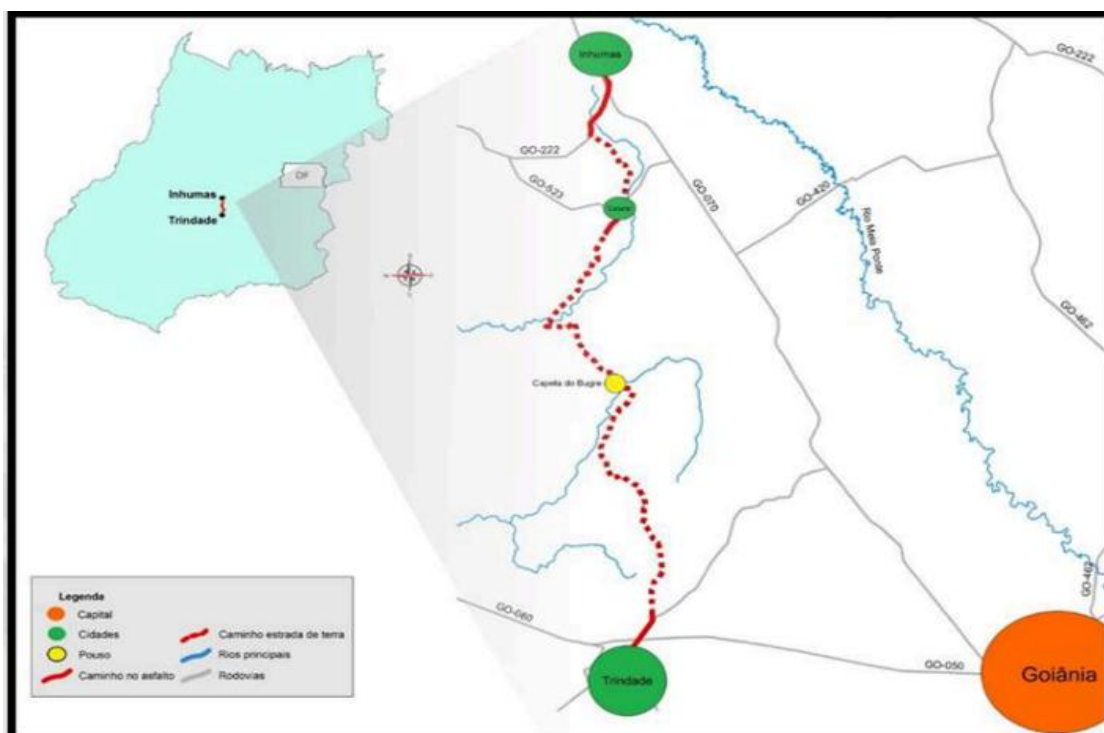
acompanhar alguns carreiros rumo à Trindade, e concluiu que, para os de Inhumas, o fato de morar no espaço rural ou urbano não interfere na motivação para irem a Trindade anualmente.

O olhar de Castro (2011) sobre esses carreiros centra-se na convivência marcada pelo espírito de solidariedade que vai se concretizando nos encontros, no prazer de estar juntos e no compartilhamento de saberes. Esta prática social tão comum da ruralidade permanece no ambiente urbano na cidade de Inhumas.

Este sentimento é corroborado nas falas dos entrevistados por Castro (2011) ao serem questionados sobre o sentimento de comunidade quando estão juntos com o grupo de carreiros-romeiros nos encontros programados: “Me sinto feliz, muito feliz”; “Eu simplesmente sinto mais forte, eu não sinto sozinho [...] eu sinto mais forte, com mais fé, eu sinto amparado pelos meus amigos” (Castro, 2011 p. 210).

Em relação à comitiva de Inhumas, o trajeto é o mesmo há mais de quarenta anos. Ultimamente a prefeitura municipal vem dando suporte para os carreiros e a saída passou a ser no Parque Agropecuário da cidade. Ali as comitivas se organizam para passar a noite, jantam e de madrugada tomam café (também ofertados pelo governo municipal) para começar a caminhada com a destino à cidade de Caturai e depois Capela do Bugre, onde fazem o segundo pouso (Fedrigo, 2024) de onde saem bem cedo e chegam em Trindade à tardinha. A figura a seguir ilustra o trajeto destas comitivas.

Figura 27: Percurso realizado pelos carreiros de Inhumas a Trindade



Fonte: Fedrigo, 2024.

Ao contrário de Araçu e Damolândia, em Inhumas não existe nenhum evento tradicional com a performance do carro de boi, salvo um evento ocorrido em 2019, quando a Secretaria de Cultura realizou uma festa para comemorar o dia dos pais, promovendo um desfile de carros de bois constituído por 69 carros.

Assim, a participação da comitiva inhumense ocorre em Trindade no desfile dos carreiros, no carreiródromo Ada Cyra onde se juntam a outras de diversos municípios.

2.4 Carreiródromo Ada Cyra: o centro da festa a partir do ano 2003

O referido espaço é uma homenagem a Ada Cyra uma menina de 10 anos de idade que faleceu em 2002 em seu primeiro desfile, quando os carreiros ainda passavam pelo centro de Trindade. Embora o desfile tenha sido melhor organizado em 2003, é importante lembrar que esta é uma tradição que já dura mais de 25 anos, quando os carreiros se organizavam entre si e se apresentavam na principal avenida de Trindade, encerrando-se o desfile nas imediações da Vila São Cotelengo. O interesse do poder público em construir um lugar próprio para estes eventos foi, contudo, o diferencial para que o movimento crescesse a cada ano.

A compreensão da tradicional romaria – que sobreviveu, mesmo diante de tantos obstáculos para preservar a sua memória – não é algo fácil. Para a maioria dos espectadores, o desfile se resume apenas a um espetáculo. Compreender a dimensão do movimento e os significados que ele carrega ou produz nos leva a olhá-lo sob a ótica do carreiro – e do devoto, que também enxerga um ato de fé neste caminhar conduzindo bovinos.

Neste sentido, encontramos em Geertz (2008) elementos que nos mostram a importância de “fazer parte do jogo” para assim entender os significados e simbolismos de uma cultura religiosa. Analogamente ao antropólogo citado e sua mulher, que só passaram a entender o valor da briga de galos dos balineses quando tomaram parte dela, também buscamos os significados dos movimentos, das expressões e sentimentos da romaria dos carreiros de Trindade a partir de uma observação participante, uma vez que o simples olhar de expectador não proporciona esta profundidade.

Em nossa observação, constatamos a sobreposição de significados representados pela cultura popular dos carreiros e pela cultura oficial da Igreja Católica. Xavier (2012 p. 37) traz uma reflexão importante sobre isso.

Entendendo que a romaria seja uma confraternização de fé e atores sociais permitindo cruzar, além das culturas rural e urbana o sagrado e o profano, vê-se que comunidade

e igreja também se associam a Romaria dos Carreiros de Trindade-Go, mesmo que não haja uma equidade de objetivos e resultados. Sobre essa ausência de equidade entre o sagrado e o profano [...] este movimento integra-se perfeitamente tanto na concepção universal de romaria como no contexto da religiosidade popular com um mínimo de organização em oposição ao máximo de organização, preconizado pela Igreja-Instituição.

Entre aqueles que acompanham o desfile há um misto de sentimentos, integrando-se também várias manifestações, já que a religiosidade em si não é destacada – com exceção da simbologia presente nos carros que abrem o desfile – na apresentação teatral no carreiródromo ou, de outro modo, no aspecto econômico presente nos diversos pontos de comércio e/ou de ambulantes que lucram enquanto vendem seus produtos e registram mais uma vez a tradição dos carreiros.

Voltando à Ada Cyra, lembramos que a menina²⁵ cresceu em uma família de carreiros e romeiros fieis ao Divino Pai Eterno. Ao longo dos anos, ela fez uma poupança com os trocados que ganhava de seus pais. Em 2002 a família se reuniu diante de um pedido da menina para decidirem se ela participaria ou não do desfile. Uma vez decidido, ela pediu que utilizassem suas economias para comprar roupas e uma bota, e assim foi feito.

Foram para Trindade de automóvel, se hospedaram em casa de parentes e no dia do desfile, Ada Cyra estava em cima do carro. Num dos momentos, fogos de artifício foram disparados e assustaram um dos bois que, de súbito, deu um arranque no carro, fazendo com que a menina se desequilibrasse e fosse lançada ao chão. Infelizmente um dos bois passou sobre seu corpo e ela veio a óbito.

O fato comoveu a todos e, na ocasião, o então governador estava próximo do acidente. Compadecido, prometeu construir um espaço apropriado. Também ficou proibido o uso de fogos no desfile. Assim, em 2003 o desfile já aconteceu no carreiródromo Ada Cyra.

Também em homenagem a ela, todos os anos sua pessoa é rememorada na escolha da rainha dos carreiros, que sempre é representada por uma garota com nove anos de idade. Hoje os pertences de Ada Cyra estão na Sala de Milagres junto aos do cantor Leandro, atendendo também ao pedido dela manifestado junto à família que gostaria que seus pertences ficassem ao lado do cantor depois de seu primeiro desfile, o que veio a acontecer, mas, de outra forma, pois, infelizmente ela veio a óbito e não pode presenciar tal fato.

²⁵ As informações sobre Ada Cyra foram coletadas da tese de Oliveira (2021), de informações contidas na Sala de Milagres da Basílica do Divino Pai Eterno onde estão depositadas as roupas que a menina usava no dia do acidente, além de um cordel em sua homenagem exposto num quadro.

Oliveira (2021), em sua pesquisa, visitou a Sala de Milagres e destacou os dizeres deixados em um quadro ao lado de suas roupas e o cofrinho que ela juntava dinheiro.

Repousando na sala dos milagres há uma legenda ao lado de suas roupas:

Esta foto e estes pertences eram de ADA CYRA, menina esperta, inteligente e sonhadora, que sonhava um dia em ser famosa. Mas o destino precocemente a levou à casa do pai.

Sonhadora como era ADA CYRA, sonhava um dia participar do *desfile de carros de boi* na romaria do Pai Eterno.

E foi justamente realizando este seu sonho que numa das curvas de nossa cidade, num solavanco do carro de bois nº 16, ADA CYRA, cai e o veículo pesado, passa sobre seu corpo, ceifando assim sua vida jovem e sonhadora.

E por fim um desejo seu, era quando ela dizia para a mãe Ailta: que um dia queria colocar os seus pertences, suas roupas seu chapéu e sua foto ao lado dos pertences do cantor Leandro.

E, assim, ADA CYRA estamos realizando seu sonho. E pedimos a Nossa Senhora, mãe de Jesus e nossa mãe que conduza em Seus Braços asua alma bondosa para a romaria eterna na casa do pai.

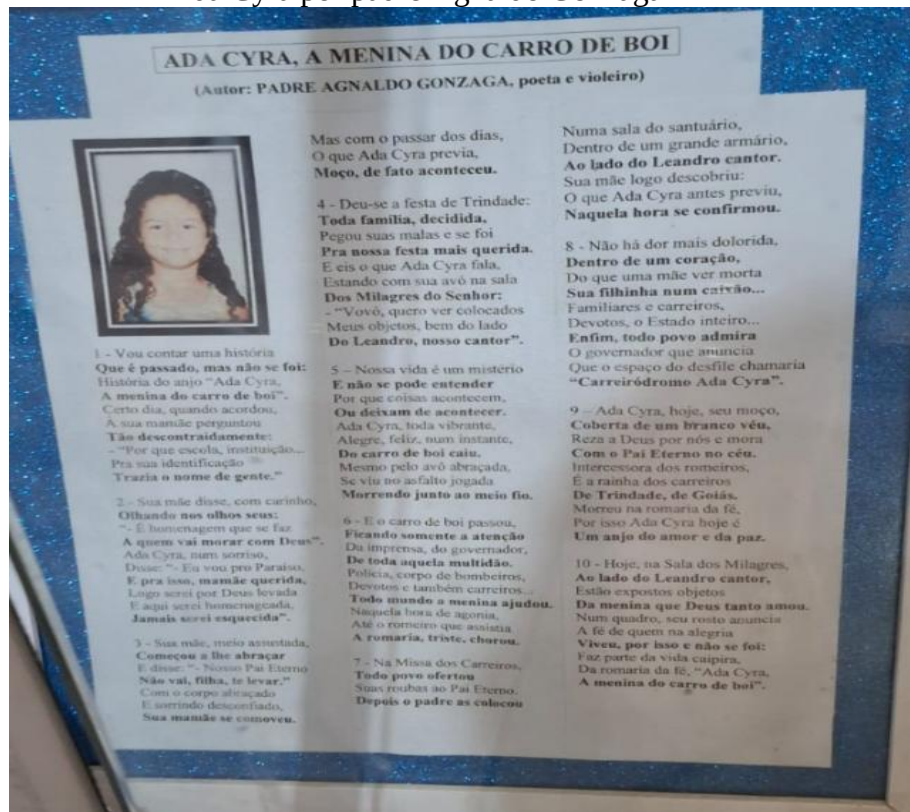
27/07/1992 / 04/07/2002 †

Ao ser lembrada na abertura dos desfiles, ou em seus pertences na Sala de Milagres, a garota também se transforma em memória que ultrapassa a saudade dos familiares e adentra em um campo muito maior, o da memória coletiva, pois, tanto os moradores de Trindade, quanto os romeiros que assistiram ao fatídico evento, ou ainda aqueles que passam a saber de sua história em algum momento, se incluem no rol de eventos que não se findam com o passar dos anos.

Uma homenagem feita a Ada Cyra²⁶ também é encontrada ao lado de seus pertences na Sala de Milagres (Figura 28).

²⁶ Não encontramos referência a data em que foi produzido este cordel e nem tampouco tivemos autorização para capturar uma foto com maior precisão, pois estão fechados num blindex para não serem tocados conforme coordenação da Basílica.

Figura 28: Cordel feito em homenagem a Ada Cyra por padre Agnaldo Gonzaga



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

Nota-se neste cordel elementos que também remetem à memória, como nos versos: “Num quadro seu rosto anuncia/a fé de quem na alegria/ viveu por isso e não se foi/ faz parte da vida caipira/ da romaria da fé, Ada Cyra/ A menina do carro de boi”. O seja, mais uma protagonista que mesmo em outra dimensão, faz parte desta história guardada na memória de todos que participam da romaria do Divino Pai Eterno.

Ao visitar o museu da Basílica e se deparar com a história de Ada Cyra, o romeiro que conhece bem a saga dos carreiros pode revisitar um passado distante ou não. A memória de Ada Cyra, embora trágica, foi absorvida à simbologia do carro de boi, se aliando com a tradição da romaria. A própria circunstância de sua morte associada ao carro de boi durante a romaria, contraditoriamente a prende ainda de maneira mais forte com essa tradição. Sua história se torna parte da narrativa da romaria e não coloca em dúvida a importância dos carros de boi na identidade local.

2.5 A acolhida dos carreiros e o desfile na atualidade

A acolhida dos carreiros pelo poder público de Trindade se fortaleceu a partir da década de 2000, conforme citado anteriormente, quando a Arquidiocese de Goiânia interferiu mediando a proibição do tráfego de carros de bois em Trindade.

A princípio, é importante citar que essas comitivas não chegam todas no mesmo dia. Neste sentido, quando adentram Trindade são orientadas a se dirigirem a um espaço rural pertencente à Basílica do Divino Pai Eterno para soltar os animais e deixá-los para alimentação e descanso. Na quinta feira que acontece o desfile os carreiros retornam a esse local de madrugada para buscar os animais e os carros e se colocarem a caminho do desfile. De lá seguem para uma escola municipal onde recebem as camisas com logo da festa e da prefeitura para que todos fiquem identificados com o evento (Figura 29).

Figura 29: Carreiro trajando camisa da romaria 2024



Fonte: Prefeitura de Trindade, 2024

A camisa deste ano é branca com o nome Romaria 2024 do lado direito do peito e, nas costas, uma estampa do Divino Pai Eterno. Além da camisa, os carreiros também recebem um *kit* com água e lanche para levarem consigo. Antes de saírem recebem uma mensagem da equipe da secretaria do turismo e seguem para posicionar-se na Avenida Manoel Monteiro onde vão aos poucos se inserindo no percurso.

Sobre a acolhida e apoio aos carreiros, em nossa pesquisa identificamos pouquíssimos trabalhos específicos para discorrer sobre este assunto. Entre eles está o de Luciane Fedrigo (2024). A autora traz uma informação importante, que evidencia a contribuição dos pioneiros que fizeram história em Trindade, como Dom Prudêncio, bispo sucessor de Dom Eduardo. O referido bispo assumiu a diocese de Goiânia (da qual Trindade faz parte) em 1908, assim que Dom Eduardo fora transferido para Uberaba-MG. De acordo com Fedrigo (2024), Dom Prudêncio permaneceu em Goiás até 1922, atuando no processo de estadualização da Igreja e dando continuidade às ações de seu sucessor.

Quanto às festividades, a contribuição de Dom Prudêncio foi relevante, pois efetuou alterações ao impregnar o catolicismo, restringir e modificar grande parte de suas características, atribuindo aos párocos a responsabilidade pela organização e gestão dos recursos. Depois de seu falecimento, quem assumiu foi Dom Emanuel, o qual tornou-se um defensor fervoroso da cristianização abrangente da sociedade goiana, com grande compromisso com a romaria do Divino Pai Eterno.

A presença do bispo nas celebrações da festa de Trindade e no desfile de carros de bois é prática comum todos os anos. Ele também contribui com os projetos envolvendo a estrutura da Basílica que se organiza para receber os carreiros e romeiros. Nas romarias de 2023 e 2024, foi organizada estrutura para os romeiros/carreiros por meio da Pastoral dos Romeiros, que disponibilizou pasto para o gado.²⁷ O engajamento da Igreja com a festa de Trindade é uma forma de fortalecer laços com as pessoas que frequentam a romaria.

Fedrigo (2024, p. 36) descreve que:

Em 2010 o o arcebispo Dom Washington Cruz realizou a pé o trajeto de 18 Km conhecido como Rodovia dos Romeiros, saindo do trevo de Goiânia na GO-060, próximo ao Terminal Padre Pelágio. Antes de iniciar o trajeto, ele abençoou os romeiros. Esse ato do arcebispo representou a forte ligação da igreja com os romeiros e a confirmação de que a mística praticada pelos fiéis do Divino Pai Eterno tem a permissão do mais alto grau da Igreja Católica goiana.

Esta participação dos religiosos nos eventos durante a festa de Trindade, é forte também no dia do desfile dos carreiros, uma vez que o evento começa com a benção do pároco (Figura 30) de Trindade, que também sai em um carro de boi segurando uma imagem do Divino Pai Eterno

²⁷ Não encontramos referência a data em que foi produzido este cordel e nem tampouco tivemos autorização para capturar uma foto com maior precisão, pois estão fechados num blindex para não serem tocados conforme coordenação da Basílica.

Figura 30: Padre interagindo com o público no percurso rumo ao carreiródromo Ada Cyra



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

A foto acima registra a concentração das pessoas para ver os carreiros em frente a praça da Igreja Matriz. Enquanto aguardam, eles interagem com a imprensa, com os padres e demais pessoas engajadas neste evento.

É tradição na romaria dos carreiros, o pároco dar a benção e fazer o envio dos carros para o desfile. Logo depois da benção acontece a coroação da rainha dos carreiros e uma homenagem à Ada Cyra. A imagem da Santíssima Trindade é levada pelo pároco em um carro de boi, juntamente com a rainha dos carreiros e outros participantes. Logo atrás seguem os carreiros com as diversas comitivas, das quais fazem parte pessoas de todas as idades, como se pode observar nas imagens coletadas no instagram da Matriz de Trindade (Figura 31).

Figura 31: Carreiros e suas comitivas





Fonte: Matriz de Trindade, 2024.

Nas imagens acima, destacamos as faixas etárias dos participantes: idosos e crianças estão presentes no desfile, ocorrendo um encontro de gerações. Estas crianças certamente se tornarão o elo entre o passado e o presente, perpetuando a tradição da romaria e dos carros de boi.

Neste sentido, é válido citar Veloso (2008), para quem o carro de bois, além de servir como evocação de uma memória coletiva, também é um instrumento material que permite vislumbrar novos horizontes ontológicos – ou seja, em que ocorrem novas buscas, por exemplo, retrotópicas (no sentido expresso por Bauman, 2017), pelo sentido do ser tradicionalmente goiano e católico. Onde ocorrem estes tipos de eventos, os próprios romeiros, carreiros e peregrinos vão alimentando esta memória coletiva a partir de sua ampla devoção em meio à modernidade vigente.

Tais práticas vem ocorrendo ao longo dos desfiles que, em 2024, completaram 35 anos, sendo que, na maior parte deste tempo, o evento ainda não tinha uma prática sistematizada e um local específico, conforme já mencionado. Assim, a cada ano ocorre uma fusão do passado com o presente. O primeiro traduzido nos carros de bois, que atravessaram séculos e continuam com a mesma estrutura na atualidade. O segundo evidenciado pelo aumento de pessoas que assistem ao desfile a cada ano, mesmo sob os signos da modernidade.

Com a manutenção dos carros de bois em seu modelo tradicional o passado ganha nova expressão simbólica na modernidade. Trata-se, segundo Oliveira (2021), de processo heurístico e performativo que, em muitos sentidos, as pessoas e agrupamentos humanos vão efetivando no sentido de perpetuar a tradição, ao mesmo tempo idealizando-a como evento nostálgico em uma modernidade sem utopias (Bauman, 2017). Esta permanência atual de carro de bois no desfile e no percurso de ida e vinda para Trindade se manifesta a cada ano, como pode ser observado na interação entre romeiros, carreiros, religiosos e demais atores sociais participantes.

Ao encerrar o desfile, a maioria dos carros são recolhidos e retornam para suas origens

de carreta (bois e carros), sendo que apenas algumas comitivas optam por retornar por terra. Acerca deste retorno e de mais um capítulo desta tradição, Oliveira (2021 p. 74) destaca o seguinte:

O concreto do asfalto, marca indelével do progresso que paulatinamente substituiu as estradas de chão de Goiás, não conseguiu escapar dos rasgos deixados pelas rodas cravadas dos pesadíssimos carros de bois. Nas vias públicas repousa uma mistura das linhas deixadas pelo desfile, com dejetos dos animais, de modo que, no ar, amalgamasse um cheiro acre, fruto da mescla entre curral e asfalto, boi e automóvel, urbano e rural.

Estas marcas não são apenas nos lugares, mas também na alma dos carreiros, que a cada ano “assinam” seu nome no livro desta grande história, que não foi apagada pela moderna. Ao contrário, o investimento feito pelo poder público e a divulgação midiática em todas as redes sociais da Igreja católica e governos municipal e estadual contribuem para que os carros de bois não sejam esquecidos.

CAPÍTULO 3

A ROMARIA DO DIVINO PAI ETERNO EM 2024

No presente capítulo, situamos o movimento dos carreiros a partir da romaria de 2024. Para esta análise, recorreremos à observação dos movimentos feitos pelos grupos e comitivas que chegam à Trindade desde a semana anterior ao início das novenas até a terça-feira que antecede o desfile de carros de bois.

Para isso, utilizamos a etnografia, um método antropológico que investiga a cultura por meio de observação detalhada de grupos sociais específicos. Este método é definido por Geertz (2008) como uma descrição densa, que funciona como um antídoto contra interpretações superficiais, frequentemente carregadas de estereótipos e preconceitos. Portanto, cabe ao etnógrafo fazer um estudo ampliado pautado nas ações das pessoas analisadas, buscando os significados compartilhados pelos membros do grupo observado. A etnografia abrange “uma variedade de estruturas conceituais complexas, muitas vezes interligadas ou sobrepostas, que são ao mesmo tempo estranhas, irregulares e não explícitas” (Geertz, 2008, p. 7).

Em complemento às considerações de Geertz, recorreremos a Yi-Fu Tuan (1983), que trata do espaço e do lugar a partir da experiência dos membros do grupo analisado. Esta abordagem da experiência está presente no movimento dos carreiros em todos os seus aspectos e, portanto, nos auxilia tanto na análise do movimento dos carreiros quanto nas interpretações que eles fazem da permanência da tradição e da memória.

Tuan (1983, p. 13), em sua análise, trata de diferentes espaços e, dentre eles, o mítico.

O espaço mítico orientado difere muito nos detalhes de uma cultura para outra, mas possui certas características gerais, a saber: antropocentrismo, que coloca o homem no centro do universo; organiza as forças da natureza e da sociedade associando-as com localidades ou lugares significantes dentro do esquema espacial; tenta tornar compreensível o universo através da classificação de seus elementos e sugerindo que existem influências mútuas entre eles; atribui personalidade ao espaço, consequentemente transforma o espaço em lugar. Vários povos associam os pontos cardeais a acontecimento astronômicos, a animais, a elementos da natureza (ventos, estações, umidade etc), cores etc.

Para os carreiros, os lugares significantes abarcam desde o percurso a pé nas estradas “de chão” até sua permanência em Trindade – quer seja lidando com os animais e os carros, quer seja no desfile, nas missa e em todos os lugares que evocam a tradição durante a romaria do Divino Pai Eterno. Para eles, a personalidade dada ao espaço vivido neste período controla influências mútuas.

Os dados coletados reúnem as informações e observações anotadas em caderno de campo sobre as ações e falas dos carreiros durante o movimento pelas ruas de Trindade, no

percurso do carreiródromo e no desfile dedicado a eles na quinta-feira que antecede a festa anual. Consultamos também documentos e fotografias publicadas nas redes sociais do Santuário Matriz e Basílica²⁸ e da Prefeitura Municipal de Trindade²⁹. As fotografias foram selecionadas tendo em vista a relevância para o nosso recorte temático e a qualidade das imagens.

Para esta análise também recorreremos a etnociologia que se propõe a lançar um olhar diferente sobre as práticas e comportamentos espetaculares humanamente organizados, evitando-se preconceitos e hábitos de pesquisa que sejam nocivos aos objetos estudados nesta área (Santos, 1978). Este método foi adotado para analisar o desfile de carros de bois que é, na verdade, um espetáculo cujos atores são os animais e os carreiros que, ao passarem no centro do evento, dão o melhor de si. É nesse momento também que são apresentadas as juntas de bois, as quais são preparadas ao longo do ano para chegarem em Trindade e serem apresentadas ao público. A etnociologia foi utilizada, assim, para analisar as práticas que envolvem o espetáculo do desfile de carros de bois.

3.1 Os caminhos percorridos pelos carreiros na cidade de Trindade

São muitos carros de bois que chegam à Trindade vindos de diferentes municípios. Na última década, o número de carros aumentou de maneira expressiva. A figura abaixo, do final do século XX, traz as principais cidades por onde esses carreiros passam,³⁰ sendo que atualmente se fazem presentes carros de outros locais do estado como Caldas Novas – que, em 2024, retornou a romaria de carros de bois depois de mais de cinco anos sem participar. A figura 28 aponta as cidades de afluência dos carreiros no início do século XX, cuja organização continua a mesma, embora outras cidades tenham se inserido no movimento nos últimos anos, como veremos no decorrer deste capítulo.

²⁸ <https://www.instagram.com/matrizedivinopaieterno/>

<https://www.instagram.com/basilicapaieterno/>

²⁹ <https://www.instagram.com/prefeituradetrindadeoficial/>

³⁰ Não conseguimos um mapa atual, mas a presença de carros de bois nos desfiles demonstra que até de outro estado existe representação, como é o caso de Minas Gerais cujos carros e animais são transportados em carretas e somente em Trindade é que estes carros são colocados nas ruas.

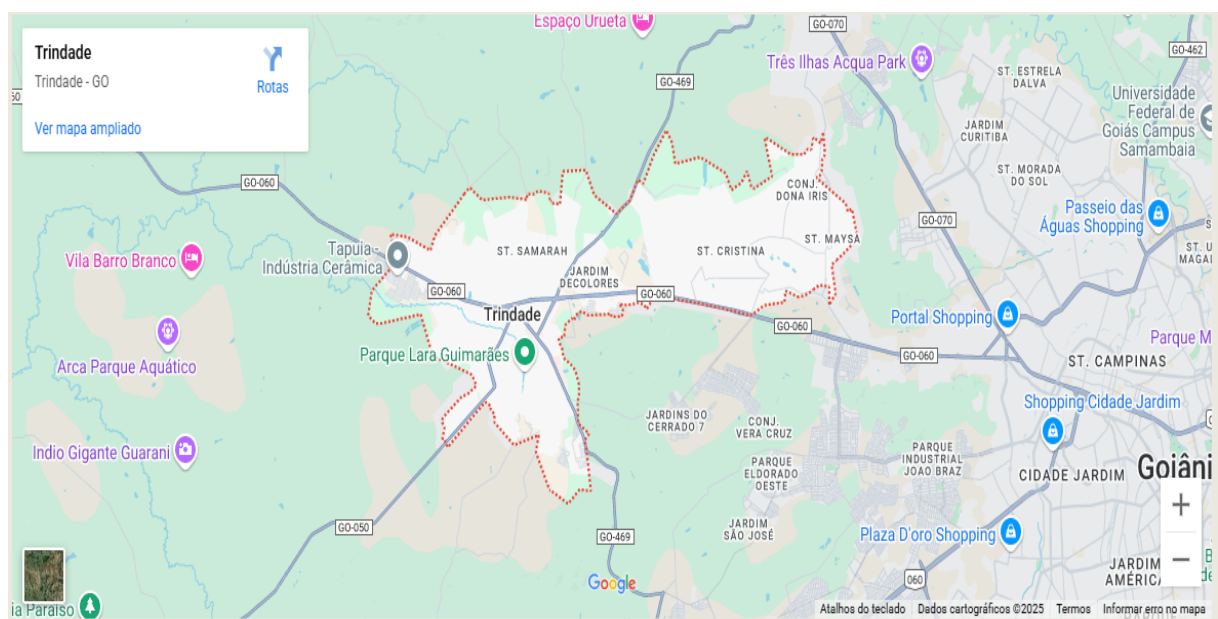
Figura 33: Carreiros chegando à Trindade, passando pelo Portal da Fé



Fonte: Instagram da Santuário Basílica, 2024.

O Portal da Fé localiza-se na entrada da cidade de Trindade e os carreiros que passam por ele são aqueles que chegam pela GO 469, que liga Trindade à GO 070. Os demais chegam pelas GO 469 (Trindade a Abadia), GO 060 (Trindade a Piranhas) e GO 050 (Trindade a Palmeiras e região) (Figura 34).

Figura 34: Mapa de Trindade



Fonte: <https://www.mapas.com.br/brasil/goias/trindade>

O mapa ilustra as rodovias onde passam os carreiros, com destaque para o fato de que grande parte das viagens são feitas por estrada de chão, onde as comitivas vão parando nas fazendas para o pouso sempre no final da tarde. Quando esta passagem não é mais possível por questões geográficas, eles adentram a rodovia até chegar em outra entrada por estradas rurais, conforme itinerário já estabelecido.

Assim que chegam à cidade de Trindade, os carreiros acomodam a boiada em pastos numa área pertencente à Basílica (em anos anteriores eles alugavam pastos) e depois se direcionam para os imóveis que são alugados previamente onde se organizam para ficar com suas famílias³¹. Uma vez acomodados, eles ocupam-se com a organização do desfile de carros de bois, participam de celebrações, se reúnem com amigos e parentes, entregam doações no Santuário Basílica e na Vila São José Bento Cotelengo, entre outras atividades.

Muitos ao chegarem na cidade, antes de irem levar os animais para o pasto, passam no pátio do Santuário Basílica para receberem a benção do sacerdote (Figura 35).

Figura 35: Carreiros sendo abençoados assim que chegam à Trindade



Fonte: Arquivo pessoal

A foto acima ilustra uma das rotinas dos carreiros na festa de Trindade. Muitos seguem a tradição das antigas famílias, que também iam até a igreja antes de se acomodarem na cidade. Durante esta benção, pudemos acompanhar a abordagem de romeiros que se aproximaram e investigaram o motivo dos carreiros virem todos os anos e quem respondeu foi o chefe da comitiva, um homem de aproximadamente 40 anos de idade, tal como o parafraseamos em anotação do nosso diário de campo.

³¹ Ainda é comum os carreiros locarem quintais ou lotes que ficam próximos ao centro da cidade e ali levantam barracas para se acomodarem durante sua estadia na cidade.

São muitos os motivos que nos trazem a esta terra santa. Cresci vendo meu pai treinar bois para trazer todo ano na romaria. Primeiro eu vinha porque tinha curiosidade para saber como era percorrer um caminho tão longo como de Orizona até aqui. Depois eu vinha mais para ajudar a trazer os bois, mas com o tempo eu fui entendendo o tamanho da fé do povo, até o dia que meu pai deu um câncer e veio a falecer. Com isso, eu tive que assumir a comitiva para a tradição não quebrar. Hoje, depois de quinze romarias, eu penso diferente. Meu amor e devoção ao Pai Eterno estão acima da própria viagem que é dura, mas vale a pena (Depoimento de um informante)

Ao atentar-nos para o relato do carreiro percebemos que a fé sobressaiu aos motivos iniciais que o levaram a se colocar a caminho de Trindade anualmente. Tal motivo foi também encontrado em grande parte das investigações cujos autores se dedicaram a conhecer melhor os carreiros do Divino Pai Eterno, como Valéria Leite Aquino (2007), que acompanhou de perto os de Damolândia.

Segundo ela, muitos peregrinos, sobretudo os mais idosos, justificam que sua participação na festa é apenas motivada pelo aspecto religioso.

Tradição. Fé mesmo, só a fé mesmo. Eu não venho aqui por rancho, por barraca, por ilusão nenhuma, eu venho por conta da Igreja. Eu tenho testemunha aqui que vê, eu vou na Igreja, volto pra barraca, vou na Igreja, volto na barraca. Toda vida é assim. Não é hoje porque tô véio não, já vim novo e nunca fui iludido com coisa aqui não. (...) Eu gosto de ir na Igreja. É o que eu tô falando pra você e repito: o meu passeio aqui é na Igreja (Citado por Aquino, 2007 p. 33)

Durante toda a romaria é possível perceber a fé como motivação dos romeiros, tanto nas celebrações quanto nas abordagens com os próprios carreiros, a qual é externada em gestos e dedicação na parte religiosa da festa e no vai e vem do carrear.

No sétimo dia da romaria (quinta-feira), acontece o desfile de carros de bois, quando os carreiros se levantam de madrugada, de modo que durante a novena da alvorada – que acontece no pátio da Basílica a partir das 5h30min da manhã – é possível presenciar os carros de bois se posicionando para o desfile. Neste dia, o centro da cidade e todo o percurso para o carreiródromo são tomados pelo som das rodas do carro de boi. Os carreiros se movimentam pela Avenida Manoel Monteiro ainda de madrugada para garantir um lugar nas primeiras filas do desfile e, assim, saírem mais cedo do evento (Figura 36).

Figura 36: Carreiro organizando os carros de bois na Avenida Manoel Monteiro



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

Nesta foto, vemos um carreiro com as roupas sujas de terra, o que denota um esforço para colocar os animais nas cangas. Os carros de boi são posicionados ainda de madrugada nas ruas de Trindade. Contudo, em razão da quantidade de comitivas, nem sempre os carreiros conseguem chegar cedo no carreiródromo, pois a Rua 16 de Julho é o ponto de encontro e de concentração destes carros que chegam de outros lugares da cidade e também precisam se posicionar na mesma avenida para se inserirem no desfile. Neste dia, a cidade fica muito movimentada, pois cavaleiros e muladeiros também participam do evento. Além deles, os romeiros e moradores de Trindade avolumam o público que acompanha os carros de bois pela cidade.

Em Aquino (2007, p. 45) encontramos uma observação sobre o desfile daquele ano:

Por volta das 10h daquela manhã nos dirigimos para a entrada de Trindade para acompanhar a chegada de alguns carreiros e o percurso que fizeram até um dos locais de acampamentos mais procurados: a Rua 16 de Julho [...] a cidade sofria uma metamorfose extraordinária, com a presença maciça de carros de bois, automóveis, charretes, carroças e cavaleiros, além dos transeuntes que seguiam a pé nas ruas da cidade [...].

Os relatos feitos até aqui permitem uma reflexão sobre a temporalidade dos fatos religiosos. Mircea Eliade (1985) menciona as teorias do Grande Tempo, as quais estão em conjunto com o mito das eras sucessivas chamadas de era do ouro, que sempre ocorrem no início do ciclo, próximo do *illud tempus*. Assim, Eliade aponta duas temporalidades distintas das festividades religiosas: a do tempo primordial e a do ciclo ilimitado em que o tempo é recuperável, podendo ser repetido infinitas vezes.

Podemos também trazer à baila as discussões de Tuan (1983, p. 14), para quem o espaço mítico é um construto intelectual: “satisfaz as necessidades psicológicas, além das intelectuais, obviamente; salva as aparências e explica os acontecimentos”. É ainda uma resposta do sentimento e da imaginação às necessidades humanas. Estes espaços são idealizados de modo pragmático, no sentido de que não se importam com a lógica da exclusão e da contradição.

Em Trindade, para quem revisita esses espaços na romaria e no desfile de carros de bois, não há uma centralidade, já que o tempo todo há uma busca por ela. Isso porque é um espaço que se movimenta o tempo todo e seu centro vai depender do olhar de quem o acompanha. “No pensamento mítico, a parte pode simbolizar o todo e ter toda sua potência” (Tauan, 1983 p. 15), o que ajuda a explicar as constantes centralizações, descentralizações e recentralizações dos espaços ritualizados durante a festa de Trindade.

O tempo – para Mircea Eliade (1985) – é circular e está no centro da cultura dos *homos religiosus*. As religiões que aceitam esta visão cíclica do tempo a consideram como uma maneira de retomar ao tempo sagrado. Em Trindade, essa ideia de tempo circular pode ser vislumbrada na repetição, a cada ano, com o início da romaria ainda no arraial do Barro Preto, e permanece na atualidade, em um ciclo também de duração indeterminada, já que milhares têm feito este caminho como os carreiros e as demais pessoas que revisitam Trindade, particularmente no grande desfile dos carros de bois, cujos espectadores aumentam a cada ano.

A concentração dos carros de bois na Avenida Manoel Monteiro é fruto da organização da administração municipal nas últimas décadas e da criação da Associação dos Carreiros do Estado de Goiás – ASCARGO, fundada em 2009. Além do carreiródromo Ada Cyra, para onde os carros de bois são direcionados desde 2003³².

Durante todo o trajeto até o carreiródromo, observamos que os carreiros foram abordados várias vezes pela imprensa local e oficial, por meio da qual identificamos motivos

³² Todas estas mudanças ocorridas ao longo dos anos deram maior visibilidade ao desfile e segurança tanto para os animais, quanto para o público que assiste ao evento, já que existe um itinerário certo para o deslocamento dos carros de bois pela cidade.

que os levam à Trindade anualmente, como a de um grupo que estava parado aguardando o movimento da fila para avançar com os carros de bois que se atentou à repórter do Santuário Basílica. Um dos carreiros respondeu:

Viajamos cinco dias para chegar até aqui e estamos gratos. É um caminho longo que merece atenção para os animais não cansar [...] passamos por estrada de chão, pelo asfalto, paramos nos pousos em fazendas [...] tudo em nome da fé para chegarmos na Trindade.

Em nossa pesquisa nas redes sociais do Santuário Matriz e Basílica, encontramos entrevistas concedidas por carreiros em caminho de Trindade (Figura 37), que vão ao encontro do relato do carreiro acima.

Figura 37: Carreiros de Orizona a caminho de Trindade



Fonte: <https://www.instagram.com/p/C9C8dv9uklq/>

Nas fotos acima, extraídas de vídeo produzido pela equipe de comunicação do Santuário Basílica, é possível observar o percurso por estrada de chão, com destaque para as falas dos entrevistados ao serem questionados pelo trajeto e os motivos que os levam à Trindade anualmente.

São cinco dias de caminhada, suor, cansaço, mas vale a pena né [...] porque esta é uma tradição é do meu avô. Então, nós vamos todo ano pra continuar a tradição dele.

Outro carreiro respondeu:

Em 2022 quando nós tava voltando para Anicuns com os carros de bois veio um carro bateu na traseira de um dos carros de boi, os animais assustaram e no arranque, o varão de tocar os animais quebrou e espetou em meu peito vindo a me ferir fortemente. Fui socorrido, levado para o hospital e eu clamei ao Divino Pai Eterno para me curar. Fiquei bom e sem sequelas e por isso continuarei com a devoção.

Um terceiro carreiro completou:

Ah! Eu participo da romaria de carros de bois porque tenho muita fé e também porque é uma oportunidade de encontrar meus parentes e amigos [...]. Quando piso naquele solo sagrado o meu coração parece que vai sair do peito.

Ao analisarmos as falas dos carreiros, destacamos a do terceiro, com ênfase no trecho “Quando piso naquele solo sagrado [...]”. Tal afirmação nos remete ao estudo de Cláudia Vial Ribeiro (2003)³³.

A autora se refere ao espaço sagrado como uma representação cuja dimensão é essencial tanto para o fenômeno religioso quanto para o humano, de modo que, ao acompanhar a trajetória do homem, sempre é possível encontrar, nas mais diferentes manifestações, este espaço que ganha importância significativa.

Mourão (2013) utiliza uma metáfora, citando o mover das pedras para explicar o que o sagrado representa para as pessoas. No mover das pedras, há uma força descomunal gasta para erguer estas obras (a fé, o sagrado).

Um amigo certa vez me questionou dizendo que achava isso um desperdício de humanidade, dizia: “para que tanta força e tempo gasto em uma só obra que não beneficia diretamente ninguém”. Esta questão é válida, porque se temos um templo em mente, ele não é uma acomodação do sacerdote, não é algo do qual ele desfruta, quer dizer, ninguém desfruta do templo de forma direta e objetiva realmente. Seria possível então, mediante um pensamento incrivelmente objetivo e tecnicista, que visa à produção e à técnica acima de tudo, e que domina o âmbito geral do nosso mundo moderno pós-industrial, entender tal empenho como irracional, e assim liquidar-se-ia o assunto dizendo que os povos antigos eram irracionais e foi a falta de razão que moveu estas pedras a estas alturas e a esta beleza. Não é verdade, porém, que sejam estruturas irracionais. Simplesmente é verdade que não resta a estas estruturas um objetivo funcional e produtivo imanente, de tal forma que o entendimento racional moderno simplesmente perde o contato com a razão que moveu estas pedras (MOURÃO, 2013 p. 33).

Neste entendimento, o homem não precisa necessariamente compreender o significado estrutural de um símbolo para aceitá-lo como tal, já que de modo consciente ele apreende essa informação em um nível inconsciente imediato. Ao citar Bachelard, Mourão menciona que os símbolos e as imagens poéticas interagem com a alma e nela ressoam, e que, ainda que a razão e o espírito não percebam de maneira direta e imediata essa influência da alma, isso não quer dizer que o símbolo não tenha conseguido alcançar seu propósito total, porque sua mensagem continua a ecoar. Tal propósito está presente nos sentimentos dos romeiros e carreiros, pois,

33 Citada por Rodrigo Fonseca Mourão (2013) em sua dissertação de Mestrado, cujo objeto é a análise do sagrado em Mircea Eliade.

durante todo o ano, acontece o movimento de pessoas que vão até Trindade para conhecer de perto a devoção ao Divino Pai Eterno.

O “mover das pedras”, citado por Mourão (2013), pode ser vislumbrado de maneira clara no desfile de carros de bois e em outros momentos da romaria, já que as “pedras movidas” vão perpetuando a devoção de um povo que chega de carro, a pé ou em carros de bois.

Retomando nossa descrição do evento, depois que os carros de bois são posicionados na Rua 16 de Julho, eles vão em direção à Praça da Igreja Matriz, onde começa oficialmente a festividade para eles, após a benção do pároco. De lá seguem tendo à frente um carro de bois que leva um sacerdote com a imagem do Divino Pai Eterno (Figura 38). No presente ano, foi organizado um carro de bois em homenagem aos romeiros falecidos, o que fortalece os vínculos – espirituais e simbólicos – com as gerações passadas de romeiros, os quais antecederam os atuais na manutenção da tradição do Divino Pai Eterno de Trindade.

Figura 38: Início do desfile na Praça da Matriz e no carreiródromo



Fonte: <https://www.instagram.com/p/C9C8dv9uklq/>

Da Praça da Matriz, os carreiros seguem para o carreiródromo Ada Cyra, sendo que todo o percurso até lá é tomado por pessoas que acompanham esse movimento. Em 2024, segundo a Secretaria do Turismo de Trindade, 450 carros participaram do desfile. Além dos carros de boi, 75 carroças e mais de 10 mil cavaleiros e muladeiros fizeram parte do evento.

No carreiródromo, a recepção dos carreiros aconteceu com a apresentação de uma peça teatral encenada pelo grupo de dança Fogo de Palha. O enredo e coreografia foram construídos

a partir da descoberta do medalhão da Santíssima Trindade (Figura 39), acompanhados pela música “Sou romeiro que caminha”, de Valter José.

Figura 39: Encenação da descoberta do medalhão da Santíssima Trindade e coreografia com a música “Sou romeiro que caminha” (2024)



Fonte: <https://www.instagram.com/p/C9C8dv9uklq/>

A figura acima representa a descoberta do Medalhão por Constantino Xavier e Ana Rosa, com destaque para a apresentação da medalha aos demais habitantes do pequeno arraial do Barro Preto. A fé da gente humilde é representada com gestos de veneração e respeito. Esta parte do evento foi analisada à luz da etnocenologia, a qual, de acordo com Pradier (1995), é estruturada como uma disciplina especializada em estudar os comportamentos humanos espetacularmente organizados. O autor pontua ainda que a palavra espetacularidade ganha uma dimensão de primeira grandeza, por se pautar na qualidade daquilo que é espetacular, grandioso, passível de ostentação.

Mas não é apenas no momento do teatro que o espetáculo acontece. Em 2024, toda a estrutura foi pensada para se tornar um momento diferenciado, tanto para o público quanto para

os carreiros, com seus animais “Mais de 30 tendas 12x12 foram montadas, unidas às outras, para formar um grande corredor onde passaram os carros de bois com os candeeiros e carreiros de comitivas distintas (Secretaria de Cultura de Trindade, 2024).

A figura 40 ilustra o corredor central (uma espécie de passarela), palco central do desfile.

Figura 40: Apresentação de carros de bois no carreiródromo com destaque para a dimensão da tenda



Fonte: Arquivo pessoal

A figura acima ilustra a estrutura do espaço que acolheu os romeiros. Diferente dos anos anteriores em que estivemos presentes no desfile marcado por sol forte e poucos lugares com assentos em relação ao contingente de pessoas, em 2024 houve a preocupação do poder público em acomodar o público para assistir ao desfile, conforme podemos ver na extensão das tendas na imagem acima.

Este é ápice da festa dos carreiros e é também o ponto de contato e encontro deles com os demais de outras comitivas e com o público que a todo momento faz abordagens. Diversos carreiros pararam para responder perguntas, mesmo com o pouco tempo que dispõem, uma vez que é um ambiente diferente e ruidoso, o que acaba por incomodar muitos animais, exigindo muita técnica para que os mantenham alinhados puxando os carros.

Nesse movimento, foi possível ouvir relatos de carreiros, oriundos de entrevistas a uma repórter de emissora de grande porte:

Vim pela primeira vez. Sempre tive a vontade de saber como era [...].
 Ah... eu venho todo ano. Gosto do desfile, mas eu gosto demais de encontrar meus amigos e parentes.
 Venho pela tradição. Meu avô foi carreiro até não aguentar mais viajar. Depois meu pai assumiu o posto e agora eu venho com ele e minha família.
 Viemos de Caldas Novas, viajamos por 15 dias. Tinha mais de cinco anos que nós não vinha e então este ano resolvemos recomeçar para tentar continuar com a tradição.
 Vim pela fé. Já recebi muitas bênçãos do Divino Pai Eterno.
 Venho a mais de vinte anos e sempre sou bem recebido com minha comitiva, mas este ano, o desfile foi um verdadeiro espetáculo. Tudo lindo demais!

Nota-se no último relato a percepção do carreiro em relação ao evento, comparando-o a um espetáculo. Em pesquisa sobre o Círio de Nazaré, Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida (2024, p. 205), fundamentando-se na etnocenologia, afirma que o cirieiro se constitui em uma categoria conceitual ancorada na etnocenologia, que, como matriz teórica, “conduz o seu olhar de pesquisadora ao encontro da teatralidade e espetacularidade contida no fenômeno da Festa de Nazaré, e também como terreno fértil do ser junto”

Em Trindade, a percepção também é a mesma quando lançamos nosso olhar para as diversas manifestações que ocorrem durante o desfile, uma vez que este é também o momento do encontro do carreiro com o público – o que pode ser vislumbrado na figura 41.

Figura 41: Carreiro e cavaleiro interagindo com o público (2024)



Fonte: <https://www.instagram.com/p/C9C8dv9uklq/>

Na figura acima, temos um carreiro e um cavaleiro em contato com o público, lembrando que este último também compõe o desfile. Ao longo de todo o percurso da

apresentação no carreiródromo, acontecem vários movimentos, selando um momento único em que se misturam emoções, lembranças, alegria, saudades, enfim, um misto de sentimentos que vão dando continuidade ao “mover das pedras” e o “eterno retorno”, citados anteriormente.

A etnografia hermenêutica de Geertz (2008) também oferece uma lente importante para avaliar o desfile de carros de bois em Trindade durante a Festa do Divino Pai Eterno. A abordagem deste antropólogo procura explicações que se concentram na interpretação dos sistemas de significados dentro dos quais as ações sociais ocorrem. No caso do encontro entre carreiros, cavaleiros e o público, vislumbramos um conjunto de interpretações que permitem uma fusão entre o passado e o presente, evocando memórias em um momento ímpar, da festividade, onde se juntam todos os atores deste processo que faz o espetáculo acontecer.

Ao se aplicar a perspectiva de Geertz ao desfile de carros de bois, é possível vê-lo não apenas como um evento folclórico ou uma tradição pitoresca, mas como um texto cultural rico em símbolos e significados interconectados. A partir desse autor, podemos interpretar a festividade de Trindade a partir o aparato teórico-metodológico da antropologia hermenêutica de Geertz, na qual se pode mergulhar nas camadas de interpretação que os próprios participantes (carreiros, devotos, espectadores) conferem à festividade. Na medida em que descrevemos as etapas da romaria de carreiros e da participação deles na festividade de Trindade, buscamos essas camadas de interpretação da cultura religiosa católica goiana, tal como veiculadas pelos próprios carreiros, o que buscamos fazer por intermédio de nossa observação participante na romaria de 2024.

Retornando ao tema da teatralidade presente nas romarias, ao observar a movimentação e fé das pessoas durante a apresentação dos Círio de Nazaré, Amorim (2024) afirma que os estados de corpo em processos de afetação pela relação íntima de fé daqueles que fazem, vivem e sentem a Festa em todas as suas dimensões está assentada nas categorias teatralidade e espetacularidade. Tal afirmação está presente em diferentes momentos do desfile no vestuário dos carreiros, decoração dos carros e na escolha dos animais que são cuidadosamente selecionados para participar da longa viagem (Figura 42).

Figura 42: Carreiros durante o desfile



Fonte: <https://www.instagram.com/p/C9C8dv9uklq/>

Na figura acima, os carreiros e os animais estão no centro do espetáculo e são apreciados pelo público, com destaque para os animais que assim como os demais encantam pelo porte, sendo a maior atração do evento. As mulheres se preocupam em vestir a melhor roupa para uma boa apresentação, assim como as crianças que participam.

Nesses eventos, a teatralidade é eloquentemente perceptível e os participantes da festa estabelecem uma íntima relação com o santo louvado, quer seja pelo canto das rodas dos carros de bois que evocam memórias, quer seja pelos inúmeros momentos encenados. Como observou Almeida (2024, p. 241): “O jogo cênico que se estabelece entre olhante e olhado, é marcado pela posição das mãos [...] das lágrimas copiosas que lavam rostos anônimos. E rapidamente quem está na condição de olhado passa para olhante e vice versa.”

Esse movimento de observar e ser observado em meio à festividade, tornando-se em si um dado do espetáculo, foi constatado em nossas observações pela declamação de um poema por um carreiro de Damolândia, o qual fez homenagem ao pai também carreiro (já falecido) (Figura 43). Segue o poema:

Figura 43: Carreiro de Damolândia declamando poema no Carreiródromo



Fonte: Arquivo pessoal

Quando eu falo no carro de boi
 Já me sinto emocionado
 Foi através de um carro
 Que eu e meus irmãos fomos criados
 Ainda pequeninho já gostava de carrear
 Papai foi sempre carreiro
 Eu tive por quem herdar
 Desde o tempo de criança
 Eu já tinha aquela vontade
 De um dia ser carreiro
 Mas um dia papai faltou e
 Com Deus foi morar
 Mas tenho uma grande certeza
 Que ele me ajuda a carrear
 Hoje eu saio com a romaria
 Devagarinho vou andando
 Nunca esqueço do papai
 Quando o carro está cantando
 Meu amor é na carreira
 E papai também já foi
 Pois de tanta família resta eu
 Com alegria
 Pra comandar o carro de boi.

Ao analisarmos o poema, vemos nele um relato dos motivos que colocam este carreiro a caminho. É na verdade um tributo ao pai, que durante anos se colocou na estrada em direção à Trindade, movido pela fé. Hoje seu nome está gravado na lista dos carreiros que ajudaram a construir esta história e permanece na memória do filho que vem pelo mesmo motivo que o pai.

Após atravessarem o corredor central da grande tenda, os carreiros se organizam para voltar aos seus alojamentos. Ouvimos de alguns grupos que depois do evento, embarcariam os animais e os carros em carretas para que voltassem ao lugar de origem. Outros afirmaram que voltariam com os carros pelas estradas, assim como vieram.

3.2 Missa dos carreiros no sábado que antecede a festa

A partir de 2000, os carreiros ganharam maior representatividade, assim como a missa dedicada a eles. Anteriormente, esta celebração era realizada no interior da Basílica do Divino Pai Eterno. A partir de 2022 (primeira romaria presencial depois da pandemia), o evento passou a ser realizado ao ar livre (Figura 44).

Figura 44: Missa dos Carreiros (2024)



Fonte: Santuário Basílica, 2024

Esta celebração acontece atualmente na Praça Dom Antônio, no fundo da Basílica, com início às 17h do sábado que antecede a festa. Na imagem acima, notamos o detalhe das camisas doadas pela prefeitura da cidade, em parceria com o governo do estado. Os carreiros colocam seus adereços como chapéu, bota, cinto e o ferrão, usado para conduzir os bois nas viagens.

A missa dos carreiros também pode ser analisada à luz da etnocenologia, já que a celebração evoca, em vários momentos, elementos da teatralidade presente nos ferrões, que imediatamente remetem aos bois transportando os pesados carros, nos chapéus, na própria devoção e na maneira atenta de assistir a celebração, elementos que, no momento da benção

final, são destacados formando uma bela *performance*, marcada pelas varas com os chapéus que são levantados todos juntos.

Também em Tuan (1983) encontramos uma referência à junção dos carreiros no momento da missa, onde afloram memórias e emoções. Conforme o autor, o corpo humano é um esquema hierarquicamente organizado; está impregnado com valores resultantes de funções fisiológicas carregadas de emoção e de experiências sociais íntimas.

Para esta missa são selecionadas músicas e coral específico (chamado de coral sertanejo) para abrilhantar o evento. Também as leituras e homilia são voltadas aos carreiros. O termino se dá a noite, formando, assim, um momento único em que os carreiros colocam aos pés do Divino Pai Eterno todo o trabalho de mais um ano para chegar até aquele momento (Figura 45).

Figura 45: Missa dos Carreiros



Fonte: Santuário Basílica, 2024

Nesta celebração, participam os carreiros, suas famílias e demais romeiros que estão em Trindade. É um momento de renovação da fé e de forças e também de agradecer por terem chegado a mais uma romaria. Esse movimento, também na missa dos carreiros, é uma forma de manter a tradição, ainda que seus participantes não tenham a percepção disso.

Em Mircea Eliade (1985), encontramos referência para corroborar tais ações, uma vez que há certa dificuldade em separar os antigos romeiros dos modernos quando tratamos de um movimento tão forte quanto a romaria dos carros de bois. Para estes homens obstinados, não importa o quão antiga é a tradição e as dificuldades que terão que transpor para alcançar este objetivo, afinal não se trata apenas de tomar a decisão de fazer o percurso. Pelo contrário, os preparativos – desde o amansar os bois, construir ou reparar os carros, até os preparativos de alimentos, roupas, utensílos entre outros – requerem dedicação e foco para conseguir alcançá-los.

[...] seria necessário confrontar o “homem histórico” (o homem moderno), que consciente e voluntariamente cria a história, com o homem das civilizações tradicionais que, conforme já tivemos oportunidade de ver, demonstrava uma atitude genuína em relação à história. Independente de abolir-la periodicamente, de desvalorizá-la por meio do encontro de modelos transhistóricos e arquétipos para ela ou, por fim, de lhe dar um significado meta-histórico (teoria cíclica, significados escatológicos e assim por diante), o homem das civilizações tradicionais não atribuía qualquer valor ao acontecimento histórico em si; em outras palavras, ele não o considerava como uma categoria específica de seu próprio modo de existência (ELIADE, 1985 p. 55).

Na modernidade, porém, as ações do homem religioso passam a ser valorativas. Exemplo disso é o próprio ato de registrar esses momentos, quer seja por fotografias, vídeos, relatos, os quais já indicam a importância de cada carreiro para a preservação da memória coletiva em Trindade – não apenas enquanto retorno ao ato fundador, mas como registro de sua atualização no presente.

3.3 Homenagens à memória de carreiros falecidos

Conforme citado anteriormente, os carreiros falecidos são homenageados no dia do desfile de carros de bois. Além desta homenagem o município de Trindade instituiu o dia 21 de outubro como o Dia Municipal do Carreiro, inspirado no senhor Antônio Firmiano, carreiro tradicional por mais de 80 anos, que faleceu em 21 de outubro de 2021. Neste dia também é exaltada a memória de Ronaldo Ferreira da Silva Filho, o Embaixador dos Carreiros, falecido em setembro de 2024 com apenas 38 anos de idade.

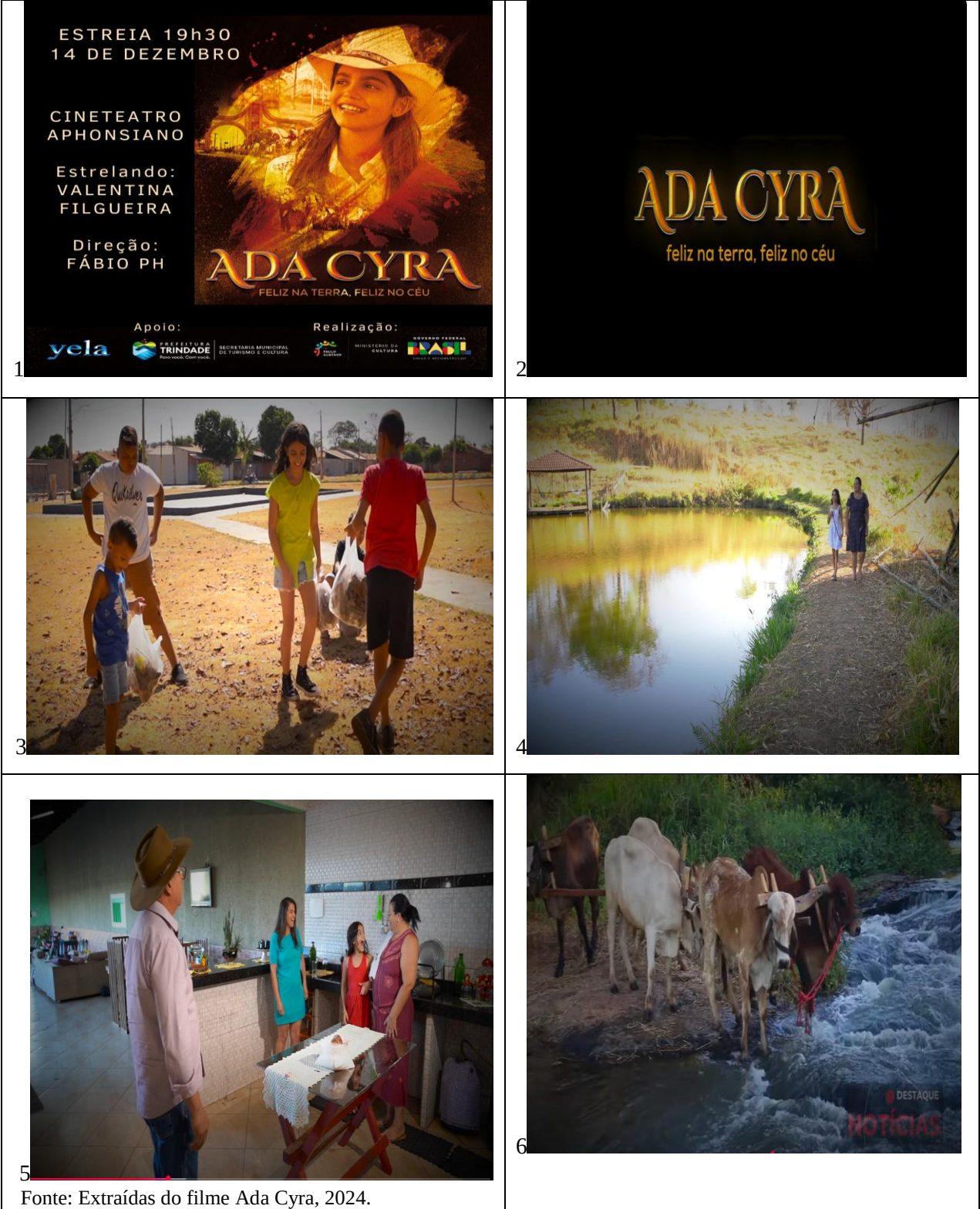
A Prefeitura de Trindade se pronunciou, em 2024, sobre essas homenagens nos seguintes termos:

É com muito orgulho que Trindade tem sua história marcada pela devoção desses homens e mulheres que caminham em gratidão ao Pai Eterno, carreiros do tempo, que trazem consigo a beleza e a riqueza da simplicidade da vida no campo (Prefeito do Município, 2024).

A homenagem a esses carreiros é a porta de entrada para muitas outras que virão, na medida em que os pesquisadores da sua história (ou os próprios familiares de entes já falecidos) forem procurando a Prefeitura para disponibilizar novas informações sobre eles. Outra homenagem que por certo eternizará a história dos carreiros é a da menina Ada Cyra, apresentada em um curta metragem, exibido em 14 de dezembro de 2024 no Festival de Cinema de Trindade. O mesmo foi organizado por Fábio PH com incentivo da Lei Paulo Gustavo, com duração de 20min57seg. Após a exibição em Trindade, o filme foi disponibilizado no Youtube.³⁴

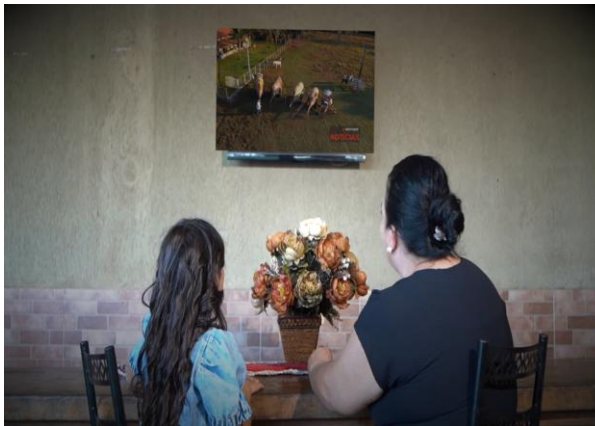
³⁴ Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=WAQljgRh-f8>.

Figura 46: Mosaico 1 com imagens do filme Ada Cyra³⁵



³⁵ Os comentários das cenas destacadas foram feitos por ordem das imagens da esquerda para a direita. As gravações foram feitas no desfile de 2024.

Figura 47: Mosaico 2 com imagens do filme Ada Cyra



Fonte: Extraídas do filme Ada Cyra, 2024

O filme descreve a história da menina Ada Cyra no ano de seu falecimento, quando desejava desfilar em cima do carro de bois em 2002. Ada, segundo o filme, era devota do Divino Pai Eterno, religiosidade adotada por influência dos pais e avós. Era uma boa aluna e cuidava do meio ambiente, ensinando seus colegas de escola, conforme cena do filme representada na imagem número três do mosaico um.

A menina compartilhava seus anseios com a avó e, naquele ano, preocupou a todos ao insistir em suas conversas que não demoraria para morrer. Ela ficou muito feliz quando o avô comunicou que iriam levá-la para participar do desfile e, como já estava aproximando a romaria, intensificou seu interesse em conhecer melhor o percurso dos carreiros que passavam por Abadia de Goiás (cidade de sua residência) num programa de televisão, momento em que pode observar as dificuldades enfrentadas por homens e animais para chegarem em Trindade com os carros de bois.

Ada Cyra já preocupava a família antes mesmo de vir para a romaria naquele ano, sempre com o mesmo discurso que morreria jovem, tanto que pediu à avó para visitar a sala de milagres, onde viu os pertences do cantor Leandro e manifestou desejo de colocar as suas também ao lado dele.

No dia do grande desfile, ela foi colocada à frente do carro junto ao avô, mas no momento do acidente ele não conseguiu segurá-la, e a menina tornou-se vítima fatal. O desejo de Ada de ter seu nome gravado em um lugar público foi realizado, o que ocorreu no ano seguinte ao desfile de sua morte, quando o carreiródromo construído recebeu o seu nome.

3.4 Reflexões sobre as motivações dos carreiros em manter a romaria anualmente

Ao observar a romaria dos carros de bois de 2024, foi possível identificar diferentes motivos que levam os carreiros a se organizarem rumo à Trindade anualmente, dando continuidade a uma tradição que dura mais de um século.

Deste que se iniciou, nos idos anos 1840, a devoção ao Divino Pai Eterno foi marcada por muitas histórias de pessoas que vinham a pé ou a cavalo para conhecer de perto a devoção. Os demais, de lugares distantes, viajavam de carros de bois, que, naquela época, eram vistos apenas como meios de transporte. Conjetura-se que os primeiros carreiros jamais imaginaram que ficariam na memória do povo goiano e que esta forma de deslocamento até Trindade se tornaria um evento tão importante na festividade do Pai Eterno.

Com base na literatura consultada, como Alves (2000), Aquino (2007), Carvalho (2000), Fleury (2022), Jacób (2000), Oliveira (2021) e Reinato (2009), nos vídeos disponibilizados nas redes sociais e em nossas observações participantes realizadas durante a romaria de 2024, foi possível compreender que são muitos os motivos que trazem carreiros até Trindade como: fé, tradição, curiosidade, rever amigos, retomada de comitivas, cumprimento de promessas, participação do desfile, desejo de trazer os filhos para conhecer e participar da tradição,

aproveitar a viagem para negociar gado com outros fazendeiros, como expresso por um carreiro de Cezarina em nossas observações: “Venho todo ano porque amo o Divino Pai Eterno, mas esta é também a oportunidade de encontrar outros fazendeiros e vender uma quantidade maior de gado, né?”

Outros, ainda, vem para Trindade apenas para participar das novenas ou para trazer a família, conforme relato que ouvimos de um carreiro de Nerópolis:

Eu venho todo ano. Chego na terça da festa, guardo o gado no pasto, alojo a “famia” e volto pra roça porque também mexo com plantação e vendo pro Ceasa. No sábado da festa volto, participo da missa dos carreiros, do encerramento na missa de domingo cedo e pois “vorto” com a boiada e carros em carreta.

Conforme descrito neste capítulo e verificado na análise das imagens, a fé e a tradição são as principais motivações que levam os carreiros a repetirem anualmente o percurso que fazem. Do início das romarias até o presente, o mundo modernizou e hoje as estradas são pavimentadas, os meios de transporte dominam o trânsito, grandes carretas poderiam transportar os animais e tornar o processo mais fácil, contudo, eles persistem de acordo com a forma tradicional de deslocamento – podendo ser o uso de carros de boi uma forma de expressar um sentido *retrotópico* à romaria na modernidade, conforme as formulações de Bauman (2017).

Destacamos várias falas extraídas de entrevistas concedidas pelos carreiros. Observamos que os motivos ora são únicos ora se fundem como aqueles dos carreiros de Orizona, em que um deles afirma vir à Trindade pela “fé e pela tradição”. Outros somente alegaram: “para participar do desfile”, ou ainda “para pagar promessa que foi feita pelo meu pai e o tempo não tem fim, enquanto eu tiver vida”.

Almeida (2020) observa que o ato de um peregrino de ir até um lugar pela devoção está amparado na sua crença à divindade e, por isso, ele se dispõe a enfrentar as dificuldades encontradas no trajeto da peregrinação, como sol, chuva, além de perigos durante o percurso. Os carreiros, embora relatem todos estes percalços, não mencionam pensamentos negativos que possam vir a desmotivá-los ou tirar-lhe o foco: “[..] a peregrinação é um ato de entrega do indivíduo à vivência da religiosidade, manifestada em uma experiência única do homem” (Almeida, 2020 p. 64).

Entre os carreiros, o passado se funde com o presente na permanência do ato de carrear, no qual o passado ganha novas formas com o espaço moderno (o carreiródromo, a valorização do desfile, a preservação da memória e da cultura expressos nas falas e ações dos carreiros, independente dos motivos que os trazem para Trindade). “E nesse contexto de (re) existência

cultural está o exemplo da presença dos carros de bois no território goiano, numa via interpretativa de seus tempos e seus movimentos” (Barbosa, 2014, p. 24).

Por sua vez, no tocante à fé como motivação, a maior parte dos carreiros a evidenciam em seus gestos, como o carreiro que declama uma poesia em homenagem ao pai falecido no carreiródromo. Os versos – já reproduzidos neste capítulo – transbordam saudosismo e respeito.

Para Enoque e Almeida (2021), a romaria é um rito, uma forma de se apropriar dos sentidos, das simbologias e das crenças que constituem o campo religioso católico, popular e tradicional de determinada região. Tal como Geertz (2008), entendemos que a religião é essencialmente um sistema de símbolos. Nossa abordagem, também pautada pela antropologia hermenêutica, indica que a religião não é somente um conjunto de crenças doutrinárias ou práticas rituais isoladas. Pelo contrário, ela opera como uma complicada rede interconectada de símbolos que podem ser rituais, mitos, objetos, gestos, ou até mesmo emoções que têm significados específicos em um determinado contexto cultural.

Com efeito, peregrinos chegam caminhando à Trindade, participam das novenas e sentem a presença do Divino, realizando sua experiência com o sagrado. Para os peregrinos, todas estas manifestações estão conectadas, e a romaria – com seus carros de boi – remetem ao *ethos* rural goiano. Neste sentido, remontamos novamente à Zygmunt Bauman (2017) e a sua noção de *retrotopia*,³⁶ por meio da qual entende-se que é possível retornar a um passado idealizado, movimento comum em Trindade, de modo contínuo, pois a cidade recebe peregrinos o ano todo para conhecer de perto a devoção ao Divino Pai Eterno. No desfile, mantêm-se a organização dos carros de bois, rememorando o passado, mas as pessoas que fazem parte dele (carreiros, cavaleiros e muladeiros) se reinventam, inovando nas vestimentas, criando performances, tornando-se “importantes” no encontro com o público. Verificam-se, assim: “[...] visões instaladas num passado perdido/roubado/abandonado, mas que não morreu” (Bauman, 2017, p. 10).

A noção de *retrotopia* oferece margens para inserir em seu bojo todos aqueles que vêm à Trindade por motivos religiosos ou não, pois, de certa forma, está-se fazendo um movimento de “volta” ao passado, momento em que é possível reviver memórias e construir outras histórias nas igrejas, nas ruas, no carreiródromo, no comércio, enfim, no contínuo movimento de pessoas em Trindade. Ou seja, o tempo da romaria é o tempo da tradição presente na noção de *retrotopia*.

³⁶ A *utopia* é um lugar inexistente e que se mostra impossível de ser atingido no futuro. Já a *retrotopia* é o retorno ao passado, a um modo de vida que foi exageradamente, irrefletidamente e imprudentemente abandonado.

A esse propósito, é oportuno trazer para reflexão um fragmento do estudo de Xavier (2012), que entrevistou o presidente dos carreiros, à época o Sr. José Eugênio Guimarães Filho, o qual explicita seu compromisso em manter a tradição sempre pelo retorno ao passado construído pelos carreiros:

[...] desde 2011 ficou decretado que as romarias seriam separadas, mas houve um confronto de informações [...] virou bagunça, mas aqui é fé... Aqui é devoção. Aqui não tem política, [...]. Então, a gente — “taí” lutando para resgatar a cultura do carro de boi. Isso aí — “começo” com a história do Brasil... [...]. No Rio de Janeiro já — foi feito casas, a maioria... Muita gente não sabe... Foi com o carro de boi. Aqui em Goiânia, o palácio foi feito com o carro de boi. Meu avô e meu pai... Aos 12 anos meu pai trabalhou no Palácio Pedro Ludovico, então — “nóis” somos cheios de história boa... Cultura. Tem carreiro que batizou seu — “fii” aqui, e o — “fii” tem 55 anos. — “Óia” o tanto de anos que ele vem aqui na Trindade... Desde quando era ranchinho de palha. Agora, porque — “nóis” — num abraça essa causa? A fala do entrevistado remete a uma reflexão, além de uma fé e de uma luta entre as origens e as implicações modernas na romaria, sendo possível visualizar no contexto da história cultural ou mesmo da historiografia a transição da tradição religiosa de outro século para a explosão da fé e da cultura (Xavier, 2012 p. 45).

As colocações do senhor José Eugênio, colhidas por Xavier (2012), corroboram com aqueles relatos colhidos em nossas observações e também citados nos estudos que investigam os carreiros *in loco*. Outra motivação também constante em relato de um carreiro entrevistado por Xavier (2012, p. 46) aponta a tradição:

[...] A Romaria dos Carreiros é uma tradição já bem antiga de Trindade. Desde o princípio... O devoto do Divino Pai Eterno vinha a Trindade de carro de boi que era o único instrumento que utilizavam de locomoção, né... Então, teve seu início... Já foi início da romaria e a nossa intenção era cada vez mais preservá-la, né... Preservar essa romaria, preservar essa caminhada para que realmente a força do romeiro e a fé que o romeiro traz a Trindade seja realmente preservada. Então, esse é o *lôcus*, cada vez mais promover a fé do Pai Eterno. É... No sentido de permitir que o carreiro se sinta em casa, né, preservando a tradição, preservando esse cortejo bonito que agora — “nóis” estamos lutando para ser patrimônio nacional [...] ³⁷.

Em nossas observações, além dos relatos já registrados no início deste capítulo, também pudemos ouvir do senhor João Fortunato, atual presidente da Associação dos Carreiros, as seguintes considerações sobre a tradição da romaria:

Nosso objetivo todo ano é preservar a tradição. Sabemos que esses homens e mulheres (porque elas são essenciais nesta caminhada também) enfrentam muitas dificuldades. É preciso ter fé, devoção, amor e muita coragem para ficar na estrada tanto tempo carreando bois com todo o cuidado para que eles não sejam prejudicados. Você acredita que tem gente que fica nas redes sociais criticando dizendo que os animais estão sendo maltratados e que é preciso acionar o Ibama? Nada disso acontece [...] pelo contrário, há um cuidado muito grande com toda a boiada, inclusive com os pequeninhos (animais ainda em crescimento né) que também vem pra Trindade trazendo um carro de boi menor. Ah!... isso aqui não tem preço [...] veja a satisfação

³⁷ Silmar Rodrigues de Souza, 45 anos. Morador de Anicuns-Go. Entrevistado por Xavier (2012).

dos carreiros [...] e dessa forma vamos mantendo a tradição e fé (João Fortunato, presidente da Associação dos Carreiros).

O desejo de manter a tradição, presente em relatos registrados em nosso diário de campo no momento do desfile dos carreiros, é verificado no fato de os carreiros retornarem à Trindade movidos pelo desejo do reencontro, ou ainda pelo compromisso de manter a história iniciada pelos seus entes, como pudemos ouvir da mãe da menina Ada Cyra no dia da exibição do filme no festival de cinema de Trindade.

Subo neste palco emocionada [...] jamais minha pequena Ada Cyra imaginaria que viraria memória no portal do Carreiródromo, nos pertences deixados no museu da Basílica e agora neste filme. A história da nossa pequena “carreirinha” agora se eterniza porque poderá ser levada para todos os lados. O desejo de subir no carro de bois que infelizmente acabou de forma triste, tem sido eternizado pela nossa família todos os anos [...] uma homenagem dolorosa de se fazer, pois se passaram 22 anos e sempre doí lembrar quando nos colocamos a caminho para Trindade com os carros de bois e no desfile. Aguardamos ainda uma música que já foi gravada, mas está sem patrocínio para ser lançada. De todo modo fica minha gratidão [...] este momento é único. Certamente minha Ada Cyra está muito feliz de onde está olhando por nós lá de cima (Agradecimentos da mãe da menina após a exibição do filme em 14/12/2024).

Nota-se a partir do relato de Ailta que o caso trágico ocorrido com sua filha, ao invés de aniquilar a festa de Trindade, presta-se a mitificações (processo já em andamento e que poderá se ampliar no futuro).

Uma reflexão importante de se fazer a partir dos relatos desta mãe – e que também encontra eco em falas ouvidas durante nossa observação participante – é a de que a valorização dos carreiros também deve se dar pela ação do poder público. No estudo de Xavier (2011), encontramos em seus anexos uma foto do desfile de 2011, já no carreiródromo Ada Cyra (Figura 44), que revela a falta de investimento do poder público ou de patrocinadores.

Figura 48: Desfile de 2011



Fonte: Xavier, 2011

Ao compararmos esta imagem com aquelas já reproduzidas em nossa discussão sobre o carreiródromo no ano de 2024, verificamos que houve um aumento de investimento público e de patrocinadores. Visando tornar o evento mais monumental e atrelá-lo à iniciativa do poder público municipal, o prefeito declarou em 2024: “Nos desdobramos este ano para que este desfile seja espetacular e inesquecível.”

Portanto, a evolução e valorização do desfile de carros de bois envolve um conjunto de fatores, e o econômico faz parte deles. Este apoio tem ajudado a manter a tradição da romaria dos carros de bois que se iniciou de forma simples e com poucas comitivas, mas hoje é constituída por mais de 450 carros, além de cavaleiros e muladeiros em um movimento que envolve história, tradição, fé, memória, cultura, religiosidade e, sobretudo, disposição para continuar retornando a cada ano.

CONCLUSÃO

Ao propor uma reflexão sobre as motivações que levam os carreiros do Divino Pai Eterno todos os anos à Trindade para participarem da festa anual, pretendemos analisar este movimento a partir dos aspectos histórico, religioso e cultural, uma vez que estes constituem o fenômeno que acontece anualmente no município por ocasião da festa do Divino Pai Eterno. A partir da pesquisa teórica e das observações feitas na romaria do Divino Pai Eterno de 2024, podemos levantar considerações importantes sobre o proposto.

Ao retomarmos à origem da devoção ao Divino Pai Eterno no pequeno arraial do Barro Preto fizemos um percurso histórico a partir de Constantino Xavier e Ana Rosa e entendemos o conceito de circularidade referenciado pelo historiador Carlo Ginzburg e o de retrotopia defendido por Bauman.

Em relação ao primeiro, ocorre em Trindade um movimento circular, já que milhares de pessoas passam pelo município tanto no período da romaria, quanto nos demais meses do ano para visitar os santuários Matriz e Basílica e venerar a pequena imagem que abriga a Santíssima Trindade.

Ginzburg (1976) se contrapõe à visão linear e hierárquica da cultura, ao argumentar que as interações entre a cultura erudita e a popular não se dão em uma via de mão única, uma vez que existe um processo de mão dupla no qual as ideias, crenças e práticas circulam e se influenciam mutuamente, sendo reelaboradas e ressignificadas em diferentes níveis sociais.

Na romaria do Divino Pai Eterno as ideias e crenças se fundem no imaginário dos devotos, no qual cada um leva consigo um propósito, seja somente para conhecer a história da romaria, seja para agradecer por uma benção recebida, ou até mesmo para participar dos eventos da festa como o desfile dos carreiros. Portanto, esta circularidade não se finda justamente pela forma como se constitui sendo que a cada ano mais pessoas vão à Trindade para fortalecer a devoção ao Divino Pai Eterno.

A retrotopia presente também neste movimento acontece não apenas pelo mero anseio nostálgico, mas por uma busca ativa pelo tipo de crença presente no passado e que persiste no presente oferecendo respostas para os dilemas contemporâneos. Assim, a retrotopia se manifesta na valorização das tradições centenárias, nos rituais e orações, na romaria feita a pé, no desfile dos carros de bois, nas procissões e nos demais elementos que permitem um olhar no passado mas que é fixado no presente.

Conforme observamos nas falas dos carreiros em momentos de abordagens à imprensa, que os mesmos se colocam a caminho por diferentes motivos, com destaque para fé e tradição.

Isso aponta que a religiosidade é a principal motivação entre os carreiros e é a fé que sustenta os dias de viagens difíceis que na maioria das vezes demanda um longo tempo de caminhada pelas estradas goianas.

A fé é percebida entre os caminhantes que também fazem parte da romaria na tradicional caminhada de Goiânia à Trindade durante a festa anual cuja abordagem não ganhou ênfase nesta pesquisa em razão de nosso objeto ser outro, contudo, eles estão envolvidos no processo pois, são romeiros/peregrinos assim como os carreiros.

O fator religiosidade também foi percebido na missa dos carreiros onde eles participam com contrição. É na verdade, um momento de “selar” com o Divino todo o esforço empreendido desde que saem de suas cidades até chegarem à Trindade para depositarem seu agradecimento ao Divino Pai Eterno.

A percepção da religiosidade como principal elemento motivador dos carreiros se deu a partir dos conceitos da antropologia interpretativa ou simbólica defendida por Clifford Geertz (2018) por meio da qual foi possível adentrar no universo dos carreiros para então compreender os diferentes significados que eles carregam consigo em relação ao movimento que fazem até Trindade todos os anos.

Em nossas observações procuramos ir além de uma simples observação daquilo que estava acontecendo durante a romaria de 2024 no qual pudemos conhecer melhor os significados dos ritos e símbolos, pois, o movimento dos carreiros não é apenas uma simples apresentação pela cidade de Trindade durante o desfile dos carros de bois em que animais e homens se tornam o centro do processo. Pelo contrário, é algo que transcende ao percurso a pé pelas estradas goianas, ou ao desfile na quinta feira ou ainda a missa dos carreiros, já que o encontro com o sagrado a partir de todo esse processo, revela a essência do carreiros traduzida em emoção, fé, esperança e a certeza de um retorno no próximo ano.

Ao preservarem a tradição em Trindade por meio da fé, os carreiros o fazem em sua cultura, uma vez que a cidade é constituída por elementos culturais vislumbrados nas igrejas, nos museus, na própria tradição da Festa, nos pioneiros que ainda estão vivos entre outros elementos. Assim, a religião permanece legitimada por meio das crenças, ritos e símbolos, o que denota o aumento da procura pelo sagrado, uma vez que é na religião que as pessoas buscam e encontram respostas aos seus anseios diversos.

Nesse sentido, podemos dizer que a questão problema da pesquisa foi respondida, uma vez que sob o olhar da antropologia interpretativa, conseguimos entender que os demais motivos que levam os carreiros à romaria de carros de bois, como levar os filhos para conhecer o movimento, comercializar melhor o gado, retomar comitivas ou ainda, somente participar do

desfile de certo modo estão inseridos nos demais elementos, pois, o carreiródromo se torna o lugar de “consagração” do veículo disfuncional e anti-moderno, pois, ainda que muitos que assistem ao evento tenham críticas quanto a manutenção desta prática, é ali, no percurso do desfile e principalmente no carreiródromo que a tradição fica mais conhecida e ao mesmo tempo é elemento motivador para o retorno no próximo ano.

Em relação ao objetivo geral “realizar uma análise histórica do simbolismo dos carros de bois e dos carreiros a partir de descrições dos memorialistas e da autora, utilizando, para tanto, também registros fotográficos”, foi alcançado, uma vez que a literatura especializada, acrescida de descrições de memorialistas e das observações durante a romaria de 2024, ofereceram subsídios para compreender de que maneira o simbolismo dos carros de bois e da própria religiosidade em Trindade contribuíram para o crescimento e manutenção da devoção.

Do mesmo modo, os objetivos específicos “investigar historicamente a romaria do Divino Pai Eterno e sua relação com a romaria dos carros de bois; descrever as cidades que têm grupos de carreiros; e identificar o simbolismo dos carros de bois e dos romeiros na romaria do Divino Pai Eterno” também foram contemplados, uma vez que a identificação de todos esses elementos ofereceu subsídios e novas possibilidades para que pudéssemos adentrar no universo dos carreiros e conhecer mais profundamente a relação entre cultura, símbolo, fé e tradição constantes nesse movimento.

Todos esses elementos têm ajudado na superação de dificuldades e desafios enfrentados no caminho até Trindade pelos carreiros e são justamente eles que se tornam elementos motivadores para que homens e mulheres continuem se colocando a caminho todos os anos, quer seja apenas para conhecer a cidade, quer seja para fortalecer a fé e a crença no Divino Pai Eterno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ivone Maria Xavier de Amorim. O corpo cirieiro na festa da santa de nossa senhora de Nazaré, em Belém do Pará. **Revista do Programa de pós-graduação em Artes**, v.10 n. 18, out/Dez, 2024.

ALVES, Rodrigo. **Romaria dos Carros de Boi é registrada como Patrimônio Cultural do Brasil**. 18 de setembro de 2016 às 05:30. Disponível em < <https://opopular.com.br/magazine/romaria-dos-carros-de-boi-e-registrada-como-patrimonio-cultural-do-brasil-1.1149573>> Acesso em 20 abr. 2024.

AQUINO, Valéria Leite de. **Peregrinos do Pai Eterno**: os carreiros de Damolândia na Festa de Trindade – GO. Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2007) Disponível em < <https://www.gov.br/iphan/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/premios/concurso-silvio-romero/PeregrinosdoPaiEterno.pdf>> Acesso em 12 abr. 2024.

BARBOSA, Romero Ribeiro. Tempos e movimentos: uma breve digressão cultural dos carros de bois no território goiano. **Ciência Geográfica** - Bauru - XVIII - Vol. XVIII - (1): Janeiro/Dezembro – 2014. Disponível em < https://www.researchgate.net/profile/JoseEvelio/publication/334635813_CIENCIA_CIENCIA/links/5d372fcf299bf1995b44a29c/CIENCIA-CIENCIA.pdf#page=62 https://www.researchgate.net/profile/JoseEvelio/publication/334635813_CIENCIA_CIENCIA/links/5d372fcf299bf1995b44a29c/CIENCIA-CIENCIA.pdf#page=62> Acesso em 10 mar. 2025.

BAUMAN, Zygmunt. **Retrotopia**. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BÍBLIA SAGRADA. **Tradução da CNBB**. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1999.

BOAVENTURA, Deusa Maria Rodrigues; SILVA, Idaibes da Pascoa. Patrimônio histórico e cultural de trindade (GO). **Revista Temporis(ação)**. v 21 | n 1 | jan. / jun. | 2021.

BORGES, Fernanda. **Sala dos Milagres guarda histórias de fé dos romeiros que visitam Trindade**. 01/07/2014 07h26. Disponível em < <https://g1.globo.com/goias/festa-do-divino-pai-eterno/2014/noticia/2014/07/sala-dos-milagres-guarda-historias-de-fe-dos-romeiros-que-visitam-trindade.html#:~:text=A%20Sala%20dos%20Milagres%20teve,um%20bezerro%20de%20duas%20cabe%C3%A7as>> Acesso em 10 abr. 2024.

BRAGA, Célia Maria Leal. "A etnometodologia como recurso metodológico na análise sociológica." **Ci. Cult** 40.10 (1988): 957-66.

CARVALHO, Marcia Alves Faleiro de. **A romaria do Divino Pai Eterno em Trindade de Goiás**: permanências da tradição na modernidade (1970-2000) 1970-2000. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GOIÂNIA, 2007.

CASTRO, Maria Aparecida de. Romaria de carros de boi: a comunidade em foco. **FRAGMENTOS DE CULTURA**, Goiânia, v. 21, n. 4/6, p. 209-227, abr./jun. 2011.

CORCINIO JUNIOR, Givaldo Ferreira. **Arte e devoção**: ex-votos pictóricos do Divino Pai Eterno(Trindade/Go, séculos XX e XXI). Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Goiás, 2020.

DEUS, Maria Socorro de. **Romeiros de Goiás**: História da romaria de Trindade no século XX. Mestrado em História. Univesidade Federal de Goiás, 2000. Disponível em < <https://revistas.ufg.br/artce/article/view/54145>> Acesso em 15 jan. 2025.

ELÍADE, Mircea. **Mito do eterno retorno**. São Paulo: Mercuryo, 1992.

ENOQUE, Alessandro Gomes; ALMEIDA, Lorrana Laila Silva de Almeida. Análise da peregrinação nas festividades do Divino Pai Eterno em Trindade/GO. **Tur., Visão e Ação**, v23, n3, p476-495, Set./Dez. 2021.

FEDRIGO, Divina Luciane. **A arte de fabricar carro de boi como bem patrimonial dos goianos**: visualidades e desdobramentos do processo de de patrimonialização e salvaguarda. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Goiás, 2024. Disponível em < https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UEG-2_6f6ebccd55d9fc348636eefd19c2c4fc> Acesso em 24 abr. 2025.

FERREIRA, Sônia. **Soniando**. Goiânia: Kelps, 2000.

FLEURY, Bento Alves Jaime Curado. **Os ‘trieiros’, caminhos, estradas e andanças na história de Goiânia**. Jornal Opção. 10 de maio 2022 às 16h34. Disponível em < <https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/historia/estradas-de-goias-399013/>> Acesso em 20 abr. 2024.

GALERIA PONTES. **Ex-votos** (2023) Disponível em < <https://www.galeriapontes.com.br/project/ex-votos/#:~:text=A%20tradi%C3%A7%C3%A3o%20dos%20ex%2Dvotos,sobrevivido%20%C3%A0%20picada%20deste%20inseto.>> Acesso em 20 de abril de 2024.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Zahar Editores, 1978.

GEERTZ, Clifford.. **Um Jogo Absorvente**: Notas sobre a Briga de Galo Balinesa. In: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008/2018.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. Tradução Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. Dossiê de Registro – Romaria de Carros de Bois da Festa do Divino Pai Eterno de Trindade, 2015. Disponível em < <https://bcr.iphan.gov.br/documentos-do-process/dossie-de-registro-romaria-de-carros-de-bois-da-festa-do-divino-pai-eterno-de-trindade/>> Acesso em 12 fev. 2025.

JACÓB, Amir Salomão. **A santíssima Trindade do Barro Preto**. Cidade de Trindade: Edição do autor, 2000.

MACEDO, Emiliano Unzer. Religiosidade popular brasileira colonial: um retrato sincrético. **Revista Ágora**, Vitória, n. 7, 2008, p.1-20.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, jun. 2002, pp. 11 – 29.

MEIER, Christiane. **A Iconografia da Santíssima Trindade**. São Paulo: Paulus, 2021.

MOURÃO, Rodrigo Brasil da Fonseca. **O espaço sagrado em Mircea Eliade**. Dissertação de Mestrado, 2013. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Disponível em < <https://faculdadejesuita.edu.br/wp-content/uploads/2022/06/O-ESPACO-SAGRADO-SEGUNDO-MIRCEA-ELIADE.pdf>> Acesso em 15 mai. 2025.

NALINI, José Renato. **Utopia ou Retroutopia?** (2016) Disponível em < <https://academiapaulistadeletras.org.br/artigos.asp?materia=1131#:~:text=Est%C3%A1%20no%20passado.,%2C%20irrefletidamente%20e%20imprudentemente%20abandonado%E2%80%9D.>> Acesso em 16 mar. 2025.

OLIVEIRA, Carla Mary da Silva. A “glorificação dos santos franciscanos” do convento de Santo Antônio da Paraíba: algumas questões sobre pintura, alegoria barroca e produção artística no período colonial. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**. Outubro/ Novembro/ Dezembro de 2006 Vol. 3 Ano III nº 4.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. **Barroco e Rococó nas igrejas de São João Del-Rei e Tiradentes**. Brasília, DF: Iphan / Programa Monumenta, 2010. (Roteiros do Patrimônio; 8; tomo 1 e 2).

OLIVEIRA, Rozângela Aparecida de. **As rodas do tempo e a expressão da cultura no cerrado: a romaria dos carros de boi de Mossâmedes - Go** (1991-2020). Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Goiás – Campus Anápolis, 2021.

OLIVEIRA, Túlio Fernando Mendanha de. **“O carro de boi é a minha vida”**: técnicas e expressões culturais entre carapinas e carreiros no interior de Goiás. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Goiás, 2021.

PRADIER, Jean Marie. Etnocenologia: as encarnações do imaginário. Unidade da espécie. Diversidade dos olhares. **Revista de Antropologia**, 56(2), 99-136, 2013 <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2013.82462>

PRATA. **Enciclopédia online de técnicas de pintura**. Disponível em < [https://sergioprata.com.br/port/iconoclasmo.html#:~:text=No%20Cristianismo%2C%20o%20iconoclasmo%20\(tamb%C3%A9m,seus%20adoradores%2C%20chamados%20de%20icon%C3%B3filos](https://sergioprata.com.br/port/iconoclasmo.html#:~:text=No%20Cristianismo%2C%20o%20iconoclasmo%20(tamb%C3%A9m,seus%20adoradores%2C%20chamados%20de%20icon%C3%B3filos)> Acesso em 10 mar. 2025.

QUADROS, Eduardo Gusmão de. Milagres do Pai Eterno: visões do sobrenatural em três ex-votos do santuário de Trindade (GO). **Caminhos**. Goiânia, v. 15, n. 2, p. 223-233, jul./dez. 2017.

RÉAU, Louis. **L'Art au XVII Siecle en France: Style Louis XVI 1760-1789**: Architecture, Sculpture, Peinture, Arts Appliqués. Guy le Prat (1 janeiro 1952).

REINATO, Eduardo José. Imaginário religioso nos ex-votos e nos vitrais da Basílica de Trindade - GO. **História: debates e tendências**, v. 9, n. 2, p. 314-331, jul./dez. 2009.

Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/2966/2013>> Acesso em: 05 jan. 2023.

SANTOS, Fernando Martins dos. **Veiga Valle – Da morte do homem, ao nascimento do artista**. Anais do III Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Estadual de Goiás (CEPE/UEG): Inovação: inclusão social e direitos, v. 3 (2023). Disponível em <<https://www.anais.ueg.br/index.php/cepe/article/view/7457>> Acesso em 2 jul. 2024.

SANTOS, Fernando Martins. **Veiga Valle: recepção em estudos de identidade e tradição (1940-2001)**. Tese de Doutorado. Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, 2023.

SANTOS, Miguel Archangelo Nogueira dos. **Trindade de Goiás – uma cidade santuário: conjunturas de um fenômeno religioso no centro-oeste brasileiro**. Dissertação de Mestrado. Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Goiás em convênio com a Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, 1978. Disponível em <<https://www.historiografia.com.br/tese/148>> Acesso em 12 mar. 2024.

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO – GOVERNO DE GOIÁS. **Lei confere a Trindade título de Capital da Fé** (2023). Disponível em <<https://goias.gov.br/lei-confere-a-trindade-titulo-de-capital-da-fe/#:~:text=Trindade%2C%20na%20regi%C3%A3o%20metropolitana%20de,do%20Di%C3%A1rio%20Oficial%20do%20Estado.>> Acesso em 21 abr. 2024.

SOUZA, Bernardino Jose de. **Ciclo do carro de bois no Brasil**. Edição comemorativa do 30º aniversário de fundação da Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1958. Disponível em <<https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/455/1/GF%2015%20PDF%202%20-%20OCR%20-%20RED.pdf>> Acesso em 19 jul. 2024.

SUPERINTENDÊNCIA DO IPHAN EM GOIÁS. Dossiê Descritivo romaria dos carros de bois (2015). Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_RomariaCarrosdeBoi-compactado.pdf> Acesso em 12 jan. 2023.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

VELOSO, Jorge Graça. **Gemido da tradição: o carro de boi e o espetáculo da fé no louvor ao Divino Pai Eterno em Trindade, no estado de Goiás**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS, 5., 2008, Belo Horizonte. Anais eletrônicos [...]. Campinas: Belo Horizonte, 2008. VIA-VERITÁ-VITA. Santíssima Trindade. Disponível em <https://jesusviaveritasetvita.blogspot.com/2015/05/santissima-trindade-quadro-catequetico.html>

XAVIER, Meirelane Tradição, memória e devoção: a romaria dos carreiros nas festividades do Divino Pai Eterno em Trindade (GO); 2012. In: SUPERINTENDÊNCIA DO IPHAN EM GOIÁS. **Dossiê Descritivo romaria dos carros de bois** (2015). Disponível em <<https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/455/1/GF%2015%20PDF%202%20-%20OCR%20-%20RED.pdf>> Acesso em 19 jul. 2024.